

Giovanni Russo



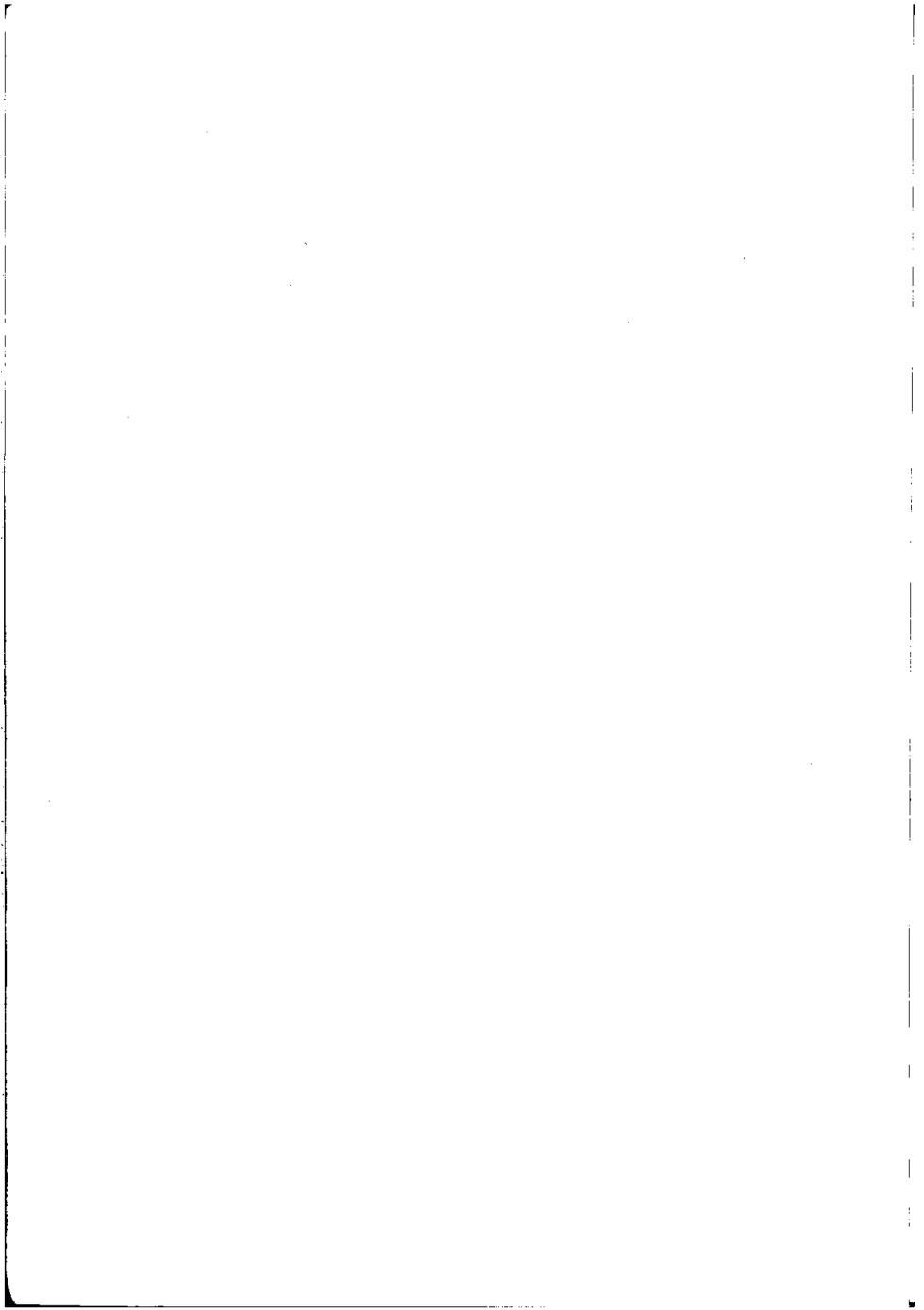
BIOÉTICA

em diálogo com os jovens



BIOÉTICA

em diálogo com os jovens



Giovanni Russo

BIOÉTICA

em diálogo com os jovens

CURSO DIALÓGICO SOBRE AS NOVAS FRONTEIRAS DA VIDA,
DA CIÊNCIA E DO AMBIENTE

UMA PERSPECTIVA DIALOGAL ENTRE LAICIDADE,
CATOLICISMO E CULTURAS



PAULLUS

Título original:
Bioética in dialogo con i giovani

© 2006 Editrice ELLEDICI – 10093 Leumann TO (Itália)

Tradução:
Padre Adérito Lourenço Louro, ssp

Pré-impressão e capa:
PAULUS Editora

Impressão e acabamento:
Empresa do Diário do Minho, Lda.

Depósito legal: 328039/11

ISBN: 978-972-30-1516-4

© PAULUS Editora, 2010
Rua D. Pedro de Cristo, 10
1749-092 LISBOA
Tel.: 218 437 620
Fax: 218 437 629
editor@paulus.pt

Departamento Comercial
Estrada de São Paulo
2685-704 APELAÇÃO
Tel.: 219 488 870
Fax: 219 948 875
comercial@paulus.pt
www.paulus.pt

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação sem autorização prévia, por escrito, do editor.

Apresentação

Uma proposta para o ensino

As páginas que se seguem pretendem ser uma proposta para estudantes e todos os que trabalham na formação de jovens, de casais e de famílias, mas sobretudo para o aprofundamento das problemáticas da bioética a nível didáctico. Pretendem ser um instrumento útil e essencial, em linguagem simples e incisiva, para estimular o confronto e a interiorização dos conteúdos dos valores da vida. São reflexões experimentadas, pois encontram-se já publicadas no *Bolletino Salesiano*, uma revista de grande difusão em Itália. Foram precisamente os seus leitores que insistiram para que se publicasse este subsídio.

Como utilizar o texto

O texto pode ser utilizado nos liceus, e servirá aos professores de Biologia, de Filosofia, de Ciências, de Direito, de Letras, de Religião, de cursos alternativos à Religião ou de outros cursos onde se queira reflectir sobre as novas fronteiras da Ciência e da Medicina e sobre os desafios éticos ao Homem contemporâneo.

Aconselha-se a forma de debate-confronto. Por isso, para além do texto básico, são oferecidos textos antológicos, explicações em glossário e caixas sobre os valores em questão respeitantes a um determinado tema, como também algumas perguntas para o debate na aula ou para aprofundamento de temáticas a desenvolver em trabalhos de casa.

Além disso, o docente pode oferecer uma introdução geral ao tema, inspirando-se no texto de base, para depois deixar aos alunos algum tempo para reflexão

sobre os textos antológicos, os valores e as perguntas, favorecendo a participação de todos no debate.

Aconselha-se vivamente a utilização da ficha cinematográfica, através da projecção do filme à maneira de cine-fórum, abrindo depois um debate. Durante o cine-fórum poder-se-iam convidar os pais dos alunos e envolvê-los no debate com os filhos.

Escolhemos textos de elaboração diversa, para que se conheçam as diferentes posições e se possa favorecer um “diálogo” construtivo entre as variadas perspectivas e pontos de vista.

1

O mundo da bioética

Foi dito

«É preciso, seja como for, alimentar a ideia de que o futuro do Homem não é algo já definido. O progresso humano não está garantido, nem é consequência natural da evolução darwiniana. Não é possível confiar no facto de que o mundo natural possa resistir aos nossos insultos [...]. A ciência não pode substituir a generosidade da Natureza, quando esta foi violentada e despojada de tudo. A ideia de que a sobrevivência do Homem é uma questão de economia ou de ciências políticas é um mito.»

V. R. POTTER, *Bioethics: Bridge to the future*, 1970.

O nascimento da bioética

A “bioética” nasce em 1970, por obra de Van Rensselaer Potter, um oncologista americano do Wisconsin, que inventou essa expressão definindo-a como a «ciência da sobrevivência», com a missão fundamental de promover a qualidade da vida. Potter, preocupado com o futuro do Homem, ou seja, com a qualidade da sua vida, pensa na bioética como numa ponte para o futuro, porque para ele não era suficiente pensar na vida e no *instinto* de sobrevivência como critério expectável de mudança do Homem em direcção ao futuro; é necessária, ao invés, uma *ciência* da sobrevivência – e para isso propõe a bioética – com a tarefa de melhorar a qualidade da vida nos ecossistemas.

O progresso do Homem, para Potter, não está assegurado pelo progresso da ciência, vê perigos intrínsecos nas aplicações científicas, sente a necessidade de uma nova disciplina que se deve ver como uma *biological wisdom*, uma sabedoria, que nasce da própria ciência enquanto realidade nas mãos do Ho-



- A bioética pôs em movimento uma profunda discussão sobre os "valores" do Homem, da sua vida e dos seus sofrimentos.
- A qualidade de vida tornou-se sinal de importância renovada pela qualidade dos valores morais.
- A "sacralidade" da vida pode integrar-se muito bem com a «qualidade da vida», porque sacralidade e qualidade são realidades com valor.

Foi dito

«A aparição e o desenvolvimento cada vez maior da bioética favoreceu a reflexão e o diálogo – entre crentes e não crentes, como também entre crentes de diversas religiões – sobre problemas éticos, mesmo fundamentais, que dizem respeito à vida do Homem.»

JOÃO PAULO II, *Evangelium vitae*, 1995, n.º 27.

mem, uma sabedoria sobre a ciência que se explica essencialmente como responsabilidade e humildade juntas, uma bioética enquanto consequência do peso duplo da responsabilidade daquilo que se sabe e da humildade daquilo que ainda não se conhece.

O que é a bioética?

A definição mais partilhada e mais afirmada da bioética é a de W. T. Reich: «É o estudo sistemático do comportamento humano na área das ciências da vida e da saúde, examinada à luz dos valores e dos princípios morais.»

Esta definição é caracterizada por três elementos:

- a) *Um estudo "sistemático" do comportamento humano*, ou seja, um estudo pensado científica e organizadamente; um estudo que expõe conceitos ordenando-os logicamente; a composição científica de mais elementos num todo unitário. Um estudo sistemático é uma construção lógica, que o campo ético ou o biológico não conseguiriam configurar adequadamente.
- b) *Na área das "ciências da vida e da saúde"*. A área das "ciências da vida" (*life sciences*) é uma área que abrange, numa visão global e interdisciplinar, o estudo da promoção da qualidade da vida do Homem no ambiente.
- c) *À luz dos "valores" e dos "princípios morais"*. A palavra princípios, nesta definição, significa "fontes da moralidade", princípios de base da moral.

Âmbitos de estudo da bioética

Podemos distinguir na bioética fundamentalmente sete âmbitos de pesquisa.

Bioética fundamental: estuda os "fundamentos", isto é, os "pressupostos" de base, os fundamentos filosóficos, teológicos, biomédicos, biotecnológicos, jurídicos, históricos, sistemáticos, etc. Não se

Foi dito

«Eis que coloco hoje diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. [...] Propus-te a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, portanto, a vida, para que tu e os teus descendentes possais viver.»

BÍBLIA, Dt 30,15-19

«Ouvistes o que foi dito aos antigos: "Não matarás! Quem matar será condenado pelo tribunal." Eu, porém, digo-vos: todo aquele que fica com raiva do seu irmão, torna-se réu perante o tribunal.»

BÍBLIA, Mt 5,21-22

«Quem matar uma pessoa é como se tivesse matado toda a Humanidade, e quem salvar uma pessoa é como se tivesse salvado toda a Humanidade.»

CORÂO, 5,32

«Não te apropries de nenhuma vida que Deus tornou sagrada, a não ser por justiça.»

CORÂO, 6,151

podem tratar aspectos particulares se antes não se constroem as bases. A bioética fundamental é importante, porque por detrás de cada modo de raciocinar em bioética estão dois fundamentos, precisamente os pilares que estruturam e justificam esse modo de pensar.

Bioética geral: indica os “princípios” e os “métodos” que justificam as afirmações da bioética. Por conseguinte, é tarefa sua estudar os princípios que ordenam a argumentação: princípio de indisponibilidade da vida, de solidariedade, de autonomia, de beneficência, de não maledicência, de justiça, de socialidade e subsidiariedade, de totalidade ou de terapêutica, etc.

Bioética médica: é o âmbito mais conhecido da bioética, o que enfrenta as novas fronteiras da biomedicina, da genética, das biotecnologias: desde a vida nascente até à terminal, desde as fases embrionárias até à morte cerebral, da pediatria aos transplantes, à eutanásia, à clonagem, à experimentação clínica. A bioética médica ocupa-se de problemas estritamente ligados ao campo da saúde e da doença.

Bioética da alimentação: é o estudo interdisciplinar da qualidade da vida na problemática alimentar. Na bioética da alimentação propõe-se o melhoramento da qualidade de vida do Homem, da sua saúde, da sua interacção com o ecossistema.

Bioética social: trata-se daquele campo da vida que está em relação estreita com a organização social e política. A promoção da qualidade da vida, tarefa fundamental e primária da bioética, é por vezes estreitamente dependente de algumas variáveis de carácter social, que dão origem a problemáticas que brotam de relações interpessoais ou políticas de incómodo ou de administração descoordenada. A vida não está só confiada às nossas mãos e à nossa livre autodeterminação; pelo contrário, a vida, quando estruturada sobre a prioridade do princípio

ALTERIDADE

Perspectiva relacional com acentuação da realidade dos valores do outro, da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diversidade. Por isso está na base do reconhecimento da unicidade das pessoas e da convivência pacífica entre as diversas perspectivas.

Foi dito

«Penso que a coisa mais importante para um ser humano é a *qualidade de vida*. A meu ver não deveriam ser as instituições a decidir sobre a vida de um indivíduo. Penso que um indivíduo adulto e consciente tem o direito de decidir sobre a sua vida e de exprimir a sua vontade.»

P. SINGER, Entrevista a *Il Giornale*, 7 de Setembro de 2002.

de “liberdade”, facilmente interfere na vida como “bem comum”. De facto, a vida é coordenada não só pelo paradigma da liberdade, mas também pelo paradigma da **alteridade**, pela atenção solidária ao outro. A nossa vida é verdadeiramente “nossa”, não porque está defendida autónoma e individualisticamente, mas porque está aberta à “vida alheia”, à vida enquanto “bem partilhado” e confiada aos cuidados solidários e afectuosos de quem está diante de nós como um outro, como complemento.

Bioética ambiental: cresce todos os dias a consciência de que o Homem não pode deixar de considerar com inteligência a biosfera e os ecossistemas. Pelo contrário, trata-se de um dos mais graves desafios que pesam sobre a Humanidade inteira e que abrange a responsabilidade de todos: políticos e cientistas, industriais e educadores, economistas e filósofos. Biosfera e ecossistemas, se por um lado requerem a obra organizadora do Homem, por outro denunciam a obra devastadora do Homem. perante a perspectiva documentada de uma Terra com recursos limitados, não bastam as reacções emotivas, a rejeição do progresso, o controlo dos nascimentos, etc. A atenção deve ser colocada no investimento de inteligência e finanças para a promoção de uma melhor qualidade da vida.

Bioética animal: a actividade dos movimentos em favor dos animais, contrários à vivissecção, a sensibilidade pela defesa das florestas, os grupos contrários à produção de carnes geneticamente modificadas, uma filosofia muito espalhada entre grupos quer religiosos quer seculares sobre a inteligência e sensibilidade dos animais, a ampla difusão dos animais de companhia contribuíram para um interesse extraordinário por este campo. Os animais permaneceram em muitas culturas como meras bestas, deixando amplos espaços aos comportamentos humanos hoje considerados “bestiais”. Os animais, reduzidos a “coisas”, considerados me-

Foi dito

«O eclipse do sentido de Deus e do Homem conduz inevitavelmente ao materialismo prático, no qual proliferam o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo [...]. O único fim que conta é a busca do próprio bem-estar material. A chamada "qualidade de vida" é interpretada prevalente ou exclusivamente como eficiência econômica, consumismo desenfreado, beleza e prazer da vida física, esquecendo as dimensões mais profundas da existência, como são as interpessoais, espirituais e religiosas.»

«Também é preciso saudar favoravelmente a atenção crescente à *qualidade de vida* e à *ecologia*, que se registra sobretudo nas sociedades mais avançadas, nas quais os anseios das pessoas já não estão concentrados tanto sobre os problemas da sobrevivência mas sobretudo na procura de um melhoramento global das condições de vida.»

JOÃO PAULO II, *Evangelium vitae*, 1995, n.º 23 e 27.

ramente enquanto úteis no trabalho e para a alimentação dos homens, foram tratados com crueldade cega, sem algum valor intrínseco, que isenta o Homem de hoje de qualquer obrigação moral em relação a eles.

A bioética para a promoção da qualidade da vida

O conceito de "qualidade de vida" ocupa um lugar central nas nossas sociedades avançadas. Cada vez estamos mais conscientes de que não basta viver, mas é preciso "viver bem", promover uma vida de qualidade, ou seja, uma vida caracterizada pelo bem-estar psicofísico. Estar bem, melhorar as condições de saúde do nosso corpo, procurar uma vida agradável, é visto como uma prioridade do nosso empenho em favor da saúde e de um estilo de vida mais avançado.

O conceito de "qualidade de vida" refere-se a uma cultura que apareceu nos anos 50, como consequência de uma situação de melhoramento geral da saúde humana (relativamente à precariedade do período das Guerras Mundiais) e como reconhecimento acrescido do bem da vida. As novas descobertas no campo das terapias (em particular a descobertas dos antibióticos), a chegada das tecnologias biomédicas, uma redução notável da mortalidade infantil e o prolongamento da idade média da população são todos elementos que contribuíram para perceber os aspectos "qualitativos" da vida. Além disso, basta pensarmos na atenção às Ciências Humanas e nas dimensões psicológicas da pessoa, na nova consciência da corporeidade como valor, à introdução de seguros de saúde e ao bem-estar, etc. Em suma, caminha-se para a certeza de que não basta viver, é preciso viver bem, apontar para o bem-estar, para uma vida qualitativamente melhor.

Para debater em grupo

- ◆ Pensas que a bioética é apenas uma contestação que está “na moda” ou instaurou verdadeiramente um profundo debate acerca das raízes da vida?
- ◆ Porque é que na sociedade devemos tutelar a dignidade da vida enquanto realidade sagrada e intocável?
- ◆ O conceito de qualidade de vida é muitas vezes oposto ao da sacralidade. Pensas que a motivação seja ideológica?
- ◆ O que pensas acerca das barreiras entre a perspectiva “laica” e a “confessional”?

Mas hoje qualidade de vida significa também promoção de alguns elementos do bem-estar e rejeição da vida provada e marcada pelo sofrimento. Instaurou-se um modelo de qualidade de vida *versus* sacralidade da vida. Estabelecer que nem todas as condições de vida se podem dizer humanamente “qualitativas” é de algum modo discriminatório. Quem é que pode estabelecer uma hierarquia de valores sobre as condições de qualidade? O desejo de qualidade de vida é um desejo de melhoramento das condições de bem-estar, mas não de avaliação de valores morais. Numa sociedade pluralista e multicultural, como é que se podem estabelecer critérios éticos de qualidade de vida? Serão necessariamente diferenciados, pelo que alguns escolherão não defender a vida precária, ao passo que outros – convictos da intangibilidade da vida – optarão por o fazer.

Uma sociedade democrática e pluralista toma nota das diferenças éticas presentes no tecido social e acautela-se quanto a colocar-se do lado de uma das facções. Uma sociedade liberal não é uma sociedade neutra (porque não existe uma sociedade sem valores éticos de tipo algum), mas é uma sociedade que respeita todas as posições éticas, dando liberdade de escolha às componentes sociais. O respeito pelas diversas posições exige a “coexistência”, mesmo jurídica, das elaborações éticas, desde que não queiramos considerar ainda democrática e liberal uma sociedade que impede algumas comunidades éticas de se poderem exprimir. A liberdade de pensamento é a ideia base de uma sociedade democrática e não totalitária. Muitas vezes quer-se excluir a perspectiva cristã da vida pública.

“Qualidade” e “sacralidade” da vida não deveriam ser lidas de forma antagónica, porque os dois modelos não se excluem necessariamente. Cada vida tem a sua “qualidade” ética, e também na mais precária e sofredora podem encontrar-se valores notáveis não só para a pessoa, mas também para a sociedade. Pensemos no contributo de tantos deficientes para o crescimento da ciência, ou na redescoberta da dignidade da própria vida e dos valores familiares de pessoas provadas pela doença e pelo sofrimento.

2

Dignidade e valor da vida humana



- A vida é um mistério para *contemplar*. O dom de Deus é maravilhoso e a Sua imagem está gravada na dignidade da vida.
- A vida é uma realidade sagrada, que jamais pode ser entendida completamente.
- A vida, em sentido absoluto, pertence só a Deus.
- A vida é um valor de que ninguém pode dispor e que ninguém pode atacar.

A vida é um dom maravilhoso

Uma das propriedades fundamentais e mais nítidas do ser humano é a vida. O Homem é *homo vivens*: é humano enquanto está “vivo”. Enquanto o fenómeno da vida é um dado certo e óbvio, o seu significado, a sua verdadeira natureza e a sua origem são coisas assaz complexas, obscuras e misteriosas.

Desde o momento em que o Homem pôde reflectir sobre a condição da sua existência, compreendeu que um *mistério grande e inefável* envolve a sua vida. Esta escapa-se-lhe e fascina-o, enche-o de curiosidade e de admiração. Para encontrar respostas que não sejam inadequadas acerca do nascer, viver e morrer, o Homem debruça-se sobre a compreensão dos problemas da sua vida com uma atitude respeitosa perante o mistério que ela contém: coloca a vida no horizonte daquelas realidades sagradas que podem ser compreendidas, mas nunca por inteiro.

O desenvolvimento extraordinário da ciência e da técnica, em lugar de afastar, actualizou e enfatizou a interrogação sobre a vida e sobre a sua origem.

ODISSEIA

No poema homônimo de Homero, indica as dificuldades, as aventuras, as incomodidades e as situações imprevisíveis que Ulisses teve de enfrentar no percurso da vida.

VERDADE

O significado mais profundo das coisas, a dignidade intrínseca da vida da História.

CONTEMPLAR

É a capacidade de olhar com admiração e espanto para os valores e para as riquezas de uma realidade carregada de transcendência.

Foi dito

«Não podemos compreender a vida, se de algum modo não conseguirmos explicar a morte.»

L. PIRANDELLO, *O falecido Mattia Pascal*, 2010, cap. x.

A partir do momento em que a interrogação sobre a origem da vida é uma pergunta que o Homem coloca a si mesmo, ela é inseparável da necessidade de conhecer o “porquê” da vida, o “sentido” da vida. Não é admissível que a ciência chegue a descobrir a origem da vida sem que descubra, ao mesmo tempo, o “sentido” da vida, a sua finalidade intrínseca.

A vida é assim um *mistério a explorar*, um lugar a conhecer, em que se continuam a realizar tentativas de pesquisa geográfica e especulativa. A *Odisseia*, de Homero, é o resultado desse desejo profundo de descobrir o mistério da realidade. Ulisses vive a tragédia de um destino adverso que se abate sobre ele, mas serve-se dele para navegar até aos confins da realidade; sofre toda a espécie de adversidades, mas tenta sempre dominar-lhe a violência para saborear-lhe o gosto dos seus segredos mais recônditos; deixando-se amarrar ao mastro do navio, consegue ouvir o canto arrebatador e sedutor das sereias.

Fotografar todos os rostos da vida: é este o grande desejo daquele que quer revelar o mistério dela; mas nisto ele descobre o limite das suas possibilidades. E isto porque o Homem traz dentro de si a verdade do mistério da vida. Conhecer a verdade significa conhecer a vida. O itinerário da descoberta da **verdade**, da história de cada pessoa tal como da Humanidade inteira, pode ser representado como um itinerário percorrido pelo Homem seguindo as pegadas da vida, sua mestra.

Um mistério para contemplar

A vida é também um *mistério para contemplar*. A contemplação que o Homem faz do mistério da vida transforma-se sempre em “autocontemplação”; se parte da contemplação das “coisas” terrenas, obrigatoriamente chegará à percepção da sua superioridade em relação a todos os outros seres

Foi dito

«A vida é oportunidade,
capta-a;
A vida é beleza, admira-a;
A vida é um desafio, enfrenta-o;
A vida é preciosa, cuida dela;
A vida é uma riqueza,
conserva-a;
A vida é amor, goza-o;
A vida é mistério, descobre-o;
A vida é sofrimento,
ultrapassa-o;
A vida é um hino, canta-o;
A vida é uma luta, aceita-a;
A vida é uma aventura,
arrisca-te;
A vida é felicidade, merece-a;
A vida é vida, salva-a!»

MADRE TERESA DE CALCUTA

existentes no mundo; se, ao contrário, parte da contemplação do mistério de Deus, necessariamente terá de baixar o olhar até à contemplação do fruto mais significativo da Criação de Deus, o próprio Homem. Contemplar e autocontemplar-se é possível somente, como afirma Hartmann, ao Homem não apressado.

Esta é a atitude que permite perceber o significado mais genuíno da vida em geral e da vida em particular. A contemplação é saber ver as coisas, mas ver ao mesmo tempo para além delas; fixar a variedade das imagens da vida como faz uma máquina de filmar, mas observá-las por dentro e explicitar-lhes o significado mais recôndito. A atitude contemplativa identifica-se com essa tensão para a pureza transcendente e para a genuinidade da vida que inevitavelmente se desencadeia em quem lhe percebeu, contemplativamente, o significado mais autêntico. A vida é um mistério que jamais se acaba de contemplar.

Dom de Deus

Para um Homem de ciência, a vida é uma organização particular da matéria. Para o Homem comum, pelo contrário, a vida é amor, a vida é luta, a vida é sofrimento, a vida é esperança ou algo semelhante. Esta é uma simbologia na qual se lê a informação de que a vida do Homem está posta, devido à sua essência, sob o signo da *ambivalência* e do *risco*. Nenhum automatismo ou magia a pode garantir, e nenhuma sabedoria pode revelar o segredo que lhe assegura a permanência e o crescimento.

Para o Homem de fé, a vida é dom de Deus. A vida provém da liberdade beneficente de Deus e, quando atinge o ápice no Homem, revela-se como dádiva que se desenvolve no âmbito da liberdade. Só a aceitação dela como dádiva, devendo renunciar a querer dispor dela autonomamente, para a

Para debater em grupo

- ◆ Que relação vês entre a vida como dom de Deus e a liberdade do Homem em dispor dela?
- ◆ Julgas possível um pluralismo sobre a indisponibilidade da vida? Se sim, então quem dispõe da vida alheia nos campos de extermínio tinha direito de opinião?
- ◆ A dignidade da vida tem valor absoluto; como vêes quem dispõe da vida no seu nascimento, com o aborto?
- ◆ Pensas que é aceitável dispor da vida nas suas fases terminais, quando o indivíduo é permanentemente incapaz de compreender e as suas condições são terminais?
- ◆ A vida é um valor transcendente, aberto à vida eterna. Como se pode anunciar esta mensagem hoje?

reconhecer com gratidão e obediência enquanto proveniente da livre benevolência de Deus, é que faz que a vida possa crescer como vida de qualidade. De facto, a vida, em sentido absoluto, *pertence só a Deus*. Há sempre algo a mais em Deus que pode criar vida até mesmo na morte.

A pergunta sobre o significado da vida em geral, e da vida humana em particular, é ao mesmo tempo, para todos e sempre, tensão cognoscitiva perante o seu mistério e tentativa humana, ora lícita ora proibida, como no caso de Adão e Eva, de se apropriar cada vez mais e melhor do seu significado recôndito. A vida aparece ora como transcendência, ora como tragédia, ora como lugar a explorar quer geográfica quer especulativamente, ora como relação de amor evanescente, invasor, irresistível, passional ou catártico, ora como processo maiêutico ou contemplativo, ora como realidade que se deve decompor em todos os seus pormenores ou como itinerário existencial em direcção a um além alcançado e ao mesmo tempo inatingível, ora, enfim, como um amontoado de vários sentimentos contrapostos e a conseqüente prevalência alternada de um ou de outro deles.

Portanto, a vida em poder do Homem *transcende* a sua realidade pessoal, não sendo ele a criá-la, e não pertencendo a ele tirá-la. Crente ou não crente, a pessoa nota sempre que essa vida que agora está nas suas mãos é e permanece sempre algo muito superior à sua própria realidade: embora possuindo-a, não a julga como coisa sua; usa-a, mas não a domina; transmite-a, mas não a origina; pode possuí-la, mas é também possuído por ela.



A VIDA É BELA (*La Vita è Bella*)

Género: Drama. **Realização:** Roberto Benigni.
Ano de produção: 1997. **Duração:** 110 minutos.

ARGUMENTO: No final dos anos 30, na Toscana, Itália, dois jovens deixam o campo e mudam-se para a cidade. Guido, o mais arrebitado, quer abrir uma livraria no centro histórico; o outro, Ferruccio, trabalha como estofador, mas entretém-se a escrever poesias cómicas e irreverentes. Enquanto esperam que se realizem os seus sonhos, o primeiro encontra trabalho como criado de quarto no Grand Hotel, e o segundo como empregado numa loja de tecidos. A certa altura, Guido enamora-se por uma professora, Dora, e para a conquistar inventa o impossível: aparece-lhe continuamente trajado de inspector escolar e encanta-a com o seu automóvel Balilla. Mas Dora deve casar com um antigo colega de escola, e, no entanto, não anda satisfeita porque vê que o carácter deste mudou muito. Quando no Grand Hotel é anunciado o casamento, Guido irrompe na sala a cavalo e rapta Dora. Casam e têm um menino, Josué. Chegam as leis raciais, chega a guerra. Guido, de religião hebraica, é deportado com o filhinho. Dora muda de residência. No campo de concentração, para manter o filho longe dos crimes que lhe são atribuídos, Guido faz-lhe crer que ambos fazem parte de um jogo em que é preciso ultrapassar dificuldades para ganhar. Assim a vida continua até ao momento em que Guido é afastado e morto. Mas entretanto a guerra acabou. Josué sai, encontra a mãe e vai ter com ela todo contente, dizendo: «Ganhámos!»

AVALIAÇÃO PASTORAL: O filme é composto por duas partes bem distintas. Na primeira é descrita a vida quotidiana numa pequena cidade italiana nos anos 30, com a afirmação das várias simbologias mussolinianas e o lento aproximar-se dos sinais de guerra. Na segunda parte, toda ambientada no campo de concentração, emerge a ideia central, ou seja, a do recurso à fantasia como única solução para permitir ao pequeno Josué passar indemne na tragédia do campo de concentração, sair dele sem traumas e poder crescer com um conhecimento maior. O "cómico" Benigni pode assim continuar a ser ele mesmo e aproveitar-se da sua capacidade cômica e mimética numa situação de dificuldade absoluta. Daqui resulta uma espécie de metáfora sobre as capacidades mais profundas do ser humano, um convite a encontrar dentro de si mesmo a força para reagir e ultrapassar os momentos trágicos que a História ciclicamente apresenta. O ser humano, as suas qualidades, a aspiração a uma vida serena e justa devem derrotar, mesmo com um sorriso, os portadores de violência e de morte. É um filme também que denuncia o absurdo da guerra, um filme de conteúdos intensos, confiado a muitos momentos poéticos, mais presentes na segunda parte, ao passo que na primeira condescende a algumas situações mais óbvias e previsíveis.

3

Amor e sexualidade hoje. Ainda podem ser estáveis e imutáveis?

EROS

Na mitologia grega, Eros é o deus do amor. Hoje, erotismo indica o amor sensual, gestos e expressões da sexualidade que têm por fim a obtenção do prazer.



- O amor é uma força de comunhão que enquanto acolhe o *dom* também impela ao *compromisso* da doação. O pudor é o sentimento mais imediato que abre uma passagem para uma revelação "íntima" da personalidade.
- O corpo sexuado, enquanto "imagem do Deus invisível", é um lugar privilegiado de encontro com Ele. É por isso que os pecados contra o sexto Mandamento

A sexualidade hoje

No contexto actual, a sexualidade humana é vista de modo muito positivo, embora não falem sinais negativos que abrangem em particular as mulheres e as crianças. De um lado emerge uma grande luz sobre o amor humano, que se realiza na corporeidade sexuada e que se pode tornar caminho de espiritualidade e vocação, ao passo que também é verdade que assistimos a uma forte **erotização** das relações e da cultura do prazer. Na verdade, para além das sombras, a beleza do amor humano, que se realiza no itinerário sexual das pessoas, fala da beleza do Amor de Deus.

A identidade do ser humano é essencialmente amor. Isto realiza-se na corporeidade e na sexualidade que é então fonte de significados e de valores profundos. Nas sociedades actuais reconhece-se na sexualidade uma função particular, porque contribui para revelar o sentido da vida e da vocação humana. De facto, hoje, em diversos níveis tende-se a descobrir o corpo como fonte de significados e de

são sempre relevantes moralmente.

- O afecto sexual manifesta-se propriamente na união conjugal. É uma relação levada ao máximo da intimidade, sendo finalizada também no nascimento de uma criança.

Foi dito

«*Eros e ágape* – amor ascendente e amor descendente – nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral.»

BENTO XVI, *Deus caritas est*, 2005, n.º 7.

Foi dito

«O amor tem dois significados, conforme for entendido na acepção do ter ou na acepção do ser. Pode-se ter amor? Se assim fosse, o amor deveria ser necessariamente uma coisa, uma substância que se pode ter, guardar, possuir. A verdade é que não existe de modo algum o amor como coisa: trata-se de uma abstracção [...]. Se o amor é vívido segundo a modalidade do ter, isso implica limitação, cativoiro, ou então domínio do objecto que se ama. Reduz-se a um estrangulamento, a uma sufocação, a um esmagamento, a uma matança, mas não é um acto vital. O que as pessoas definem como amor é na maior

valores, como caminho de acesso privilegiado para a compreensão da vida e da História. A sexualidade é elemento constitutivo da pessoa, exprime-a, relewa o carácter típico do Homem e torna-o capaz de amar e de entrar em comunhão com os outros.

Sexualidade e reciprocidade

Mas nas nossas sociedades de hoje, como é que o amor humano e a sexualidade podem ser estáveis? Só se inseridos no amor. Para ser assim, a sexualidade deve ser inserida no quadro da “pessoa”, que não é só corpo, mas também psique e espírito. Isto significa que na sexualidade nada é meramente biológico, físico, corporal, mas tudo é dialógico. Na sexualidade tudo fala de reciprocidade. Este aspecto fundamental indica o âmbito propriamente “humano” da sexualidade, para a distinguir de uma sexualidade de tipo zoológico; indica por isso a estrita e necessária relação da sexualidade com a relação de amizade e de amor. Um diálogo que se realiza na diversidade sexual, ao encontro da masculinidade e da feminilidade.

A sexualidade na reciprocidade é inerente ao Homem enquanto ser capaz de comunhão. A relação com o outro não está na linha de uma simples aproximação – a qual jamais se poderia tornar reciprocidade das pessoas –, mas é amizade e encontro, portanto, na realidade que se refere àquela estrutura comunal que é o dinamismo natural para construir a relação no amor. Neste sentido, a relação comunal, sendo dinamismo que brota do ser da pessoa, faz que o Homem se possa sentir plenamente realizado na relação sexual. Por isso, uma sexualidade que não se baseie na verdadeira comunhão é uma relação exterior que não permite “encontrar” a pessoa que existe no outro. É esta a razão por que o encontro erótico físico é dimensão real no Homem, mas não é todo o Homem, isto é, não esgota a riqueza da pessoa que se manifesta na

parte dos casos um abuso do termo, voltado para esconder a realidade da sua capacidade de amar [...]. Já que amar é uma actividade produtiva, pode-se somente estar em amor ou entrar num estado amoroso; mas não se pode "tomar-se" de amores, expressão que denota uma atitude passiva.»

E. FROMM, *Ter ou ser*, 1999.

PROFECIA

Levar a mensagem de Deus, ser sinal da verdade de Deus. A profecia da sexualidade indica a capacidade de ela ser a mensagem de Deus sobre o amor humano.

Para debater em grupo

- ◆ A sexualidade é sinal profético do amor. Se hoje o amor está em crise, é porque também o está a sexualidade?
- ◆ Tem ainda sentido falar de "pudor" na sexualidade? O que é o pudor?
- ◆ O prazer sexual é obra da Criação. Onde é que está o pecado?
- ◆ As relações interpessoais são hoje muito erotizadas. A amizade é verdadeiramente o lugar do amor verdadeiro?
- ◆ A castidade indica uma sexualidade carregada de valor. Porque é que hoje é vista como algo de negativo?
- ◆ O corpo é hoje objecto de culto e de fetichismo. Qual é aqui o papel dos meios de comunicação social?

comunhão e no amor. Portanto, a sexualidade na sua autenticidade deve ser vivida na linha do *ser* e não do *ter*. O que conta no amor não é possuir, mas a pura gratuidade que se doa ao outro. O *ter* indica um conceito da sexualidade como algo que se "tem" e não como se "é", ou seja, indica que a sexualidade se obtém do outro como algo que se quer ter, como um objecto que se quer possuir. Na realidade, a sexualidade não é algo que se tem, é a estrutura íntima do nosso ser feito antes de mais para amar. Isto indica que a sexualidade não é mero exercício genital, mas é um modo de ser de uma personalidade, e isso significa também que pode acontecer que uma pessoa escolha (por exemplo, por vocação) não exercer a sexualidade genital, para testemunhar o amor como valor não exclusivo, transcendente e eterno.

A dimensão "profética" da sexualidade

É aqui que surge a dimensão "**profética**" da sexualidade. O Homem "é" a sua corporeidade no sentido de que a sua identidade mais profunda é amor. O Homem é essencialmente amor, manifesta-se como um contínuo mendigo de amor, sente-se chamado a construir na História sobretudo amor. O amor é a vocação primogénita e fundamental do Homem. A sexualidade vivida na autenticidade de uma relação estável é profecia da centralidade do amor na vida do Homem e da História. O casal que vive a comunhão e o amor, ao ser "uma só carne", testemunha que o amor é aquilo que é derradeira e verdadeiramente importante na História, o homem e a mulher tornam-se um sinal profético que recorda que só o amor permanece verdadeiramente na vida. A sexualidade, no contexto da comunhão e da reciprocidade, indica portanto que já na corporeidade e intimidade do Homem está inscrita essencialmente a nossa identidade e o próprio sentido da vida e da História. O corpo sexuado é

IMAGEM

Sinal visível do Deus invisível, traz consigo a marca do Autor, ou seja, de Deus. Cristo, Palavra do Pai, encarnando um rosto humano é a Imagem perfeita: o visível do Deus invisível.

apelo “profético” de uma mensagem fundamental: que a identidade do Homem, o sentido da sua vida, a verdade última da História estão contidos no amor.

“Imagem” do Deus invisível

No cristianismo, o corpo, enquanto traz consigo a dignidade de “**imagem**” do Deus invisível, contribui para revelar a natureza mais íntima de Deus: o Amor. Através da experiência da sua corporeidade sexuada – isto é, da sua própria intimidade – feita para o amor, o Homem pode descobrir a natureza mais íntima de Deus, que é Amor. O corpo é, portanto, um lugar “profético” que revela a “natureza íntima” quer do Homem – feito para amar – quer de Deus, que é essencialmente Amor. E é através da sua corporeidade sexuada que o cristão anuncia e testemunha o Deus-Amor: os esposos profetizam, ao serem «uma só carne», aquele amor grande de Cristo pela Sua esposa (a Igreja) amada até à morte na Cruz; as pessoas consagradas profetizam, na sua virgindade, a exclusividade do amor na História e a transcendência do amor que jamais acaba, um amor típico do Reino de Deus onde já não haverá homem ou mulher, mas todos seremos uma só coisa no Amor de Deus.

**RECEBO-TE** (*Io accolgo te*)**Género:** Romance. **Realização:** Daniele Azzola.**Ano:** 2005. **Duração:** 20 minutos.

ARGUMENTO: Sara e Pedro celebram o primeiro aniversário do seu Matrimónio. Folheando o álbum de fotos do seu casamento, Sara revive, numa série de *flashback*, os momentos mais importantes da sua relação com Pedro. Na escolha que fizeram um do outro não faltaram dificuldades e dúvidas. Foi um caminho de amadurecimento que os levou a superar os preconceitos e as atitudes de muitos jovens de hoje face ao Matrimónio e à celebração cristã do seu amor.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Pelo desenrolar do filme, diversos temas que envolvem a questão do Matrimónio são enunciados, o que significa que em apenas 20 minutos, temos a possibilidade de encontrar muitas questões e verificamos que nada é deixado ao acaso. Em certa medida, a trama do filme aparece em segundo plano, servindo mais para evidenciar o tema e a discussão que ele quer abordar. Todavia, é espantoso como se abordam estes temas de forma leve, esclarecedora e cativante. Com uma óptima banda sonora e bons actores, aquilo que aparenta ser um filme seco e monótono torna-se numa história com um fio condutor interessante e, ao nível do debate, intrigante para qualquer espectador. A nível pastoral trata-se de um filme ideal para uma exposição sobre o sacramento do Matrimónio, tendo sido realizado exactamente com esse propósito. Ainda assim, é importante que antes de se apresentar o filme em grupo se tome nota das principais questões colocadas pelo filme, de modo que o debate que daqui possa surgir seja mais enriquecedor para todos.

DVD e livro de acompanhamento *Recebo-te, Diálogos sobre o Matrimónio* (46 pp.).

4

Sexualidade e olhares humanos. Reflexões sobre as nossas atitudes afectivas

MALÍCIA

É a capacidade de pensar e de agir para fins não bons; pensar no mal e na astúcia para o realizar.



- Os olhos não são só um instrumento dos sentidos, mas o lugar através do qual exercemos o controlo da nossa personalidade.
- Através dos nossos olhares vê-se *quem* nós somos, que tipo de pessoa somos, que tipo de personalidade estamos a construir.
- Os nossos olhares exigem ser “orientados” segundo o nosso projecto de vida.
- A “mortificação” dos olhos é o passo concreto com o qual *orientamos* a nossa vida para Cristo.

Quem somos nos nossos olhares?

Nos nossos olhares e nos nossos pensamentos nós somos alguém. Temos um estilo e uma personalidade quando olhamos ou pensamos certas coisas. O nosso olhar deixa transparecer o modo *como* olhamos e o que pensamos.

Vê-se quando olhamos com simpatia e quando olhamos com **malícia**; vê-se se queremos bem ou se queremos mal, nota-se quando olhamos para uma pessoa admirando-lhe o fascínio e a beleza e quando nos nossos pensamentos como que a possuímos. Nos nossos olhares vê-se não só se andamos desiludidos ou satisfeitos, mas vê-se também se somos correctos e leais ou se somos mal-educados e indecentes. Vê-se *o que* é que procuramos, o que desejamos. Vê-se... o quê? Vê-se *quem* nós somos, que tipo de pessoa somos, que espécie de jovens somos, qual é a personalidade que estamos a construir.

Os jovens, em particular, são pessoas fantásticas, mas ao mesmo tempo têm muita fantasia, a fantasia com a qual percorrem caminhos e atalhos,

Foi dito

«Os olhos. Quando se notam demasiado, há alguma coisa que não está bem do outro lado. Mas o olhar de amor é diferente de todos os outros. Os olhos mais castos não pestanejam perante a sedução, não se fecham diante da verdade, não se deixam encantar pelos prodígios. Os olhos apaixonados, pelo contrário, baixam-se perante as lisonjas, escurecem diante da verdade e deixam-se enganar pelos sedutores.»

V. CERAMI, *Dizionario dell'amore*, 2002.

sonhos e desejos impossíveis. Tudo isto por um lado é belo e maravilhoso, porque faz sonhar e projectar, permite-nos de algum modo vislumbrar o futuro, a possibilidade de construir um mundo novo, mais justo e mais belo. Mas é também verdade que por vezes nos nossos pensamentos e olhares se escondem muitas frustrações, pelo que com as nossas fantasias procuramos compensações e sucedâneos, sonhos proibidos, coisas e possibilidades que depois na realidade são inverosímeis.

Os olhos, porta afectiva

É importante para os jovens, tal como para as pessoas adultas, para os educadores e para os animadores, para os pais e para os professores, perguntar-nos qual é a qualidade dos nossos pensamentos e dos nossos olhares. Que tipo de personalidade queremos construir, que futuro? Isto é, pensamos em coisas boas ou em coisas discutíveis? Os nossos sentimentos e os nossos afectos o que é que procuram, com o que é que sonham?

A sexualidade é uma realidade bela, obra de Deus Criador, podemos pensar coisas belas e estupendas da nossa amizade com uma rapariga ou um rapaz, dimensões afectivas de partilha autêntica. Mas também é verdade que, com os nossos pensamentos, podemos despir a beleza de uma criatura e reduzi-la a uma "coisa", instrumentalizar os dons da sua corporeidade para prazeres egoístas. Com os nossos olhos podemos olhar de modo possessivo para uma pessoa e desejar coisas que – se fossem outros a pensar assim dos nossos familiares, pais, irmãos ou irmãs – ficaríamos profundamente indignados.

Através dos nossos olhos entram dentro de nós muitas imagens, provocações eróticas que certas coisas ou espectáculos acentuam. Sentimo-nos, por vezes, literalmente alvejados por essas figuras

Para debater em grupo

- ◆ Qual é a qualidade dos nossos pensamentos e dos nossos olhares?
- ◆ Quais são os afectos que os nossos olhares procuram? Que tipo de relações desejam?
- ◆ Sentimo-nos, por vezes, literalmente alvejados por figuras e imagens televisivas provocantes. Como reagimos?
- ◆ Podemos ser vítimas de todos os que, através de certas imagens, nos dominam, levando-nos para onde eles projectaram, para os seus fins. Como pais ou educadores, o que é que fazemos?

e representações, provocadas intimamente, estimuladas nos nossos instintos. Tudo isto pode edificar em nós manias e distorções de personalidade pelas quais porventura um dia poderemos sentir-nos perturbados.

Atitudes juvenis

O cristão reage fazendo escolhas, mudando de canal televisivo, evitando deleitar-se com pensamentos obscenos e indecentes, “mortificando os olhos”, ou seja, orientando os seus olhares para outras coisas, as que ele projectou enquanto pertencentes ao seu estilo e aos seus valores. Se não “orientarmos” os nossos olhares e os nossos pensamentos, tornamo-nos vítimas de todos os que, através dessas imagens, decidiram dominar-nos, levar-nos para onde *eles* projectaram, usando-nos para os seus fins.

São João Bosco era muito sensível à psicologia religiosa dos olhos, convidando os seus rapazes à mortificação orientada para os seus projectos. Como São Domingos Sávio, escolhamos estar do lado de Jesus, das coisas belas, procuremos uma afectividade que é amizade verdadeira, feita de afecto sincero e leal, de confiança e de confidência, do prazer de estar em companhia e gozar do bem das outras pessoas.



À PRIMEIRA VISTA (*At first sight*)

Gênero: Comédia. **Realização:** Irwin Winkler.
Ano de produção: 1999. **Duração:** 129 minutos.

ARGUMENTO: O jovem Virgil Adamson (Val Kilmer) perdeu a visão quando era criança. Hoje trabalha como massagista numa tranquila localidade de veraneio a norte de Nova Iorque, onde vive com a irmã, e todos o conhecem e estimam. Um dia chega Amy Benic (Mira Sorvino), arquitecta em Manhattan, com uma depressão. Alguns dias depois, Amy dá a entender a Virgil que está apaixonada por ele. Ambos passam uma temporada juntos, e depois Amy convida Virgil a ir com ela para Nova Iorque para procurar novas hipóteses de ele recuperar a visão. Inesperadamente, Amy não obtém aquele entusiasmo que esperava: Virgil não quer alimentar essas esperanças. E, no entanto, uma intervenção cirúrgica experimental restitui-lhe a visão, e Virgil encontra-se catapultado para um mundo de objectos sem sentido para ele, de distâncias difíceis de medir, de conceitos que não são fáceis de exprimir. Amy procura inserir Virgil na vida quotidiana da cidade, mas nem tudo é assim tão simples. Certa noite vão juntos à festa de aniversário de Duncan, sócio dela e seu ex-marido. Em seguida Amy e Duncan vão juntos, por motivos profissionais, para Atlanta. Quando regressam, Virgil pede explicações, e ambos ficam esclarecidos. Entretanto Virgil já nota uma diminuição da visão. Vai a uma consulta médica: a retina está fraca e ele caminha de novo para a cegueira. Encontra o pai, que tinha desaparecido aquando da sua cegueira, depois vai com Amy ao estádio de hóquei, e em seguida regressa a casa. Pouco depois fica completamente cego e profere uma conferência sobre toda a sua experiência. No parque de estacionamento ouve que alguém o chama: é Amy, que volta para ele. E caminham juntos ao longo da avenida.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Na base do argumento está um acontecimento autêntico, narrado por Oliver Sacks, neurologo e escritor de renome, num volume com o título: *Um antropólogo em Marte*. Certamente o realismo de fundo está muito diluído no interior de uma narração que, à medida que avança, abandona a parte mais especificamente científica do argumento para se dedicar a temas sentimentais próprios da comédia tradicional americana. Estão presentes por isso todos os momentos mais característicos: incompreensões, dúvidas, discussões, sentimentos, rivalidades, o propósito final de seguir sempre em frente. Diz-se que não devem ser alimentadas fáceis ilusões e que, para além das possibilidades da ciência, o deficiente deve ser acolhido por aquilo que é, como pessoa e como indivíduo. Tudo dito com argumentos a descoberto e facilmente compreensíveis. Do ponto de vista pastoral, o filme pode classificar-se como positivo e aceitável pela sua extrema simplicidade.

5

Sexualidade e castidade

CASTIDADE

É a capacidade positiva da pessoa de orientar a sua sexualidade segundo um projecto de vida de amor, conforme o Amor de Deus. A sexualidade é casta quando orientada para a verdade do amor.

Os dois elementos da questão

Sexualidade e **castidade** são dois elementos que na vida cristã exprimem dois valores: a beleza da sexualidade, dom de Deus Criador, e o esforço do Homem na castidade em viver a sexualidade com autêntica liberdade. Sexualidade e castidade, de facto, preenchem a vida da plenitude do amor, derramado nos nossos corações no Baptismo e partilhado pelo homem e pela mulher na alegria da reciprocidade. São João Bosco apreciava o binómio sexualidade e castidade e propunha-o quotidianamente aos seus jovens como caminho de liberdade e de contínua descoberta das múltiplas dimensões do amor, cujas expressões do eros encontram verdadeira autenticidade no Matrimónio.

Beleza e valor da sexualidade

A sexualidade humana exprime-se em dimensões diversas: o sexo genético (cromossomas XX ou XY), o sexo genital, a amizade, a ternura, a reciprocida-

VALORES
EM
QUESTÃO

- Sexualidade e castidade preenchem a vida com a plenitude do amor.
- A castidade exprime a capacidade de liberdade interior do Homem consigo mesmo, de reciprocidade não erotizada e de adesão ao amor de Deus.
- A castidade manifesta a personalidade do Homem, a virtude de viver a sexualidade como fonte de valores humanos e como caminho de espiritualidade.
- A castidade indica a proximidade – ou a distância – do nosso corpo ao corpo dos outros.
- A castidade indica a proximidade de duas pessoas com o Amor de Deus.

VIRTUDE

É a condição da pessoa em viver em conformidade com os valores morais; torna o indivíduo humano capaz de fazer o bem e de evitar o mal; realiza-o com uma felicidade como plenitude de vida.

de, a oblação como dom total de si no amor, etc. Na corporeidade tudo isto encontra expressões diversas, enquanto a psique humana – na originalidade de cada pessoa – oferece riquezas infinitas. Não há limites para as expressões da beleza do amor, porque o amor humano é rico e original em cada pessoa, enquanto imagem da reciprocidade e do amor das Pessoas Divinas que o Homem traz consigo. A sexualidade é por isso constitutiva da pessoa, exprime-a, revela a tipicidade do Homem e torna-o capaz de amar e de entrar em comunhão com outros. Fora deste contexto, a sexualidade é fonte de instrumentalização das pessoas e, em alguns casos, mesmo de violência.

A castidade, caminho para a autenticidade da sexualidade

A castidade está entre as características mais nobres da pessoa: exprime a capacidade de liberdade interior do Homem consigo mesmo, de reciprocidade não erotizada e de adesão a Deus e ao Seu dom de amor. A castidade não é mortificação da sexualidade, nem coincide com o não exercício dos eros, ou seja, a continência. Pelo contrário, a castidade manifesta a personalidade do Homem, a disposição estável da sua pessoa (**virtude**) em viver a sexualidade como fonte de valores humanos e como caminho de espiritualidade. Indica a adesão consciente da pessoa a uma vida não instintiva, mas de uma libertação quotidiana, a escolha em ordem à edificação de um corpo livre e bem formado, um corpo belo, em harmonia consigo próprio. A castidade indica a proximidade – ou a distância – do nosso corpo em relação ao corpo dos outros, mas sobretudo indica a proximidade de duas pessoas com o Amor de Deus.

Foi dito

«A castidade é a energia espiritual que liberta o amor do egoísmo e da agressividade. Na medida em que, no ser humano, a castidade enfraquece, nessa mesma medida o seu amor torna-se progressivamente egoísta, isto é, a satisfação de um desejo de prazer e não já dom de si.»

PONT. CONS. FAMÍLIA, *Sexualidade Humana: verdade e significado*, 1995, n.º 16.

Para debater em grupo

- ◆ Porque é que na sociedade a castidade é vista como continência, isto é, como o não exercício da sexualidade?
- ◆ Achas que a castidade pode encher de alegria uma vida?
- ◆ Pode existir uma sexualidade virtuosa sem castidade?
- ◆ Como viver a castidade na relação de amizade?
- ◆ Quais podem ser os sinais de uma personalidade casta?

Sexualidade e castidade “provadas” pela fragilidade e pelo pecado

A pessoa humana experimenta todos os dias que a autenticidade é um caminho árduo, que sexualidade e castidade nem sempre avançam juntas. Não estamos na inocência original, no Éden, e o nosso corpo é “provado” quotidianamente *ad intra* (nós mesmos) e *ad extra* (os outros). Os nossos desejos e as nossas paixões estão marcados pelo pecado, constroem relações pobres e, por vezes, mesmo vazias. Sem castidade, a sexualidade é sempre “vazia”, sem conteúdos de valor e de plenitude, e por isso insaciável e sempre à procura de sucedâneos. As perturbações da castidade indicam a “necessidade” de um *encontro* por parte do Homem. A castidade, vivida no esforço quotidiano de autenticidade, contribui para esse encontro, isto é, para a descoberta do outro como “carne da sua própria carne”. Neste esforço, o Homem não está sozinho com a sua liberdade, mas encontra a liberdade do Amor divino, que transforma o coração e fortalece o corpo. É a experiência de uma castidade virtuosa, “rica”. É a experiência da riqueza e da beleza de um Amor que seduz e a que não se pode resistir. É a experiência de um Encontro em que cada encontro humano reencontra “a carne da sua carne”, a plenitude de uma alegria que preenche uma vida.

**O ÚLTIMO BEIJO** (*The Last Kiss*)

Género: Drama, Comédia, Romance. **Realização:** Tony Goldwyn.
Ano: 2006. **Duração:** 115 minutos.

ARGUMENTO: A personagem principal, Michael, está a um mês de celebrar o seu trigésimo aniversário. Nesta altura da sua vida, ele tem tudo o que sempre quis: namorada, emprego, casa, carro. Mas a sua namorada Jenna está grávida e ele receia que a sua vida se transforme numa prisão cheia de momentos rotineiros e obrigatórios. É então que no casamento de um amigo ele conhece Kim, uma jovem estudante sensual e descontraída, que personifica toda a espontaneidade e juventude que falta na sua vida.

Uma história que nos relata e descreve a vida sentimental de um casal e de um grupo de grandes amigos em que o amor, o casamento e o compromisso entram no processo de tornar os jovens adolescentes em jovens adultos.

AValiação Pastoral: Apesar de ser um filme descontraído e com um enredo um pouco heterodoxo, as questões que ele coloca são as habituais do dia-a-dia de um adolescente e de um jovem adulto. O final do filme é bastante original e não deixa de surpreender o espectador mais céptico. Como tema de fundo, o filme envereda pelas relações humanas tendo como contraponto o desejo, as ambições e os sonhos ou objectivos de vida de cada um.

Sendo o discernimento um exercício muito precioso, é nesta perspectiva que talvez todo o filme ganha um sentido prático e útil para um debate acerca do amor e da amizade. Ao nível pastoral trata-se de um filme que além de cómico é também envolvente e dramático, com alguns momentos susceptíveis de algum cuidado na linguagem e na imagem, mas no geral com uma boa harmonização e abordagem mais próxima da vida real dos jovens casais de hoje em dia.

6

Auto-erotismo e masturbação. Da procura do bem-estar ao narcisismo?



- A sexualidade é uma realidade interpessoal que se deve viver na reciprocidade. O auto-erotismo coloca a sexualidade fora deste dinamismo relacional.
- O auto-erotismo "constrói" no jovem uma imagem fantasiosa interpessoal da sexualidade, mas ao mesmo tempo fecha-o em si mesmo.
- O auto-erotismo, através da fantasia erótica, pode construir dinâmismos homossexuais e heterossexuais, bem como verdadeiras perversões e manias.
- Sendo embora um acto objectivamente sempre fora da ordem própria da sexualidade, subjectivamente a pessoa nem sempre é responsável.

O fenómeno hoje

O fenómeno auto-erótico hoje já não corresponde às antigas definições de excitação mecânica dos órgãos genitais (masturbação). Na situação actual, é possível satisfazer o prazer sexual através de fantasias eróticas intensas, pornografia, Internet, contactos de zonas erógenas. Em todos os casos, a excitação sexual é procurada, saindo fora da espontaneidade de expressões da emotividade sexual. Resumindo, quando falarmos de auto-erotismo é preciso indicar um fenómeno patológico da pessoa que deseja satisfazer um estímulo sexual individualmente, separando-o da expressão da sexualidade enquanto realidade de reciprocidade e valor interpessoal. Mas não nos podemos contentar com conceitos, se quisermos aprofundar este argumento, que actualmente interessa a uma faixa cada vez mais extensa não só de adolescentes, mas também de adultos. É necessário, então, descobrir os motivos que levam à difusão desta prática, quais são as

ZONAS ERÓGENAS

São áreas do corpo sensíveis aos impulsos da sexualidade. O estímulo dessas áreas provoca uma excitação sexual.

VALORES

É alguma coisa digna de estima, de apreço, algo nobre e digno de ser protegido. Os valores éticos não são por isso conceitos, mas dimensões e factos que envolvem a nossa vida e a das outras pessoas. Quando em matéria de vida e de morte se fala de modo a defender algumas coisas como importantes, então compreende-se como os valores são importantes.

PULSÕES

São impulsos, estímulos interiores para agir de modo a conseguir metas primárias dos desejos profundos do Homem. São a energia psicofísica necessária para a sobrevivência do Homem (por exemplo: respirar, dormir, comer, beber, etc.).

consequências e as implicações éticas, e a que nível pode ser possível uma intervenção educativa.

A descoberta das zonas erógenas nos jovens

É típico na idade da pré-adolescência descobrir sensações novas nas **zonas erógenas**, ou seja, nos genitais. Os jovens dão-se conta de que o que ouviam dizer a colegas ou amigos mais velhos não é somente uma descrição, mas sim uma experiência que em certo ponto da sua idade os toca de perto e que lhes faz experimentar um prazer especial, precisamente o prazer sexual. Com efeito, a sexualidade é fonte de prazer e de realização da nossa personalidade.

Mas isto não se manifesta somente no prazer que os jovens experimentam nos genitais, mas em toda a sua personalidade, ou seja, é um prazer que os torna felizes porque realiza **valores**, os do “projecto” das suas vidas. O prazer sexual por si só pode tornar-se violência – como no caso da pedofilia ou do estupro – ou então comércio e “venda” do próprio corpo, como pode ser, por exemplo, na prostituição. O prazer sexual torna a pessoa verdadeiramente feliz se for uma experiência de comunhão profunda e doação de si mesma a uma pessoa a que se está ligado por uma relação estável e reconhecida, como é o Matrimónio.

O auto-erotismo é um fenómeno presente na vida dos jovens, não só porque se descobrem as sensações novas e agradáveis do erotismo, mas também porque nesta idade da vida as **pulsões** sexuais se vão estruturando cada vez mais com a puberdade, que é precisamente o ciclo de maturação da sexualidade segundo a masculinidade ou feminilidade inscrita nos cromossomas. Se por um lado é normal sentir as pulsões sexuais que surgem de vez em quando, por outro lado não é moralmente correcto

Foi dito

«Freud afirma que o egoísta é um narcisista, que concentrou em si mesmo toda a capacidade de amar. É verdade que os egoístas são incapazes de amar os outros, mas são também incapazes de se amar a si mesmos.»

E. FROMM, *A arte de amar*, 2002

para o cristão secundar o prazer sexual mediante a masturbação, porque seria usar a sexualidade quase como um sucedâneo. Na verdade, a sexualidade é algo que nos realiza verdadeiramente se inserida num projecto de doação de nós próprios a uma pessoa que amamos e à qual nos entregamos totalmente, até formar com ela “uma só carne”, como diz a Bíblia. O auto-erotismo leva, pelo contrário, a pessoa a fechar-se em si mesma e a satisfazer um estímulo egoisticamente, separando-o da expressão íntima da sexualidade enquanto valor interpessoal e matrimonial. É isto por vezes até não deixar à pessoa a liberdade de o não fazer quando não quer.

Ajudar a viver com serenidade

É preciso, no entanto, ajudar o adolescente a viver com serenidade e sem excessivos sentimentos de culpa a experiência auto-erótica, até porque poderia intensificar o fenómeno precisamente por causa da tensão do sentimento de culpa, que se iria aliviar com novos actos masturbatórios. Pelo contrário, é preciso estarmos atentos às consequências, porque o acto solitário, enquanto por um lado constrói no jovem uma imagem fantasiosa “interpessoal” da sexualidade, por outro pode construir dinamismos homossexuais e heterossexuais, bem como verdadeiras perversões e manias. O fenómeno auto-erótico não educado está na origem de muitas perturbações afectivas da personalidade adulta. O jovem deve ser guiado a viver a sua sexualidade como abertura aos outros, lugar de comunicação de si mesmo e doação recíproca, não uma mercadoria de troca ou lugar solitário de satisfação do prazer.

RESPONSABILIDADE

É a capacidade do indivíduo humano de responder pelas acções que provêm da sua conduta. A pessoa na sua liberdade age ciente de dever prestar contas das suas acções.

O problema no adulto

O auto-erotismo está presente nos adultos, mesmo se casados. As causas poderiam procurar-se no facto de que a maturidade do jovem foi atrasada por factores sociais que o ligaram por mais tempo à família (prolongamento dos estudos, falta ou incerteza de emprego...). Mas no indivíduo adulto não se trata de gestos isolados, mas de um hábito adquirido há algum tempo, sintoma de um problema não resolvido, de uma sexualidade à procura de compensação e de sucedâneos, ou de dificuldades relacionais que o casal pode ter.

Para formularmos um juízo sobre a responsabilidade ética é preciso distinguir a acção casual do comportamento radicado e habitual. A Psicologia ajuda a ver como algumas dificuldades afectivas estão sempre presentes e, em certos casos, a imaturidade afectiva pode prolongar-se para além da idade juvenil, pelo que os hábitos adquiridos podem influir sobre o comportamento, atenuando o carácter deliberado do acto, e fazer que, subjectivamente, não haja sempre uma responsabilidade directa. Todavia, em geral, a falta de **responsabilidade** não deve ser presumida, o que significaria desconhecer a capacidade moral das pessoas.

Uma pedagogia preventiva

A acção preventiva deve ser eficaz. Esta procura evitar carências afectivas profundas. O amor do educador, como clima educativo dos centros juvenis, educa extraordinariamente para valores, para a dignidade e para o respeito da vida, do corpo, do sexo. A frequência de centros e de comunidades de vida cristã pode ajudar os jovens que se sintam sós, inseguros, a inserirem-se nos estudos e no trabalho, a ocuparem os tempos livres oferecendo-lhes experiências de encontro, de alegria, de actividades,

Para debater em grupo

- ◆ O fenómeno auto-erótico é somente um problema psicológico, ou envolve também a responsabilidade ética das pessoas?
- ◆ Qual é a influência da sociedade na erotização das relações humanas?
- ◆ Os meios de comunicação social e a Internet têm um papel somente negativo ou têm um papel também construtivo?
- ◆ Como podemos, nos grupos de jovens ou na catequese, ajudar os jovens a resolver o problema?
- ◆ No casal, certos fechamentos auto-eróticos são só expressões de imaturidade afectiva, ou também de dificuldades relacionais?

fornecendo-lhes ocasiões para novas relações afectivas e de solidariedade.

O mesmo se diga da experiência da participação em grupos de jovens. É um factor importante que se junta à acção da família e da escola, e que muitas vezes tem uma importância deveras relevante na formação da pessoa. As Ciências Humanas consideram os grupos como condição positiva para a formação, especialmente o *desporto*. Quando posto ao serviço do Homem possui um grande valor educativo não apenas como disciplina corporal, mas também como ocasião de *são desanuviamento*, no qual o jovem aprende a renunciar ao seu egoísmo e a *confrontar-se com os outros*.

Finalmente, a pedagogia dos Sacramentos. O sacramento da Reconciliação, enquanto nos purifica dos pecados, torna-nos também mais fortes nas tentações, graças ao Espírito Santo que é invocado sobre nós. É o sacramento da Eucaristia, que é o Corpo de Cristo, edifica o nosso corpo segundo o projecto do Pai, para uma alegria plena que Deus derrama nos nossos corações.



O DECÁLOGO VI – NÃO COMETER ACTOS IMPUROS
(Dekalog VI – Nie cudzołóz)

Género: Dramático. **Realização:** Krzysztof Kieslowski.
Ano: 1990. **Duração:** 61 minutos.

ARGUMENTO: Em Varsóvia (Polónia), Tornek, um rapaz de 19 anos, empregado nos Correios, quando regressa a casa, espia com um binóculo Magda, uma mulher de 30 anos, inquilina do prédio dianteiro, uma mulher bela e independente, sexualmente livre e disponível para receber homens em sua casa. Obcecado pelo desejo dessa mulher, Tornek envia-lhe avisos de pagamento inexistentes; manda-lhe a casa técnicos do gás com o pretexto de uma fuga (mas só para perturbar os seus encontros amorosos); aceita um segundo trabalho como paquete para a poder ver de manhã ao entregar-lhe o leite. Tendo conseguido finalmente entrar em casa dela e declarar-lhe os seus desejos, Tornek não consegue ter relações com ela. Humilhado, desgostoso e desesperado, o jovem, depois de ter tentado o suicídio, desaparece. Magda, inquieta pela ausência do jovem, vai à procura dele, e agora é ela que o tenta espiar. Passado muito tempo, Tornek, agora já não enamorado de Magda, volta a vê-la na estação dos Correios, declara-lhe friamente que deixou de espiar o seu corpo e os seus actos amorosos.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Aqui os "actos impuros" destroem todos os sonhos e ilusões de amor. E no entanto fica-se com a ideia de que se trata, afinal, de uma breve história de amor que, nascida sob os auspícios de espreitadelas de adolescente, acaba, para ambos os protagonistas, no pranto e no remorso da mulher e na tomada de consciência do rapaz humilhado. São estas duas luzes preciosas que iluminam o drama. É um "duo" magistralmente proposto, tratado até com alguma dureza num crescendo de tensão e obsessão que o realizador parece tratar com perfeição. Tudo num clima de certo modo abstracto e, como nos outros episódios do *Decálogo*, na atmosfera estranha (os grandes condomínios, as ruas vazias, viandantes desconhecidos), como que a representar e significar uma Varsóvia de preferência nocturna e silenciosa, quase a significar o anonimato implacável de uma vida em que o amor espontâneo, o amor-paixão não encontram nem espaço nem lugar. Os gestos e os rostos dos intérpretes, diferentes mas muito humanos, exprimem aquele sentido de fatalidade que a temática de Kieslowski parece privilegiar, mas a que não dá sentido moralista. Fotografia exemplar pelo brilho do enquadramento (é de Witold Adamek), com imagens que a coluna sonora enriquece de vibrações pertinentes.

7

A homossexualidade hoje. Falemos dela serenamente...

BISSEXUALIDADE

No indivíduo humano indica uma atracção sexual por ambos os sexos. Quando estruturada, a identidade pessoal vive o conflito da identidade sexual oscilante.

COMPLEXO DE ÉDIPO

Explica a maturação do menino através da identificação com o pai, para com quem nutre sentimentos hostis, por medo de que lhe "roube" o afecto materno. O complexo semelhante nas meninas é o complexo de Electra.

Já se nasce homossexual?

A homossexualidade, propriamente falando, é uma condição da personalidade pela qual o indivíduo experimenta sentimentos eróticos interiores intensos por pessoas do mesmo sexo. Possui conotações particulares em relação à adolescência e às perturbações que ela pode manifestar na orientação heterossexual, mas isso não significa que todos os jovens passem por essa experiência. Devem por isso redimensionar-se certas afirmações fundadas na presumível "**bissexualidade**" de cada ser humano, pela qual todos conhecem fases ou ciclos homossexuais. Ser homem ou mulher, embora apresente as feições masculinas ou femininas dos pais na sua estrutura psicofísica, não comporta uma bissexualidade estrutural. Freud sustentava que não há dúvidas acerca do domínio do dado psicológico sobre o genético (isto é, não se nasce homossexual).

Entre as causas da homossexualidade têm particular importância as psicológicas e as pedagógicas. Das primeiras recordamos a ausência da figura pater-

VALORES
EM
QUESTÃO

- A homossexualidade não está inscrita nos genes do Homem, mas é um facto psicológico profundo.
- O homossexual, enquanto tal, é simples e absolutamente uma pessoa. A discriminação e o desprezo pelas pessoas homossexuais são contrários à dignidade do ser humano.
- Os actos homossexuais estão fora da ordem da sexualidade, que é por sua natureza heterossexual. Portanto, devem considerar-se moralmente desordenados.
- A homossexualidade, como ensina a Bíblia, é consequência do pecado.
- Do ponto de vista subjectivo, nem sempre há responsabilidade da pessoa.
- Os actos homossexuais são pecaminosos, mas são-no também os actos heterossexuais, quando realizados fora do contexto conjugal.

na (a superação do **complexo de Édipo**), ou então uma presença paterna psicologicamente rejeitada pelo filho (pai autoritário), ou a ausência da figura materna (falta da base de afecto para os filhos), ou a figura materna que faz as vezes do pai. Entre as causas pedagógicas está uma educação errada na qual o jovem sofreu violências sexuais. Não se pode esquecer o papel do imaginário sexual na maturação heterossexual, pelo que é preciso dizer que um comportamento masturbatório concentrado sobre pessoas do mesmo sexo, ou as proibições sexuais da sociedade têm um papel importante na orientação dos sentimentos dos jovens. A permissividade sexual e a procura de experiências transgressoras contribuem também elas para o aparecimento de personalidades homossexuais.

Para a superação da homossexualidade influem quer elementos psicológicos quer éticos, como as experiências particularmente agitadas de uma conversão religiosa ou outras experiências positivas ou negativas que causam uma reviravolta totalmente nova na vida e no pensamento. A reversibilidade da homossexualidade tem percursos motivados na vontade de construir uma personalidade por “identificação” com as figuras parentais e por “disciplina”, meio educativo insubstituível na habilitação das desconexões da insegurança psicológica.

O que é que diz a Bíblia?

Os dados das Ciências Humanas, da Psicologia em particular, estão em sintonia com a descrição bíblica, afirmando que o ser humano pessoal é masculino e feminino não apenas na diferenciação do seu ser sexuado como tal, mas também na sua subjectividade pessoal. Ou seja, o homem tem em si dimensões da feminilidade que integra na comunhão interpessoal com a mulher, de modo que, “uma só carne”, se descobre homem e pessoa.

Foi dito

«A homossexualidade faz falir todas as prestações, todos os sistemas baseados na prestação; destrói o Estado nas suas bases. A isto acrescenta-se o facto de o homossexual ser um indivíduo radicalmente doente no plano psíquico. É fraco e comporta-se como um covarde nos momentos decisivos. Creio que num tempo de guerra possa ser corajoso de vez em quando, mas no campo civil eles são os homens mais covardes que se possam imaginar.»

H. HITLER, Discurso de 18 de Fevereiro de 1937 aos generais das SS, Org. por M. Consoli, Milão, 1991.

OBJECTIVO/ /SUBJECTIVO

No juízo acerca da responsabilidade moral, *objectivo* indica o bem e o mal em si mesmos, um acto que *de per se* é sempre correcto ou incorrecto eticamente. *Subjectivo* indica, pelo contrário, o *status* de falta de responsabilidade moral de uma acção de que não se é capaz ou de que não se compreende a importância. Uma criança pode realizar acções objectivamente incorrectas, e não ser subjectivamente culpável.

E vice-versa para a mulher. O homem, gerado por um homem e por uma mulher, tem na sua estrutura psicossomática as feições de ambos. Isto é também verdade se é autêntica a interpretação bíblica do facto de que a mulher foi “tirada” do homem, no sentido de que a natureza do homem deriva da dependência de outrem. Não é que cada pessoa não seja completa em si mesma: ambos “dependem” na sua identidade da imagem divina.

O obscurecimento do sentido de Deus contribui também para o aparecimento ou a afirmação de perturbações homossexuais. A Sagrada Escritura sublinha que a homossexualidade é uma das consequências do pecado, pelo que, afastando-se de Deus, o Homem já não sabe reconhecer a imagem de Deus nele, isto é, o ícone do amor intersubjectivo. «O Criador no princípio criou-os homem e mulher.» (Mt 19,3; Mc 10,2) Segundo estas palavras de Jesus, a razão da diferenciação do Homem sexuado consiste em que assim «os dois serão uma só carne» (Mt 19,3; Gn 2,24), ou seja, a imagem do próprio mistério de Deus: «Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou; e criou-os homem e mulher.» (Gn 1,27) Uma masculinidade e feminilidade que, desde o “início”, *auxilia* ambos (“uma auxiliar que lhe seja semelhante”) a encontrar-se na comunhão de pessoas. Imagem de Deus, enquanto homem e mulher não repararam que “estavam nus” senão quando, pelo pecado, essa imagem ficou obscurecida. Isto significa que o pecado é de algum modo o “obscurecimento” da masculinidade e da feminilidade, ou seja, da sua própria identidade. A identidade é ameaçada quando se obscurece a imagem.

Algumas dimensões éticas

Como é que são avaliados moralmente os actos homossexuais? É preciso distinguir a *pessoa* homosse-

Para debater em grupo

- ◆ Quais são as nossas atitudes pessoais perante as pessoas homossexuais?
- ◆ Pode haver discriminação em certas atitudes que põem de lado as pessoas homossexuais quando se trata de empregos públicos ou de funções eclesiais?
- ◆ O que é que a comunidade cristã faz para programar actividades pastorais para as pessoas homossexuais?
- ◆ Acaso não é verdade, por vezes, que os homossexuais se sentem excluídos da comunidade cristã?
- ◆ Nos centros ou grupos de jovens, que obra de prevenção ou de educação pode ser programada?

xual dos *actos* homossexuais. A pessoa homossexual é simplesmente uma pessoa, pelo que cada acção contra a pessoa homossexual se deve considerar discriminação e condenar enquanto tal. Os actos homossexuais devem ser avaliados quer **objectivamente** quer **subjectivamente**. Não há dúvida de que, em si mesmo, isto é, objectivamente, o acto homossexual está fora da ordem da sexualidade, que é por sua natureza heterossexual. Além disso, se a homossexualidade é consequência do pecado, como ensina a Bíblia, não pode deixar de ser um comportamento desordenado.

Subjectivamente, todavia, devem ser tomadas em conta algumas considerações. O juízo da Bíblia não permite concluir que todos os que vivem esta condição sejam pessoalmente responsáveis. É preciso distinguir entre homossexuais cuja tendência, derivando de uma falsa educação sexual normal, de hábitos contraídos, de maus exemplos e de outras causas análogas, é “transitória”, ou pelo menos não incurável; e os homossexuais que são “definitivamente tais” por uma espécie de instinto inato ou de uma constituição patológica, julgada incurável. Nestes casos é muito válido o juízo segundo o qual a responsabilidade moral deve ser julgada com prudência (*Pessoa humana*, n.º 8).

Aspectos pedagógicos

Desempenham um papel central a família e a comunidade cristã. A educação cabe, antes de mais, à família, que é uma escola de humanidade particularmente rica. Ela é o ambiente melhor para cumprir a obrigação de assegurar uma educação gradual da vida sexual. A família possui uma carga afectiva apta a fazer aceitar sem traumas mesmo as realidades mais delicadas e a integrá-las de forma harmoniosa numa personalidade rica e equilibrada. O afecto e a confiança recíproca, que se vivem

CATEQUESE

Processo formativo da fé, mediante a doutrina, a celebração e os Sacramentos. Comporta uma experiência pedagógica em etapas, com o fim de alcançar a maturidade em Cristo.

na família, são necessários para o desenvolvimento harmonioso da criança, desde o seu nascimento. Para que as ligações afectivas naturais que unem os pais aos filhos estejam ao nível mais elevado, os pais, na base de um equilíbrio sexual sereno, devem instaurar uma relação de confiança e de diálogo com os filhos, adequada à idade e ao desenvolvimento deles.

Também a comunidade cristã pode fazer muito através da **catequese** e da educação moral. Isto deve avançar contemporaneamente com um apelo claro e decidido ao amor "maduro", isto é, a um amor que será tanto mais livre quanto mais a orientação da vontade for eficaz. Em particular sugere-se que, procuradas e compreendidas as causas, a família e o educador ofereçam uma ajuda eficaz no processo de crescimento integral: acolhendo com compreensão, criando um clima de confiança, encorajando a libertação do indivíduo e o seu progresso no domínio de si próprio.



LONGE DO PARAÍSO (*Far from heaven*)

Género: Dramático. **Realização:** Todd Haynes.

Ano: 2002. **Duração:** 107 minutos.

ARGUMENTO: Hartford, Connecticut, Inverno de 1957. Cathy Whitaker volta para casa, depois de um dia passado a entregar encomendas. Enquanto Sybil, a empregada afro-americana, a ajuda a descarregar o carro, David e Jane, os filhos adolescentes, recebem a ordem de se prepararem para jantar. Naturalmente estão à espera também de Frank, o marido, que é director da sucursal local da Magnatech, empresa que vende televisores. Frank de vez em quando avisa que chegará tarde. Um dia Cathy vai ter com ele ao escritório e encontra-o na companhia de outro homem. Incrédula, ouve em casa a confissão de Frank, que revela ter há algum tempo aquela atracção homossexual que não consegue combater. Cathy não o abandona, antes leva-o a um médico especialista para que lhe dê um tratamento adequado. Entretanto, Cathy começou a falar confidencialmente com Raymond, o seu jardineiro, também ele afro-americano. As circunstâncias fazem que os dois se encontrem na cidade e que ela aceite o convite dele para visitarem um local frequentado só por negros. Patrícia, a melhor amiga de Cathy, convence-a a desmentir os boatos que já circulam e que lhe diga toda a verdade. Quando a filha mais nova de Raymond é ferida, o clima torna-se demasiado pesado. Entretanto Frank, que parecia curado, não soube vencer o impulso de entrar num clube nocturno para homossexuais e retomar a vida de antes. Raymond e Cathy encontram-se e ele diz-lhe que irá trabalhar para outro Estado. No dia da partida, Cathy vai à estação para se despedir dele. De longe, sem palavras, ambos trocam entre si um gesto com a mão. Depois Cathy sai da estação, sobe para o automóvel e regressa a casa.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Revisitação dos mitos e estereótipos da América dos anos 50 feita com o rigor de uma reconstrução ambiental fantástica. A pesquisa de sabor "filológico" feita por Todd Haynes torna-se uma força de denúncia para dizer por palavras claras o que é que se esconde por detrás de uma fachada da sociedade "feliz" (só na aparência). Mas a realização (aqui é que está a intuição) não se compraz em fazer emergir o que não é dito, não desculpa a incompreensão, não se deixa cair em fáceis críticas à época passada, que seria demasiado fácil definir tão hipócrita comparando-a com os dias de hoje. Da obstinada e teimosa descrição de épocas, hábitos, modos de viver e de falar daquele período, o argumento cria as premissas para lançar sobre a família, além da crítica, um olhar de compreensão, para procurar compreender, para ajudar, para estar perto de quem está em dificuldade. Filme de valor sobre o tema da família, que se pode considerar aceitável, embora com algumas reservas pela dificuldade em tratar algumas passagens, e ao mesmo tempo problemático.

8

Relações pré-matrimoniais. Expressão livre do amor?



- Todo o acto genital deve desenrolar-se no quadro do Matrimónio.
- O acto sexual requer uma união definitiva e estável, assim como a indissolubilidade, presentes no Matrimónio cristão.
- As relações sexuais abrangem as dimensões dos valores da família, ainda não presente.
- Essas relações excluem geralmente o nascimento dos filhos, separando no acto sexual a união da procriação.

Livre expressão sexual

Dos inquéritos realizados entre os jovens, resulta uma expansão notável das relações pré-matrimoniais, ou pelo menos uma certa facilidade nos comportamentos sexuais, sobretudo entre os rapazes. Afirma-se que a expressão livre da própria sexualidade – no sentido de exercício da genitalidade – pode servir de ajuda para libertar a vida humana dos constrangimentos a que é relegada pelas convenções sociais, religiosas e culturais, para a conduzir finalmente à origem original e criativa. Esta tentativa de justificação em verdade funda-se em razões psicológicas mais profundas, ou seja, naqueles factores externos e internos que influem sobre o desenvolvimento da personalidade.

Contextos sociais fortemente erotizados

Entre os factores externos têm um certo relevo a crise de valores da nossa sociedade, da família, do conceito de liberdade, da religião, vista frequentemente como um conjunto de normas de outros

NARCISISMO

Atitude de quem estima a sua corporeidade ou personalidade a partir de si mesmo. É comprazimento de si mesmo, expressão de retorno sobre si mesmo.

Foi dito

«O verdadeiro amor é capacidade de abertura ao próximo numa ajuda generosa, é dedicação ao outro para o bem dele: sabe respeitar a personalidade e a liberdade do outro; não é egoísta, não se procura a si próprio no outro, é oblato, não possessivo. O instinto sexual, pelo contrário, se entregue a si próprio, reduz-se à genitalidade e tende a dominar o outro, procurando imediatamente uma satisfação pessoal.

As relações íntimas devem-se realizar decorrer somente no quadro do Matrimónio porque só então se verifica o nexo inseparável, querido por Deus, entre o significado unitivo e o significado procriador de tais relações, colocadas na função de conservar, confirmar e expressar uma definitiva comunhão de vida – “uma só carne” – mediante a realização de um amor “humano”, “total”, “fiel”, “fecundo”, ou seja, o amor conjugal.»

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações Educativas sobre o Amor Humano*, 1983, n.º 94-95.

tempos, de uma sexualidade considerada somente como instrumento de satisfação pessoal e numa dimensão exclusivamente genital, a exaltação do fascínio feminino que veicula um forte consumismo do eros (basta pensar na publicidade cada vez mais erotizada, nos desfiles, nos filmes e nas transmissões televisivas), a impossibilidade de encontrar uma sistematização conjugal antes dos 30 anos e que torna difícil a continência mesmo entre aqueles casais que crêem nos valores cristãos; não podemos esquecer o silêncio com o qual os pais e educadores enfrentam tudo o que se refere ao sexo.

Dificuldades individuais e razões

Entre os factores internos recordamos que o prazer sexual se mostra ao adolescente, antes de alcançar a maturidade pessoal, um prazer gratuito, um espaço em que o jovem pode encontrar a sua liberdade individual; a carência de relações afectivas e de relações interpessoais não superficiais; a fragilidade psicológica devida à perda de pontos de referência sólidos, como são a família; uma atitude de compensação perante o adulto.

Frequentemente, os jovens aduzem entre os motivos das relações pré-matrimoniais um melhor conhecimento de si mesmos e do parceiro e um meio para alcançar uma maturidade melhor. Mas quais são os critérios e os requisitos para que um gesto se possa definir maturador? Antes de mais, a plena consideração da decisão (motivos de fundo, consequências, responsabilidades perante a vida que pode nascer). Depois deve ser clara a finalidade do gesto: não momentânea, fruto do impulso ou só do sentimento, não deve ter em conta apenas um aspecto da personalidade, mas a pessoa na sua totalidade e também na sua perspectiva futura; a capacidade de se interessar por alguma coisa para além do seu corpo, para além de uma atitude egoísta e narcisista.

Para debater em grupo

- ◆ Porque é que uma relação entre namorados deveria conduzir a relações pré-matrimoniais?
- ◆ Porque é que deve ser fiel um relacionamento entre cônjuges, excluindo experiências extraconjugais?
- ◆ Que valor tem ainda na nossa formação a educação para a castidade?
- ◆ Qual é a nossa liberdade perante uma cultura que erotiza cada relação?
- ◆ Que peso tem verdadeiramente a mensagem de Cristo acerca da sexualidade na relação do casal?

Uma avaliação ética

Para uma avaliação da moralidade objectiva das relações pré-matrimoniais, é preciso dizer que um amor grande entre duas pessoas amigas verdadeiramente tais, não desemboca necessariamente na exigência de uma relação sexual genital. A doação sincera de si mesmo na amizade leva antes à “necessidade” do outro, à alegria de “estar” com o outro, à partilha de sentimentos e paixões para a vida e para a História, a um afecto que é gosto da vida e doação. Além disso, o Homem não está na inocência original. A liberdade interior da doação é historicamente marcada e sobrecarregada pelo pecado e pelas suas consequências. É liberdade “ferida”, que encontra no corpo humano mais motivo de divisão do que de comunhão, mais estímulo para a conquista do outro do que para a doação de si mesmo ao outro. A liberdade, a doação, o amor não são por isso tutelados pelas usurpações do egoísmo. Só na graça do sacramento do Matrimónio é que o Homem pode superar adequadamente as instrumentalizações do egoísmo e doar-se totalmente no amor.

Que educação sexual?

A educação sexual deve por isso levar os jovens a tomarem consciência das *diversas* expressões e dos dinamismos da sexualidade, de valores que devem ser endereçados positivamente. Se a liberdade do Homem está ferida pelo pecado, só uma gestão das relações coerentes com a virtude da castidade ajudará a corresponder à verdade. A castidade não significa de modo nenhum rejeição ou desprezo pela sexualidade humana; significa antes energia espiritual, que sabe defender o amor dos perigos do egoísmo e da agressividade e sabe promovê-lo até à sua plena realização.



FICHA
CINEMATOGRÁFICA

O SORRISO DE MONA LISA (*Mona Lisa smile*)

Género: Comédia. **Realização:** Mike Newel.

Ano: 2003. **Duração:** 105 minutos.

ARGUMENTO: Estamos em 1953. Ao Wellesley College, liceu severo e prestigiado de New England, chegou, vinda da Califórnia, Katherine Roberts, a nova professora de História de Arte. Katherine quer introduzir novos métodos de ensino, quer estimular nas alunas reflexões que ultrapassem aquilo que consta dos manuais. Mas as tentativas falham quando repara na hostilidade das alunas: de facto, todas estudam na expectativa de encontrarem o marido certo (isto é, de elevado nível social), edificarem um lar e criarem alguns filhos. Há depois Joan, que antecipa os tempos: casa, continua a estudar, mas bem depressa compreende que o seu matrimónio não é aquele com o qual tinha sonhado. Quer separar-se, mas a mãe proíbe-lho. Katherine, entretanto, tem de se adequar aos programas previstos pela instituição, e deixa-se arrastar por uma relação com um colega; fica escaldada e daí tira maior força para retomar o seu projecto com as alunas. Estas agora conseguem compreendê-la e decidem acompanhá-la com entusiasmo.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Os Estados Unidos dos primeiros anos da década de 50 são os da Guerra Fria (Guerra da Coreia), das listas do senador McCarthy, da difícil integração racial. Os estudos e o ensino são um dos lugares onde a tradição mantém elevado o seu papel de guia e os valores "adquiridos" no passado encontram o momento de maior desencontro com os de uma realidade em contínua evolução. Desempenhando mais uma vez um papel de heroína anticonformista (e aqui pró-feminista), Julia Roberts apresenta com credibilidade o retrato de uma professora "qualquer" armada apenas das próprias convicções e em luta contra os mais fortes. Perigosamente próxima do professor Keating de Robin Williams em *O Clube dos Poetas Mortos*, a narração distingue-se mais pela reconstrução meticulosa do ambiente do que pela novidade dos conteúdos. A realização de Newel é ao mesmo tempo crónica e História (nos trajés, músicas, ambientes). Um belo retrato da época com algumas sugestões para hoje. Do ponto de vista pastoral, o filme deve considerar-se como aceitável e ao mesmo tempo problemático, pelas reflexões que pode sugerir.

9

Pedofilia. Como falar dela responsavelmente? O pedófilo é uma pessoa?



- Na Bíblia, em geral a criança é amada como um dom inestimável de Deus, como uma bênção.
- Nos evangelhos temos a mensagem da predileção divina das crianças, a ponto de Jesus indicar que é preciso tornar-se «como crianças» para entrar no Reino dos Céus.
- Deus é o defensor das crianças desprezadas: «Cuidado em não desprezar nenhum destes pequeninos.» (Mt 18,10)
- Deus protege as crianças violentadas: «Quem escandalizar um destes pequeninos que creem em Mim, melhor seria para ele pendurar uma pedra»

Falar de pedofilia

Não é fácil dar uma definição adequada de pedofilia. Actualmente, a palavra “pedofilia” é sinónimo de abuso sexual. Mas porque este último termo é muito geral, não se sabe exactamente o que ele indica. De facto, aquilo que para um pai é somente afecto, para um psicólogo pode assumir a natureza de ofensa sexual; o que para um educador é introdução à amizade, para um jurista pode ser abuso; e se em algumas famílias ou culturas é aceitável e até normal que membros da família se beijem na boca ou tenham alguns contactos físicos, noutras esses comportamentos são vistos como desvios.

Algumas definições possíveis, embora incompletas, deixam perceber claramente em que é que consiste o problema da pedofilia. Alguns autores falam de exploração de uma criança para o deleite sexual de um adulto. Outros propõem que um jovem (menor de 16 anos) é sexualmente abusado quando outra pessoa, já sexualmente madura, o envolve em alguma actividade que tem por finalidade alcançar

de moinho ao pescoço e ser lançado no fundo do mar.» (Mt 18,6; Mc 9,42; Lc 17,2)

- O pedófilo não é um monstro: é sempre uma pessoa, embora se trate de uma pessoa doente.

a sua satisfação sexual. Se não é fácil encontrar um conceito único de pedofilia ou de abuso sexual, está-se de acordo acerca de alguns elementos que entram no quadro do problema, como a exploração sexual da criança, o uso da violência, a incapacidade da criança em consentir, alguns níveis de gratificação erótica do adulto, etc. Parece-nos que a pedofilia deve ser entendida em termos de vulnerabilidade e de consequências sobre a identidade pessoal e sexual da criança.

Crianças abusadas desde sempre

Não restam dúvidas de que na História as crianças foram objecto de várias formas de abuso (incluído o sexual), crueldade, abandono. Foram sacrificadas em ritos religiosos, torturadas, vendidas como escravas, prostituídas, abandonadas ou mortas ao nascer, mutiladas, disciplinadas duramente, forçadas a trabalhos degradantes e sujos.

A *mitologia grega* apresenta ampla documentação sobre o abuso sexual das crianças. Zeus, por exemplo, era insaciável nos seus apetites sexuais, satisfazendo os seus desejos eróticos com a sua sobrinha Talia, com a sua irmã Demétria (violentada assumindo ele a forma de um touro) e diversas raparigas jovens. Zeus violou também a jovem Europa, filha do rei de Sídon, com as formas típicas de gentileza e persuasão dos casos da pedofilia actual, isto é, apresentando-se como um touro de tal modo terno e manso que parecia o mais gentil e melhor dos homens. Os *romanos* proibiam oficialmente a pedofilia e o incesto, mas o imperador Calígula conseguiu fazer aprovar pelos senadores uma lei de modo a poder desposar a sua jovem sobrinha. Mas também na Idade Média e no Renascimento a pedofilia e a prostituição das crianças tiveram momentos particularmente fortes. No século XIX, o aparecimento de doenças venéreas levou à difusão

Foi dito

«A sexualidade tem sem dúvida um valor positivo.

Mas que o sexo possa ser usado como uma arma para atingir ou dominar, é igualmente inegável. Em relação aos adultos, as crianças são débeis, não se podem defender, e se um adulto decide abusar delas não podem fazer outra coisa senão suportar. Muitas das crianças que não tentam fugir disso ou correspondem às investidas dos adultos fazem-no porque andam à procura de protecção e atenções, não tanto ou não somente pelo prazer físico em si mesmo, que por vezes podem experimentar, mas que outras vezes não sentem de forma alguma. Os pedófilos sabem-no, tanto é verdade que escolhem em geral crianças mais confiantes, isoladas e vulneráveis, procurando atraí-las com presentes ou mimos.»

A. OLIVERTO FERRARIS & B. GRAZIOSI,
Pedofilia, Roma-Bari, 2001, p. VI.

da prostituição das crianças, até ao ponto de num porto inglês em 1869 se contarem cerca de 1500 crianças prostitutas, um terço das quais tinham menos de 13 anos.

A situação actual

Actualmente, a pedofilia tornou-se um fenómeno de massas. Os interesses comerciais e turísticos estão consolidados. O encontro entre o mundo industrial e a fome dos países do Terceiro Mundo permite que a infância dos fracos seja violada constantemente à escala mundial. As reportagens televisivas mostram meninas vendidas pelos pais, ou rapazinhos, prostitutas complacentes, precocemente queimados na luta pela sobrevivência nas cidades, que oferecem os seus corpos a grupos de ocidentais com os bolsos cheios de dinheiro.

Uma outra característica actual é a *quantidade de material erótico* e pornográfico em circulação, que vai de publicações à produção video. Na Internet há canais não apenas de comunicação mas também de verdadeiro comércio e de oferta. Aquilo que se vê como fenómeno novo nos nossos tempos é a organização social da pedofilia e não a estrutura mental que a sustenta, a qual sempre existiu.

Pedofilia e Internet

O **turismo sexual** causa um *prejuízo social* enorme. As crianças do Terceiro Mundo destinadas aos prostíbulos e à exploração só em aparência é que trazem aos seus países riqueza sob a forma de dinheiro dos turistas que as exploram. Na verdade elas acabam por ser excluídas, por um mecanismo de crescimento normal, da inserção laboral e social, e, portanto, da possibilidade de serem portadoras de desenvolvimento e de crescimento dos seus Estados, e estão destinadas a aumentar, quando adul-

TURISMO SEXUAL

Organização do turismo tendo por fim encontrar "paraísos" sexuais, onde o que conta em primeiro lugar é o encontro de pessoas – frequentemente também menores – para conseguir satisfazer o prazer.

VOYEUR

É quem sente prazer sexual em olhar às escondidas para partes íntimas do corpo alheio ou para quem está a realizar um acto sexual. Esta tendência é chamada de *voyeurismo*.

tas, os estratos de perturbação social. A exploração dos menores no turismo sexual acaba assim por representar não só uma forma de lesão grave dos seus direitos a um crescimento harmonioso, mas também um custo social e económico que irá pesar sobre o futuro dos países a que pertencem.

A descoberta de uma rede internacional de pedofilia, que agia através da Internet, levantou o véu sobre a emergência pedófila. A Internet serve para dialogar, conhecer, desfrutar a baixo custo de imagens próprias para deleite, descobrir endereços úteis para o turismo sexual, descobrir paraísos de sexo com crianças. Mesmo só a legitimação e tolerância de formas de pedofilia ligadas ao consumo de imagens, vistas na Internet, em revistas ou em vídeos pornográficos, é já *de per si* um acto que vai contra a ética da convivência civil. O *voyeur*, de facto, embora não provoque directamente danos aos menores, com a sua conduta representa um instrumento prejudicial: o pedido desta mercadoria cria a montante uma oferta que tem por vítimas precisamente as crianças.

O pedófilo é um monstro?

Não, o pedófilo não é um monstro: é sempre uma pessoa, embora se trate de uma pessoa doente que, através da sua conduta sexual, exprime a sua personalidade perturbada. Geralmente não é de uma gravidade tal que determine um comprometimento das capacidades do entender e do querer, pelo que se trata de uma perturbação de que ele é ética e juridicamente responsável.

Há diversos tipos de pedófilo. Na forma *cínica* está em primeiro lugar o abuso sexual do menor. Esta forma de pedofilia organiza-se através dos canais da prostituição e da oferta comercial (clubes, vídeos, turismo pornográfico). No pólo oposto existe um tipo de pedofilia *romântica* ou idealizada. Mais

Para debater em grupo

- ◆ Tolera-se socialmente a produção de *material erótico* e pornográfico abrangendo crianças?
- ◆ Perante a Internet como rede de agregação e de comunicação dos pedófilos, é suficiente delegar nas forças da ordem, ou é preciso organizarmo-nos social e eclesialmente?
- ◆ O pedófilo encontra uma organização eficaz de verdadeiro comércio e de oferta. A ampla difusão do fenómeno acaso não inófica cumplicidade tácita da parte da sociedade?
- ◆ Se o pedófilo não é um monstro, mas permanece sempre uma pessoa, como o podemos ajudar?
- ◆ Que tipo de “cultura da infância” promovemos nos nossos centros juvenis? Que tipo de prevenção? Procuramos dar informação e educação sexual?

do que amor, é uma relação “narcisista” que tem como base a idealização do corpo e da beleza infantil ou adolescente.

Existe ainda – como sabemos pela história de Marcinelle na Bélgica – o *pedófilo criminoso* (assassino).

Como prevenir?

O filão educativo e preventivo deve propor fundamentalmente – como diz Riva – a promoção mais convicta dos direitos da infância, projectando planos para a infância, promovendo programas internacionais sobre a sexualidade e sobre a saúde em geral, instituindo a educação e a formação sexual, abrangendo todos os indivíduos, desde as crianças até aos pais e aos educadores, dialogando com as crianças acerca da sexualidade, pondo em funcionamento os serviços sociais e sanitários, pensando em campanhas informativas com o apoio dos vários meios de comunicação, pensando em pesquisas nas escolas, e intervindo sobre o pedófilo em termos mais reabilitativos. É preciso privilegiar uma *cultura da infância*, com uma rede orgânica de serviços e de produção e pondo em questão modelos interpretativos superficiais da família e da visão comercial da infância.

SENTIMENTO DE REVOLTA (*Sleepers*)

Género: Drama, Thriller. Realização: Barry Levinson.

Ano: 1996. Duração: 145 minutos.

ARGUMENTO: Quatro jovens adolescentes de Nova Iorque, cuja imaginação e amizade não tem limites, numa das suas aventuras de Verão confrontam-se com um acidente que culmina na morte de um vendedor de rua, um acidente que mudará para sempre as suas vidas. Como processo de correcção, são enviados para um reformatório que lhes dará um tratamento de "integração" na sociedade, através de uma vida regrada e dos seus funcionários repugnantes com as suas práticas de abusos sexuais.

Anos depois, já adultos, as suas vidas tomaram rumos diferentes. Contudo, a recordação daqueles dias aterrorizadores nunca se desvaneceu. Um tornou-se repórter, o outro advogado, e os outros dois, assassinos profissionais. Estes dois últimos, por obra do acaso, encontram um dia o seu agressor e assassinam-no friamente.

Após este momento, a história do filme gira à volta do seu passado sombrio no reformatório enquanto, no momento presente, o assassinato é julgado em tribunal trazendo ao conhecimento público o que acontecera durante naqueles anos.

Mais do que um sentimento de vingança, apresenta-se um retrato do sistema que nem sempre funciona bem, mas ao mesmo tempo contempla-se um forte sentimento de amizade entre os quatro amigos, que durará para sempre.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Assim como a temática violenta subjacente (a pedofilia), também o filme é considerado violento em vários aspectos. Contudo, apresenta-nos toda a problemática da pedofilia sem subterfúgios, afrontando o espectador e revelando-lhe todas as consequências que tal dilema e acto causa na vida das suas vítimas.

Ao denunciar a instituição em causa – um reformatório para crianças – pode-se facilmente generalizar a denúncia para instituições análogas. Mas é importante sublinhar que tal generalização é uma falácia cativante para uma pessoa mais distraída. Portanto, é necessário que na abordagem ao filme haja um esclarecimento acerca da sua natureza ficcional ainda que ele se baseie em tópicos discutidos e falados em domínio público. Um dos pontos curiosos será um debate sobre se são as instituições que prejudicam os indivíduos que delas usufruem ou se são os seus funcionários, ou seja, os agentes humanos. Como qualquer acção ética, ainda que as estruturas de pecado funcionem exercendo e criando mal e sofrimento no mundo, estas não agem como mecanismos automáticos mas através da acção concreta de homens e mulheres.

Outro tópico que eventualmente se pode abordar é a forma como a justiça é efectuada pelas próprias mãos dos que foram sexualmente abusados. Colocam-se aqui questões do domínio da justiça social e divina. Contudo, este é um tema de debate não necessariamente relacionado com a pedofilia. Ainda assim, o filme tem esta característica "vingativa" como fio condutor do enredo, ou seja, dá-se o abuso, a degeneração da vítima, e posteriormente a vingança, que poderá ser interpretada como o cumprimento da justiça ou o concretizar de uma compensação. Como se sabe, para nós cristãos, esta não é a resposta de vida a que Jesus Cristo nos convida a viver.

Ao nível pastoral, o filme contém imagens e linguagem inapropriadas para um momento de catequese com crianças e adolescentes, sendo por isso um filme indicado para jovens acima dos 16 anos. Todavia, como foi afirmado acima, o tema da pedofilia é violento quanto basta, e qualquer realização cinematográfica actual não ignora, nem pode ignorar, tal realidade fria e cruel.

10

Planeamento familiar e contracepção. Queremos ter um filho... melhor, dois...

PROcriação ASSISTIDA

Procedimento de assistência técnica da equipa biomédica para ajudar um casal com problemas de infertilidade. Esta assistência tem por finalidade ultrapassar as dificuldades que naturalmente o casal encontra ao procriar. Por isso, configura-se sempre como método artificial.

A relação sexualidade-procriação

No moderno contexto cultural, o rompimento afectivo e real da *relação sexualidade-procriação* é cada vez mais uma realidade na família. O debate sobre a homossexualidade levou à divisão sexualidade-heterossexualidade, ao passo que o referente à **procriação assistida** sublinhou a não necessidade da sexualidade para fins de procriação (a fecundação *in vitro* não prevê a relação sexual entre os cônjuges). Assim, também o confronto sobre a clonagem queria levar-nos à não necessidade do casal homem-mulher para fins de procriação de um filho, já que um indivíduo sozinho poderia procriar clonando-se a si mesmo. A família cristã, portanto, vive numa condição cultural onde a ligação sexualidade-procriação não é já entendida no seu significado profundo.

Na visão da fé, pelo contrário, a ligação sexualidade-procriação é que assegura uma relação de significado importante para o casal e para a sociedade inteira. A procriação de uma criança é um aconte-



- A sexualidade tem inscritos dentro de si valores e bens fundamentais, como o bem da procriação.
- Para um crente, procriar significa sentir-se implicado na obra de Deus Criador.
- A relação sexualidade-procriação está inscrita na natureza. A contracepção é separação da parte do Homem do acto unitivo do acto procriador.
- No ensinamento da Igreja as duas finalidades não podem ser separadas. Só a inteligência da fertilidade, mesmo através de controlo tecnológico, pode ser eticamente lícita.
- As píbulas do dia (ou da semana) seguinte, a espiral e os contraceptivos em geral agem como abortivos, mesmo que em fase precoce.

CONTRACEPÇÃO

Acto que pretende impedir o encontro dos gâmetas (óvulo e espermatozóide) durante um acto sexual.

tecimento de amor, é expressão do ser “uma só carne” que dá origem à nova carne do nascituro. O nascimento de um ser humano, se quiser manter o seu significado antropológico e não se reduzir a um significado meramente zoológico (com todo o respeito pelos animais!), não pode dispensar o acto físico entre os cônjuges. O nascimento humano não está simplesmente na linha do “prolongamento da espécie”, mas tem uma importância antropológica ligada ao valor mais sublime da vida, que é o amor. Daqui o ensinamento da Igreja segundo o qual cada acto sexual deve estar aberto à vida, e, portanto, na planificação familiar os meios que separam o acto unitivo do procriador são ilícitos.

Família e planificação dos nascimentos

A Igreja ensina que a procriação humana, para ser verdadeiramente tal, deve ser “responsável”. Uma responsabilidade perante si mesmos (o casal), a sociedade (contribuir para o crescimento da população) e Deus (com a procriação, o Homem é co-laborador da obra de Deus Criador). No contexto da fé, a procriação e a sexualidade, sendo embora aspectos naturais (tal como para os animais), estão carregados de significado espiritual, são o lugar profético da própria vida trinitária (reciprocidade, amor, fecundidade). O amor conjugal, para ser responsável, deve ser plenamente *humano e pessoal*, isto é, rico de todos os valores da reciprocidade e espiritualidade típicos da pessoa humana; deve ser *total*, isto é, sem reservas, que se entrega totalmente à pessoa amada; *fiel*, que imita a fidelidade de Cristo à Igreja, fiel para sempre, um amor indissolúvel; *fecundo*, ou seja, chamado a participar na fecundidade de Deus, à Sua paternidade e maternidade. Por isso, a divisão, por meios **contraceptivos**, entre sexualidade e procriação é um acto não inscrito no significado da lei natural, nem no projecto de Deus Criador.

Foi dito

«Em cada caso é preciso distinguir a situação subjectiva da realidade objectiva: podem acontecer situações subjectivas nas quais, por falta de informação ou de concórdia entre os dois cônjuges, certos gestos – em si mesmos inadequados – sejam “subjectivamente” vividos como inevitáveis para manter a paz, mas objectivamente o acto permanece aquele que é, e deve ser ultrapassado em primeiro lugar através da informação e da educação. Essa informação e educação podem requerer uma graduação de caminhada, como para quem sobe a uma montanha, com a eventualidade de dar algum passo atrás, mas a lei da graduação pedagógica não autoriza a corroborar a “graduação da lei” entendida objectivamente.»

E. SGRECCIA, *Manuale di bioetica*, volume 1, 1999, p. 422.

Tecnologias contraceptivas e inteligência da fertilidade

A *concepção* é um acto destinado a impedir a união do espermatozóide com o óvulo durante uma relação sexual completa, ou seja, o acto predisposto a evitar a fecundação e, por conseguinte, a gravidez. Trata-se mais propriamente de meios que, evitando a fecundidade, contribuem para o controlo dos nascimentos.

As tecnologias contraceptivas modernas são múltiplas e de natureza variada, mas fundamentalmente podem dividir-se em tecnologias *mecânicas* e *químicas*. São mecânicas, por exemplo, o preservativo, o diafragma, o tampão vaginal e a espiral (mais “abortiva” do que contraceptiva). Pelo contrário, são químicos os contraceptivos *orais*, como a pílula estropogestínica, os supositórios intra-uterinos e outros produtos refinados sempre em pílulas, como a pílula do dia (ou da semana) seguinte (também aqui estamos perante um medicamento abortivo e não contraceptivo).

A *inteligência da fertilidade* acontece mediante os chamados métodos naturais, que não se podem considerar contraceptivos, enquanto não é realizado o acto de impedir o curso natural das coisas, ou seja, a união dos gâmetas. Mais propriamente indicam um critério onde o casal é provocado e obrigado a estabelecer um entendimento feito de conhecimento recíproco, de ritmos vitais e de exigências biológicas, de opções comuns e harmonizadas, para além de renúncias decididas em comum e sem imposições. Os métodos naturais constituem uma *inteligência* da própria fertilidade, relativamente a processos biológicos e ao respeito das suas funções na dinâmica de um *estilo de vida* que tem uma dinâmica e uma ordem toda sua.

Para a Igreja, do ponto de vista ético, é lícito recorrer à inteligência da própria fertilidade, quer

Para debater em grupo

- ◆ Há alguma diferença substancial entre contraceção e inteligência da fertilidade. O que pensas acerca disso?
- ◆ O acto unitivo (sexual) que exclui o procriativo (contraceção) acaso não demonstra uma malícia intrínseca relativamente à natureza das coisas?
- ◆ Se todos os métodos de planificação dos nascimentos tem limites de insucesso, porque é que não se prefere *a priori* o que é menos oneroso para a saúde e para a moral?
- ◆ O ensinamento da Igreja é por nós conhecido adequadamente através da leitura atenta dos documentos ou conhecemo-lo apenas por ouvir dizer?
- ◆ Que pastoral programamos nas nossas comunidades sobre a regulação da fertilidade?

com métodos naturais clássicos, quer através da orientação tecnológica (já existem pequenos computadores que permitem o controlo dos períodos infecundos). Já não são lícitos os métodos contraceptivos que separam o acto unitário do acto procriador. São estas as indicações da ética objectiva. Do ponto de vista subjectivo, pode ser que a mulher ou o casal não sejam plenamente responsáveis do acto contraceptivo devido às condições ou às pressões em que agem. Esta distinção entre moralidade objectiva e subjectiva é fundamental para o discernimento ético.

Acerca da responsabilidade subjectiva é preciso ter em consideração também a “caminhada” pedagógica do casal em direcção à plena adesão ao ensinamento da Igreja. Mas o que é fundamental é distinguir a natureza particular de alguns contraceptivos: são todos ilícitos do ponto de vista objectivo, mas alguns são-no mais que outros. Por exemplo, o preservativo não comporta particulares problemas para a saúde, senão algumas limitações relativamente à natureza do acto sexual, ao passo que as pílulas têm consequências para a saúde, e que em algumas mulheres podem ser consideráveis.



NOVE MESES (*Nine Months*)

Género: Burlesco. **Realização:** Chris Columbus.

Ano: 1995. **Duração:** 103 minutos.

ARGUMENTO: Tudo corre bem há cinco anos entre Samuel Faulkner, brilhante psiquiatra e pediatra, e a noiva Rebecca Taylor, uma professora de dança. Um piquenique na praia coloca-os em contacto com os barulhentos e metedidos cônjuges Dwyer; ele, Marty, vendedor de automóveis, e ela, Gail, mãe de três meninas endiabradas, e irmã de Sean Fletcher, amigo de Samuel. Enquanto se deslocam a casa destes para um fim-de-semana, Rebecca comunica ao noivo que está grávida; depois Sean aterroriza o amigo, já perplexo, com os problemas da paternidade. O ginecologista de Rebecca está de férias e quem o substitui é um refugiado russo, o Dr. Kosevic, ex-veterinário. A hesitação de Samuel desconcerta a entusiasta Rebecca, e quando ele falta a segunda vez para presenciar a ecografia do nascituro, a noiva decide ir sozinha falar com Gail, também ela grávida. Samuel tenta em vão fazer as pazes com ela. Sean pensa então em distraí-lo ensinando-lhe o *sketting*, com o qual Samuel quase se mata, e organizando uma festa durante a qual o triste futuro pai é seduzido pela louira Lili, que ele acompanha a casa; ela convida-o a entrar em casa, mas ele declina o convite. Samuel chega a fazer de ama das meninas de Gail e a vender o seu querido automóvel Porsche a uma pessoa de família para se conseguir aproximar de Rebecca, mas em vão. Só um internamento da noiva amada para exames num hospital é que lhe permite vê-la e fazer as pazes com ela. Segue-se o casamento, um parto laborioso e dramático, com os dois pais que discutem, mas o ginecologista russo, não obstante a confusão linguística, consegue fazer nascer a menina do casal Dwyer e o menino do casal Faulkner. Samuel é agora um pai feliz.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Clonado de um filme homónimo francês, o trabalho de Chris Columbus é por um lado, indubitavelmente, portador de uma mensagem pró-família apresentada substancialmente de modo positivo e aceitável; por outro, procura justamente o aspecto espectacular, que substitui, porém, muitas vezes o tom da comédia brilhante, ao estilo típico de Chris Columbus, pelos *gags* da farsa que banalizam de certo modo a importância da mensagem. É verdade que tratar tudo baseando-se no tom sentimental e no dramático teria possivelmente rendido muito menos; porventura uma alternativa, mais moderada no burlesco e no patético, teria elevado o tom do filme, fazendo dele uma comédia brilhante. Esteticamente evidenciam-se a serenidade substancial de Hugh Grant; o vaguear um pouco fora de ambiente da grande actriz Julianne Moore; a capacidade, embora num papel secundário, do irresistível Robin Williams. Pastoralmente aprecia-se a mensagem de fundo do filme, positivo 100%, mesmo se a liberdade de comportamento e de linguagem de algumas personagens suscitarem reservas.

11

A pílula do dia seguinte

ABORTO QUÍMICO

É o aborto procurado com meios químicos, isto é, substâncias tomadas oralmente (pílulas) ou introduzidas pela vagina para interromper uma gravidez em curso.



- As dimensões da "natureza", inscritas no ciclo feminino, e que regulam os períodos de fertilidade, são valores a ter em conta.
- Contraceptivos e pílulas do dia seguinte são ambos moralmente problemáticos. A respeito dos contraceptivos, os quais constituem um "pecado sexual", os contraceptivos são um "pecado contra a vida".

A pílula RU 486

A pílula abortiva RU 486, acerca da qual se discute em todo o mundo, é um assunto que a opinião pública e a ciência de alguns continentes já conhecem há uma dúzia de anos (foi experimentada em França em 1988). Existem sítios na Internet que fornecem a síntese da literatura científica e dos artigos de jornais de ampla difusão social (www.ru486.org), há relatórios anuais, continentais e intercontinentais acerca deste medicamento de grande interesse social, que não abafou a discussão nem das consciências nem dos cientistas [basta consultar autoridades conceituadas como os Institutos Nacionais de Saúde americanos (www.nih.gov) ou a Organização Mundial da Saúde (www.who.int)].

A pílula RU 486 é um meio que produz um **aborto químico** em fases quer precoces quer avançadas, embora neste último caso a expulsão do feto possa requerer intervenção cirúrgica. Em alguns ambientes e não só no catolicismo, a RU 486 – uma vez que age sobre um embrião já formado – é considerada

- A “privatização” do aborto é um risco maior para a mulher, porque pode iludir o controlo médico.
- A RU 486 é um medicamento não ético também pelos “riscos” que pode trazer para a saúde da mulher.

NIDAÇÃO NO ÚTERO

Processo procriativo pelo qual, a seguir à concepção, um embrião se fixa (aninha) no útero. O fenómeno é necessário para a prossecução da gravidez. As patologias do útero não consentem a nidação.

Foi dito

«Há o aborto por iniciativa própria, que passa inobservado, que reduz as custas do internamento, que elimina as complicações de tipo psicológico e moral. O alvo comercial principal da pílula abortiva é claramente representado pelas raparigas jovens, que não usam habitual e estavelmente um método contraceptivo (porque não querem ser descobertas pelos pais, ou por medo, etc.) ou que têm relações ocasionais definidas como “não protegidas”: não há problema, agora existe a “concepção de emergência”, o pronto-socorro que pode evitar consequências “desagradáveis” de uma noite de prazer. De facto, procura-se criar uma desresponsabilização dos jovens, em jeito de “façam o que vos apetece mas que não traga consequências”, embora neste caso comporte uma anestesia das consciências.»

P. GULISANO, «Vita disprezzata», in *Il Timone*, 11 de Janeiro de 2001.

“abortiva”, porque a interrupção da vida embrional é, propriamente falando, “aborto”.

Como justificar as próprias opiniões

Uma sociedade democrática é uma sociedade em que cada cidadão é livre de exprimir a sua opinião no respeito das normas públicas de convivência. Neste sentido, a propósito da pílula do dia seguinte, cada cidadão ou grupo social tem o direito de manifestar livremente as suas ideias, sem acusar os outros que pensam de forma diferente, no respeito da tolerância e do pluralismo. Actualmente levantam-se barreiras e acusações de intransigência contra instituições sociais que defendem opiniões a favor ou contra a pílula. Certamente, quem apresenta certas opiniões deveria também justificar porque pensa deste modo.

A pílula do dia seguinte é um “contraceptivo”?

A pílula do dia seguinte foi apresentada ao público como um “contraceptivo”. O que é um contraceptivo? É um mecanismo químico (pílula) ou mecânico (preservativo, tampão vaginal, etc.) que faz que o óvulo e o espermatozóide não se encontrem. Esta definição é universalmente aceite pela comunidade científica. Fora deste contexto, o termo contracepção é utilizado de maneira imprópria. No caso da pílula do dia seguinte, ou seja, quando o óvulo e o espermatozóide já se encontraram e por isso já se formou o embrião, tecnicamente fala-se de “contragestativos”, ou seja, de meios que têm a função de não deixar prosseguir a gravidez. Se quisermos, é um aborto precoce, mas é sempre um aborto. O mesmo se diga da “espíral”: é um contragestativo, porque não age sobre o óvulo e o espermatozóide para que não se encontrem, mas sim sobre o embrião, impedindo a **nidação no útero**.

Para debater em grupo

- ◆ Nem todos os métodos de planificação familiar podem ser lícitos. O que pensam disto?
- ◆ Pode o aborto, mesmo o que se consegue pela pílula, considerar-se um método de planificação familiar?
- ◆ Um aborto precoce é porventura menos grave do que um aborto em fase avançada?
- ◆ A poupança dos gastos em internamento no aborto cirúrgico pode justificar a difusão do aborto químico?
- ◆ Um farmacêutico é obrigado a vender pílulas abortivas? No caso da sua objecção de consciência, não poderia ser a farmácia mais próxima a disponibilizar o medicamento?

A privatização do aborto

No caso da pílula do dia seguinte, diria que é bom utilizar as palavras certas, para não esconder por detrás da palavra “contraceptivo” algo que nada tem a ver com a contracepção. É bom saber que a contra-gestação abre caminho à “privatização” do aborto, colocando-o numa fase precoce, com os riscos inevitáveis da autoprescrição ou de uma autogestão que pode comportar graves problemas para a saúde da mulher e para a sua saúde procriadora em geral. É bom saber que a pílula em questão não age directamente sobre o embrião para o eliminar, mas sobre o útero da mulher, modificando e alterando a saúde do endométrio, que no tecido do útero é necessário para a nidação do embrião.

A objecção de consciência também em relação à RU 486

Esclarecida a questão técnica do contraceptivo, ou pílula do dia seguinte, é preciso dizer se é lícita ou não a objecção de consciência para quem sustenta a defesa do embrião por motivos de consciência, e, por conseguinte, o absurdo do aborto mesmo em fase precoce. Numa sociedade democrática pode deixar de existir o direito de objecção de consciência? Todos têm o direito de exprimir as suas opiniões, sejam elas de consciência ou de religião. Por conseguinte, não tem explicação a intransigência perante a opinião católica, mas sobretudo não tem explicação, numa sociedade evoluída e científica, a ocultação por detrás de terminologias ambíguas e distorcidas. Evidentemente, a defesa idealizada sabe tirar proveito mesmo da ciência.

**BELLA**

Género: Drama, Romance. **Realização:** Alejandro Gomez Monteverde.
Ano: 2007. **Duração:** 91 minutos.

ARGUMENTO: José (Eduardo Verástegui), que na sua juventude tinha sido um promissor jogador de futebol até ao dia em que foi surpreendido por uma tragédia, trabalha agora como chefe de cozinha no restaurante do seu irmão Manny (Manny Perez). Um dia, Manny descobre que a empregada de mesa, Nina (Tammy Blanchard), está grávida e, após uma grave discussão entre ambos, despede-a de imediato. José, assistindo a tudo isto e levado por uma certa compaixão, decide deixar o seu posto de trabalho e acompanha Nina na saída do restaurante.

Não sabendo como sobreviver sem emprego e apesar da sua consciência, Nina pensa realmente na hipótese de terminar com a gravidez. Então, pelas ruas de Nova Iorque, ambos dão a conhecer as suas vidas atravessadas por grandes contrariedades e, por isso, tão semelhantes entre si.

O dia torna-se diferente, e da perdição dá-se lugar à redenção e à descoberta, e ambos, transtornados pelas voltas que a vida dá, curam as cicatrizes que os marcaram e através da amizade que os fortalece e envolve dão um rumo libertador às suas vidas.

Sem cair no dramatismo fácil, nem terminando num final feliz habitual, *Bella* apresenta-nos uma história que poderia ser real, na sua dramaticidade inerente e contundente. O final do filme não dá qualquer possibilidade para uma atitude de vitimização, mas extravasa qualquer expectativa a que a história parece querer conduzir, remetendo o espectador para uma atitude face aos outros e à vida, mais intensa, corajosa e autêntica.

AVALIAÇÃO PASTORAL: *Bella* não aborda a questão bioética da pílula do dia seguinte directamente. Contudo, o questionamento e a envolvimento da personagem Nina toca nesse tópico no sentido em que o aborto é uma hipótese à sua gravidez inesperada. A decisão de cada futura mãe nestas ocasiões é feita muitas vezes de ânimo pesado, tal como o dia em que Nina se vê sem emprego. O resultado da sua vida, com todas as suas dificuldades, desaba numa quase conclusão ou decisão tomada. A atitude de José é por isso mesmo fundamental, não porque evita um acontecimento triste como um aborto, mas porque é movido pela compaixão e assim está presente ao lado de Nina quando ela mais necessita de um ombro amigo para se sentir acompanhada.

Do ponto de vista pastoral, *Bella* é um filme emocionalmente intenso e com boas características para proporcionar um bom diálogo sobre os métodos contraceptivos, o aborto, o amor e a amizade.

12

O embrião humano e a sua dignidade. Reflexões a partir da ciência

GENOMA

O conjunto dos elementos contidos nos genes de um indivíduo humano e que formam o seu património biológico. O genoma é o código de que promana todo o futuro biológico de um indivíduo: as potencialidades de desenvolvimento de uma individualidade biológica completamente estruturada.

Sem menosprezar as reflexões de carácter religioso, queremos aqui deter-nos sobre alguns dados de carácter científico, médico e genético acerca da identidade do embrião humano. A genética médica estudou amplamente o embrião humano desde a sua concepção e notou que, cientificamente falando, a sua identidade fundamental coincide com essa realidade biológica chamada **genoma** e que tem características de profundo significado humano e cristão. Chamamos a atenção para quatro aspectos.



- A vida é um valor indisponível por si mesmo, tem um valor absoluto mesmo no mais criminoso dos homens.
- A vida de cada indivíduo, desde as suas origens,

Uma individualidade precisa

O embrião, desde o primeiro instante (isto é, quando ainda está na fase de uma só célula: embrião celular) apresenta uma *individualidade* própria. Ou seja, encontramos-nos perante uma entidade biológica que tem uma precisa “individualidade” corpórea, fácil de descobrir mediante análise pelo perito que a observa. Ora, hoje nós estamos muito atentos à nossa “individualidade corpórea”, ou seja,

pertence ao desígnio de Deus.

- O aborto procurado é dispor da vida de um indivíduo em fase nascente.
- A utilização, para fins científicos, de embriões é uma violência para com a vida nascente indefesa.

Foi dito

«O embrião é um de nós: esta frase, tão simples que soa irritante para alguns, explicita bem a atitude bioética fundamental que emerge deste nosso texto: o sentido do limite à nossa possível actuação tecnológica. É verdade: no CNB [Congresso Nacional da Bioética] manifestaram-se diversas opiniões sobre o modo como tratar os embriões antes que as suas células percam todas as suas potencialidades. Mas também aqueles que, de entre os membros do CNB, aderiram às perspectivas mais “possibilistas”, partilham, todavia, a ideia de que os embriões não são mero material biológico, meros conjuntos de células; são sinal de uma presença humana, que merece respeito e protecção.»

COMISSÃO NACIONAL PARA A
BIOÉTICA [Itália], *Identità e statuto
dell'embrione umano*,
22 de Junho de 1996.

à nossa identidade; já não dizemos «eu *tenho* um corpo», mas sim «eu *sou* o meu corpo». Presta-se nas nossas culturas uma grande atenção ao facto de que essencialmente somos um corpo, cuidamos esteticamente do corpo com o desporto, os cosméticos, a moda (*body sculpture, body building*, etc.). O facto de o embrião ter uma individualidade somática própria tem também um valor teológico: Deus amou de tal modo a nossa corporeidade, que escolheu encarnar-Se, fazer-Se corpo como nós, para que nós enquanto corpo O pudéssemos conhecer.

Absolutamente único e irrepitível

O embrião humano, desde o primeiro instante, apresenta-se *absolutamente único e irrepitível*. Isto é, cada embrião humano é “único”, não existe sobre a face da Terra a possibilidade de que nasça um embrião idêntico a ele, jamais houve no passado um idêntico a ele, nem existirá no futuro algum que possa ser como ele; em suma, cada embrião não possui nenhuma possibilidade estatística de vir a ser reproduzido. É isto que constitui aquilo a que chamamos a dignidade do Homem: cada Homem é único, cada Homem pode dar ao mundo aquilo que nenhum outro poderá jamais dar-lhe, cada Homem, pela sua condição de irrepitível, é digno do amor dos outros, porque poderão receber dele o que nenhum outro poderá jamais dar-lhes. E esta unicidade e condição de irrepitível têm também um valor teológico: como Deus na Sua identidade mais profunda é absolutamente único e irrepitível, assim amou de tal modo o Homem que inscreveu na nossa carne – na nossa estrutura genética – a Sua imagem. O Homem, portanto, na carne física é, à imagem de Deus, absolutamente único e irrepitível.

Para debater em grupo

- ◆ O embrião ou o feto são para nós simplesmente “crianças” ainda não nascidas?
- ◆ Estamos convencidos de que entre as ameaças actuais à vida está também a da vida nascente? Ou acreditamos que é o único campo isento?
- ◆ Quem melhor pode defender a vida do nascituro do que a mãe que o traz no seio?
- ◆ O aborto procurado é porventura uma simples “interrupção da gravidez”?

Um Homem todo presente em código

Desde o primeiro instante, o embrião humano apresenta a chamada *lei ontogenética de desenvolvimento*. Isto é, tudo aquilo que o embrião, desse momento em diante, será, toda a sua história biológica está já presente “em código”. O facto de a partir do 14.º/16.º dia se formar a estria primitiva – ou seja, o primeiro esboço de células do cérebro –, e depois de cinco meses ter já todos os órgãos estruturados, e depois de nove meses nascer, e com um ano de idade começar a andar, e a certa idade aparecerem os cabelos brancos, etc., tudo isso está já inscrito em código no genoma do embrião. Tudo o que se formará sucessivamente está já presente no embrião desde o primeiro instante. Não se pode por isso aceitar a hipótese de que o embrião é um ser humano “em potência”; o embrião não é um ser humano em potência porque o embrião é já tudo aquilo que é, em potência é apenas o seu desenvolvimento. Ou seja, encontramos-nos não perante um ser humano em potência, mas em acto, perante um ser humano que já tem em si todas as potencialidades futuras de desenvolvimento.

Se algumas convenções internacionais afirmam que o embrião é vida humana só a partir do 14.º/16.º dia da concepção, isto não está cientificamente fundamentado, mas está ideologicamente ligado a filosofias de conveniência. De facto, se o embrião é já vida humana desde a concepção, já não são possíveis nem a procriação artificial que desperdiça muitos embriões nem a pura experimentação sobre eles. E isto teria graves repercussões económicas sobre o mercado da procriação assistida e, de algum modo, travaria a pesquisa científica.

Homens só pelo cérebro?

Finalmente, pensar que o embrião é vida humana só depois do 14.º/16.º dia equivaleria a sustentar que o Homem é Homem só porque tem um cérebro; isto é pura filosofia e não dado experimental, e, portanto, é metodologicamente incorrecto da parte da ciência. Se depois o Homem é Homem só pelo seu cérebro, já não somos iguais porque a nossa identidade dependeria da nossa capacidade de pensamento, e já não seriam dignas de respeito as pessoas com deficiência mental congénita ou devida a doença.

Resumindo, os dados científicos sugerem que o embrião humano é vida humana nascente desde a concepção, pelo que não é sustentável a eliminação ou esbanjamento de embriões que se verifica na procriação artificial ou no aborto.



PODE PROPOR-SE

A ILHA (*The Island*) Ver a unidade clonagem

Género: Ficção científica. **Realização:** Michael Bay.

Ano: 2005. **Duração:** 135 minutos.

Ou

TRUMAN SHOW

Género: Comédia dramática. **Realização:** Peter Wei.

Ano: 1998. **Duração:** 103 minutos.

ARGUMENTO: A vida de Truman Burbank na pequena cidade de Seahaven decorre aparentemente tranquila: ele trabalha como agente de seguros, tem uma esposa enfermeira no hospital, e os vizinhos todas as manhãs o cumprimentam com um cordial «Bom dia!». Truman, para dizer a verdade, sente um pouco o peso desta rotina e projecta fazer viagens, visitar outros países, fazer novas experiências. Mas no momento de concretizar estas ideias, há sempre algo que o faz parar: a empregada da agência de viagens diz-lhe que os lugares estão esgotados, e mesmo de automóvel o trânsito impede-o de sair da cidade. Truman encontra obstáculos que, com o passar do tempo, lhe começam a parecer estranhos e inexplicáveis. Quando, finalmente decidido a descobrir a fundo estes fenómenos, conversa com o amigo Marlon, este último comete o erro que revela o engano. Seahaven nunca existiu: é apenas um gigantesco estúdio televisivo de Los Angeles onde Truman, desconhecedor de tudo, vive desde o nascimento, onde tudo é movido mecanicamente e as pessoas (esposa, amigos, colegas de trabalho) são actores contratados de propósito. Desde o nascimento, a vida de Truman é transmitida 24 horas por dia, e é o maior sucesso da história da televisão. Mas agora Truman compreendeu e Christof, o realizador desta pérfida brincadeira, deve render-se ao seu desejo de se revoltar.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Um filme difícil de definir. Aparentemente é uma comédia com tons serenos e brilhantes, mas com pormenores dramáticos por aquela situação quase de cárcere, de prisão em que vive o protagonista. Mas é também uma história de ficção científica, embora muito perto de nós, porventura uma metáfora sobre o destino do Homem no Terceiro Milénio. Seja qual for o modo como o quisermos definir (mas o termo "metáfora" é o que melhor resume todos os outros), trata-se de uma história, escrita e encenada de propósito pelo jovem Andrew Niccol (já autor de *Gattaca - A porta do Universo*), de grande envergadura e de forte abrangência, incisiva no plano expressivo e nas imagens. É evidente a intenção de ilustrar os limites já muito débeis entre realidade e fantasia na civilização do Terceiro Milénio dominada pelos meios de comunicação social: o argumento não é novo mas desenrola-se de modo tão premente e estreito que traz para primeiro plano a reflexão (mais ampla e sem limites históricos) da relação entre o indivíduo e a sua manipulação, entre liberdade e escravidão, entre progresso e regresso à barbárie. Um filme inquietante, entre denúncia e esperança, que se liga a certos cenários apocalípticos do tipo *Metropolis* de Fritz Lang, e que de modo directo e inequívoco nos coloca a todos perante as nossas responsabilidades: realizadores, mas também peritos, críticos e público. Do ponto de vista pastoral, é um filme de grande riqueza e humanidade, que se pode recomendar como aceitável pelas muitas problemáticas propostas e também pela sua perfeita realização visual e profissional.

13

Interrupção da gravidez e aborto



- A interrupção voluntária da gravidez não é um mero gesto técnico, mas abrange os valores fundamentais da convivência humana.
- Para o cristão, a dignidade da vida humana é um valor indisponível, quer se trate do estádio nascente ou terminal.
- Deus ama o Homem, conhece-o e perscruta o seu caminho desde a vida pré-natal.
- A ciência coloca em evidência que em cada vida que começa nos encontramos perante uma realidade que já tem presente em código todas as potencialidades sucessivas de desenvolvimento.

Para além do termo

O termo “interrupção da gravidez” vai substituindo cada vez mais o de “aborto”. O primeiro indica um facto simplesmente cirúrgico, o segundo tem um significado tradicionalmente ético. A nossa sociedade prefere cada vez mais termos de carácter geral, evitando expressões que se referem directamente a significados, sobretudo de natureza moral. A interrupção da gravidez que vamos tratar é a que é procurada e desejada, não considerando o aborto *espontâneo*, não causado pela intervenção humana e, portanto, devido a causas patológicas da mulher.

Não se pode menosprezar que a interrupção voluntária da gravidez, do ponto de vista ético, é vista geralmente de modo negativo. A vida é considerada um bem em si mesmo, digna de ser vivida, e o nascimento de novos filhos alegra a família e enriquece a sociedade. Todavia, mesmo a história mais antiga documenta a presença do aborto procurado, com a agravante de meios mecânicos rudimentares para a expulsão do feto, ou com substâncias

- O aborto voluntário de um "feto mal-formado" é a eliminação de uma vida humana deficiente, a qual exige cuidados e protecção.
- O aborto voluntário é *de per se* um mal, mas nem todas as mulheres são subjectivamente responsáveis.

químicas preparadas com plantas medicinais com função abortiva. O documento mais antigo de ética biomédica, o *Juramento de Hipócrates* (iv-v séculos a. C.), pronuncia-se contrário ao aborto voluntário, dizendo: «Não administrarei a uma mulher grávida um pessário abortivo.» Hipócrates, médico grego, certamente conhecia a existência da prática abortiva na sua sociedade e, no entanto, o seu modo novo de praticar a medicina leva-o a uma avaliação ética de exclusão do aborto. Porquê? Porque passa de uma visão mágica e ritual da medicina, que não media adequadamente o rigor metodológico, para uma visão que funda a prática médica sobre dados que hoje diríamos de ciência e de consciência. A medicina hipocrática é a medicina do respeito da qualidade e da dignidade da vida nascente.

O juízo da Bíblia

O *hebraísmo* vê o problema do aborto voluntário a partir da experiência vivida de um Deus salvador, que liberta Israel e lhe restituiu uma vida nova. É o Deus Criador que o ama desde o seio materno e o chama a ser Seu sinal profético na História. Ainda informe no seio materno, o Homem é visto pelos olhos de Deus e tudo está escrito no Seu livro; os seus dias são contados quando ainda não existe um deles (Sl 139). «Os meus ossos não Te eram escondidos. Quando eu era formado, em segredo, tecido na terra mais profunda.» (Sl 139) Deus ama o Homem, conhece-o e perscruta o seu caminho desde a vida pré-natal, antes o consagra para Si desde o seio materno e chama-o para estar ao Seu serviço (Jr 1,5). E Deus é o próprio artífice da vida, como indica a mãe dos Macabeus: «Não sei como aparecestes no meu seio, não fui eu que vos dei o espírito e a vida, nem fui eu que dei forma aos membros de cada um de vós.» (2Mc 7,22-23); e assim também Job: «Revestistes-me de pele e carne, e teceste-me de ossos e nervos.» (Job 10,11)

Foi dito

«Com a autoridade que Cristo conferiu a Pedro e aos Seus sucessores, em comunhão com os bispos da Igreja Católica, confirmo que a morte directa e voluntária de um ser humano inocente é sempre gravemente imoral. Esta doutrina, fundada naquela lei não-escrita que todo o Homem, pela luz da razão, encontra no próprio coração (cf. Rm 2,14-15), é confirmada pela Sagrada Escritura, transmitida pela Tradição da Igreja e ensinada pelo Magistério ordinário e universal.»

JOÃO PAULO II, *Evangelium vitae*, 1995, n.º 57.

Por isso, em Israel (como noutros povos antigos), a prática da morte do feto ou da mulher grávida era gravemente castigada.

O *cristianismo*, no seguimento da tradição de Israel, olha com amor a vida nascente. Sinal disso são os “**Evangelhos da Infância**”, que elogiam a vida pré-natal e indicam o nascimento de João Baptista e de Jesus Cristo como lugares onde se manifestam a profecia da História da Salvação. O fruto da concepção é já, no percurso pré-natal, lugar de encontro e de acolhimento (Maria e Isabel); João exulta no seio da mãe pela presença de um outro Menino, Jesus, no seio de Maria. Toda a mensagem de Cristo é uma mensagem de amor pela vida infantil e indefesa, pelas crianças às quais é revelado o Reino de Deus. Assim, as primeiras comunidades cristãs (livro da *Didaquê*) condenaram o aborto voluntário como pecado «abominável».

Os dados da ciência

Hoje a genética coloca em evidência que para a formação do **zigoto** se forma um ser com um seu *genoma* humano que tem as características seguintes: *a) é absolutamente único e irrepetível*, isto é, cada embrião não tem qualquer possibilidade estatística de ser reproduzido; *b) tem uma individualidade somática* precisa, ou seja, encontramos-nos perante uma entidade biológica que tem a sua precisa “individualidade” corpórea fácil de encontrar na análise do ginecologista que o observa; *c) apresenta a chamada lei ontogenética de desenvolvimento*, isto é, tudo aquilo que o embrião a partir daquele momento será já está codificado e inscrito. Estes elementos da ciência geralmente são motivos de discussão.

Todavia, algumas convenções internacionais afirmam que o embrião é vida somente a partir do 14.º/16.º dia da concepção, ou seja, quando se

EVANGELHOS DA INFÂNCIA

São a antecipação profética dos restantes evangelhos. O que eles narram da infância de Jesus é o mesmo Evangelho de salvação de que Jesus é o Salvador, o Verbo enviado pelo Pai a favor do Homem.

ZIGOTO

Célula que se forma pela união do óvulo com o espermatozói-de: é, portanto, um embrião em fase unicelular, com o diâmetro de 0,1 mm, com um património genético estruturado.

forma a verdadeira “estria primitiva”, isto é, o primeiro esboço de células do cérebro. De facto, dizem, já que antes da formação da estria primitiva pode acontecer que se formem mais embriões (um embrião pode dar origem a dois gémeos verdadeiros), e porque uma vida para ser verdadeiramente humana deve ser individual, então antes da estria primitiva não haveria vida humana propriamente dita. Este argumento, todavia, parece não justificar o aborto, porque o facto de a partir de um embrião poderem nascer dois embriões, não diminui o sentido de responsabilidade moral perante aquele embrião, antes a aumenta.

Não nos parece justificado falar, como fazem outros, de “pré-embrião” ou de “embrião em potência”, porque esta terminologia tipicamente filosófica não se adapta cientificamente ao embrião que contém já no seu genoma (embora “em código”) tudo *aquilo que é*: “em potência” não está o embrião (e, portanto, a vida humana), mas só o seu desenvolvimento. É por isso correcto afirmar que um embrião precoce é *já uma vida humana* que tem as enormes potencialidades de desenvolvimento já presente em código. Neste sentido, cada interrupção da gravidez, mesmo precoce, mediante a pílula do dia seguinte, deve considerar-se eticamente incorrecta.

A sociedade de hoje

As transformações sociais e éticas da nossa sociedade influíram consideravelmente sobre a consciencialização moral do aborto. Uma sociedade cada vez mais violenta, uma mentalidade contra a vida (*antilife mentality*), a prática do aborto clandestino, a mulher e a reivindicação de um “direito ao aborto”, a gestão pessoal da gravidez, a não aceitação do filho não desejado ou do feto com deficiência alteraram fortemente a perspectiva sobre o

Para debater em grupo

- ◆ O aborto é uma simples interrupção técnica da gravidez, ou implica problemas éticos significativos sobre o Homem, o casal e a sociedade?
- ◆ Se o Homem não pode dispor da vida humana em geral, isto também é válido para a vida que começa a nascer?
- ◆ Os dados da ciência fazem vir ao de cima a identidade de um indivíduo humano com todas as suas potencialidades em código. Pode então o Homem julgar a vida nascente como vida em potência de que qualquer pessoa pode dispor?
- ◆ A defesa da vida que vai nascer é tarefa apenas da mãe que traz a criança no seu seio, ou também do casal?
- ◆ Existem limites ao "direito ao aborto" numa sociedade pluralista?

sentido do aborto. A sociedade hoje está propensa a conceder o direito de decisão à mulher grávida (mesmo quando é menor de idade), a considerar a gravidez um problema individual da mulher sem o adequado envolvimento do homem, como se se tratasse de uma entre muitas intervenções não só sobre o corpo, mas sobretudo sobre a psicologia da mulher.

O caso do aborto "terapêutico" para salvar a vida da mãe é um problema que hoje, graças às novas tecnologias biomédicas, raramente se coloca. Por exemplo, no caso de gravidezes extra-uterinas (ectópicas) é possível remover o embrião e colocá-lo no útero. É diferente o caso de fetos mal-formados. Um sentido de "compaixão" por estes seres, por vezes julgados "infelizes", e a nova consciencialização social do bem-estar e da qualidade de vida influem consideravelmente na avaliação moral. Tem um papel importante neste caso a componente emotiva da mãe e da família e o sentido de sofrimento que o nascimento de um bebé mal-formado poderá comportar também para a família, para além da sociedade. O sofrimento seria então da criança, da família e da sociedade. Se nenhum de nós iria justificar o homicídio de crianças já nascidas e que, devido a doença ou acidente, ficam deficientes, por essas mesmas razões não deveríamos admitir o aborto de fetos mal-formados. Por outro lado, na sociedade por vezes é paradoxal a protecção dada a pessoas deficientes, a reinserção social delas mediante a supressão de barreiras arquitectónicas; no entanto, depois não são protegidos os seres deficientes a nível pré-natal.


VERA DRAKE (*Vera Drake*)*

Género: Dramático. **Realização:** Mike Leigh.

Ano: 2004. **Duração:** 124 minutos.

ARGUMENTO: Londres, 1950. Num apartamento dos subúrbios, Vera Drake, uma senhora de meia-idade, vive com o marido, Stan, e os filhos já crescidos, Sid e Ethel, uma vida pobre mas digna. Vera é dona de casa, Stan é mecânico na oficina do irmão. Sid trabalha como alfaiate e Ethel trabalha numa fábrica de lâmpadas. Vera, no entanto, sem o marido saber, dedica-se também a outra actividade: por influência de uma amiga, vai a casa de raparigas jovens e dedica-se a interromper as suas gravidezes indesejadas. Vera não cobra dinheiro por estes seus "trabalhos", pois está convencida de que está a agir para uma obra de bem. A vida quotidiana decorre tranquila, entre notícias boas (Ethel arranja namorado) e ocasiões importantes que reúnem toda a família. Um dia, porém, o inspector da polícia Webster bate à porta dos Drake: uma jovem sentira-se mal e está internada no hospital. Referira o nome de Vera e esta é presa. No tribunal, Vera assiste quase incrédula ao processo que lhe é movido por ter provocado abortos ilegais: só agora parece compreender os erros cometidos e desata num longo pranto. O tribunal condena-a a dois anos de prisão.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Diga-se, desde já, que a história é imaginária, isto é, não é extraída de nenhum facto verdadeiro, como já durante a Mostra de Veneza de 2004 (onde o filme ganhou o Leão de Ouro) muitos insistiam em dizer, talvez enganados por aquela espécie de realismo obstinado e quase de documentário que Mike Leigh constrói com um bom domínio de estilo. É ficção, mas também crónica vibrante. Há uma série imensa de objecções que se podem dirigir ao realizador (sobretudo por parte de quem o ouviu na conferência de imprensa de Veneza) e à sua defesa "programática" de uma mulher inocente porque ingénuo e sempre animada por um sincero impulso de solidariedade nas suas acções de interrupção da vida. Enfrentado (como era inevitável que fosse) na óptica radical e protestante inserida na cultura anglo-saxónica, o tema do aborto é tratado, abstraindo de qualquer dimensão relativa à sacralidade e ao mistério da vida nascente: mantém-se, ao invés, bem firme sobre a materialidade da vida quotidiana e sobre uma ética de tipo quase geométrico. O argumento, em suma, coloca-se pouco da parte dos bebés não nascidos e muito do lado de Vera, cujo irreprimível choro conclusivo mostra-se todo ele como uma demonstração de tomada de consciência e de auto-absolvição (mas se ela estava mesmo convicta de que praticava o bem, porque razão ela nunca revelou coisa alguma aos familiares?). Luzes e sombras marcam por isso a história, cujos desenvolvimentos devem aceitar-se com muita cautela. O filme, do ponto de vista pastoral, deve considerar-se como discutível, deixando a solução para os muitos debates que vai suscitar, tendo presentes as características de base.

Como alternativa propõe-se o documentário *L'urlo silenzioso*, que se pode obter através do sítio Web <http://www.youtube.com>.

14

A procriação assistida. Reflexões para o casal cristão



- O artificial na procriação deve respeitar a união do casal e a defesa do nascituro.
- Não se deve separar a união do casal do acto de procriação.
- A vida é um valor inatácável e indisponível, sobretudo quando ainda está em embrião, frágil e indefesa.
- A existência de grande quantidade de malformações ou doenças congénitas.
- Quando o perigo de abortar é grande. Se o sucesso é apenas de 15-20% e todos os outros embriões ou fetos se perdem.

Um olhar positivo

As famílias e os casais estão hoje inseridos num contexto científico e tecnológico que por muitos aspectos se manifesta na sua positividade e beleza, com intervenções que melhoram a qualidade de vida, amparam a saúde humana e enriquecem a pessoa de novas dimensões. Não faltam, porém, as “sombrias”, porque nem tudo é linear na ciência e porque nem sempre está livre de interesses de tipo económico, comercial ou político. No espírito cristão, o confronto dialógico entre as diversas posições deve ser sempre privilegiado, sobretudo quando fundado sobre razões válidas, mas não se pode abdicar da própria consciência e dos valores (mesmo os da fé) construídos com sacrifício durante a vida.

As inseminações artificiais clássicas

A possibilidade de procriar um bebé por caminhos diversos da clássica relação conjugal, ou seja, com

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

É introduzir o sêmen masculino (espermatozóides) no órgão reprodutivo feminino. Pelo facto de o sêmen ser depositado, a inseminação assume o nome de técnica de reprodução assistida.

PROcriAÇÃO *IN VITRO*

É o processo técnico em que o óvulo e o espermatozóide são introduzidos numa proveta (*in vitro*) para produzirem um embrião que depois será introduzido no útero.

o auxílio da medicina e das biotecnologias, é uma realidade que já tem mais de 50 anos. A utilização dessas tecnologias teve origem obviamente com as primeiras experiências em animais, a fim de os “produzir” com finalidades comerciais e de mercado. Sucessivamente, estes métodos foram aplicados nas pessoas, particularmente em casais estéreis. Trata-se de **inseminações artificiais**, ou seja, fazer de modo que uma relação sexual de um casal, com a ajuda da técnica, pudesse ser fértil e, portanto, resultar no nascimento do filho desejado. Nestas primeiras tentativas, ainda hoje muito utilizadas, a medicina tinha simplesmente a tarefa de “ajudar” um acto físico sexual realizado por um casal a ser fecundo. Por isso, só este tipo de procriação pode chamar-se propriamente “procriação assistida”, porque o papel da equipa médica consiste somente na “assistência” de um acto conjugal realizado precedentemente pelo casal.

A procriação *in vitro*

A verdadeira viragem dá-se em 1978, quando nasce a primeira menina concebida *in vitro*. Obviamente, o nascimento dessa menina aconteceu sem nenhuma relação sexual dos pais: o óvulo da mãe e o espermatozóide do pai encontraram-se numa proveta. A possibilidade de juntar numa proveta óvulos e espermatozóides de pessoas que não são marido e mulher levou não só à exclusão do acto sexual na procriação, mas sobretudo à presença de “terceiras pessoas” na procriação: há quem forneça a semente, quem forneça o óvulo, quem alugue o seu útero, etc. Este tipo de procriação, como se vê, alterou a necessidade de apenas dois pais servirem para a procriação de um filho.

Foi dito

«A criança adquire direito à vida, é um ser pessoal autónomo, que existe por si mesmo, e não pode ser reduzido a um objecto de desejo. Ninguém tem direito sobre uma pessoa humana. Julgar ter esse direito seria inverter a escala dos valores.»

G. CONCETTI, *La fecondazione medicalmente assistita*, 1999, 29.

MAGISTÉRIO DA IGREJA

É o ensinamento doutrinal da Igreja, que se manifesta através das intervenções oficiais do Papa, dos Concílios, dos bispos e das estruturas eclesiais, propostas para iluminar as temáticas de fé e moral.

A posição da Igreja

O **magistério** oficial da Igreja ocupou-se da procriação assistida durante vários decénios. Não se podem aceitar, por isso, as posições – mesmo no interior do catolicismo – de que Igreja é contrária a qualquer intervenção “artificial” em matéria de procriação. Isto pode ler-se nos documentos oficiais da Igreja, a partir dos discursos de Pio XII aos médicos e sobretudo nos documentos recentes *Donum vitae* e *Evangelium vitae*.

A Igreja aceita a procriação assistida com três condições: a) deve realizar-se no âmbito de um casal unido por um vínculo estável, que geralmente é o matrimonial; b) deve ser efectuada incluindo uma relação sexual, e não evitando a relação conjugal; c) não deve comportar intervenções invasivas ou riscos relevantes com prejuízo do embrião ou do feto (estes três critérios são propostos no documento *Donum vitae*). Actualmente, estas três condições verificam-se apenas na *inseminação artificial* entre marido e mulher, consequente de uma relação sexual. Qualquer outra intervenção que preveja uma terceira pessoa, ou um dano ao embrião ou ao feto ou que não tenha em conta o acto sexual é inaceitável para a Igreja.

Para debater em grupo

- ◆ Os valores morais da família só pertencem ao casal, ou também pertencem ao nascituro?
- ◆ É correcto “dispor” do futuro da vida de um nascituro?
- ◆ Podemos falar de um filho “a qualquer custo”?
- ◆ Um grande “desperdício de embriões” na procriação *in vitro* já é um facto moral?
- ◆ Porque é que não é aceitável o envolvimento de uma terceira pessoa (doador de sêmen, óvulos, empréstimo de útero...)?

A razão do não à procriação *in vitro*

O juízo sobre a procriação *in vitro* é negativo, não por se tratar de algo “artificial”, mas por uma série de problemas – pelo menos sete – que surgem após a tentativa de realização desta tecnologia: 1) o *insucesso* desta metodologia; 2) o enorme *desperdício de embriões*; 3) o alto grau de *abortividade*, pois a taxa de sucesso anda pelos 15-20%; 4) a quebra antropológica e afectiva da *ligação sexualidade-procriação*; 5) a presença de terceiras pessoas, no caso de doadores de óvulos ou de espermatozoides; 6) uma *maior proporção de malformações* ou *doenças*

congénitas; 7) os efeitos económicos degradantes, que são consideráveis. Pense-se na compra e venda de óvulos, de espermatozóides, de aluguer de úteros, nos custos da aparelhagem biomédica própria para a realização da intervenção.



GATTACA – A PORTA DO UNIVERSO (*Gattaca*)

Género: Ficção científica. Realização: Andrew Niccol.

Ano: 1998. Duração: 103 minutos.

ARGUMENTO: Num futuro não muito distante, em *Gattaca*, graças a surpreendentes sucessos da ciência, existe a possibilidade de escolher a composição genética da criança que se quer fazer nascer. E se acontece uma gravidez “natural” é preciso ter cuidado. Pois este é o destino de Vincent Freeman, concebido não em laboratório mas sim por amor, e agora rotulado como “não válido”, rapaz vulnerável diante das emoções e ambicioso. Vincent arranja um subterfúgio para enganar as autoridades e propõe-se para astronauta da *Gattaca Corporation*. Entra em contacto com Jerome Morrow, homem de natureza superior que ficou paralisado devido a um acidente e disposto a vender o seu material genético. Assim Vincent tem a possibilidade de assumir uma identidade apta, embora tenha de ocultar as suas imperfeições, alterar os olhos míopes e modificar a estatura mediante difíceis intervenções cirúrgicas. Depois de muito esforço, Vincent começa a fazer parte de um grupo de homens escolhidos para explorar as longínquas galáxias. Apaixona-se por Irene, uma sua colega atormentada por um defeito cardíaco, a qual julga que Vincent é um homem perfeito. Uma semana antes do início da missão, é assassinado o director da agência espacial e as suspeitas recaem sobre os que trabalham no projecto. O inspector policial Hugo descobre a presença, no local do delito, de fragmentos de pestanas pertencentes a um “não válido”. Vincent descobre então que, para se salvar, deve recorrer às suas capacidades naturais. Volta a lembrar-se do seu irmão Anton, concebido *in vitro*, encontra-o e desafia-o novamente para uma partida de natação, como faziam quando eram crianças. Vincent, com a ajuda do médico de serviço, ultrapassa o controlo decisivo. O inspector anuncia que o culpado foi encontrado. Vincent pode partir para Titã. Quando embarca, diz: «Não sei se estou a partir ou a regressar a casa.»

AVALIAÇÃO PASTORAL: Seguindo módulos expressivos e narrativos tipicamente americanos (ritmo elevado, imagens abrangentes, tensão constante), o filme apresenta-se como uma espécie de concentrado das tendências espiritualistas e milenaristas que caracterizaram o além-Atlântico no final do século passado. Abriga dentro de si a angústia por um futuro já próximo e, porventura, não fácil de dominar; depois apresenta a ideia de que o método selectivo confia na fraude e no engano, e é perspectivada a síntese entre a pesquisa científica e as crenças ultraterrenas; está presente, porque não se pode eliminar, o mito americano da vontade individual que pode resgatar o Homem e a sua história. É uma espécie de Evangelho, que parte do fim do mundo: quando houver a perfeição, Deus descerá sobre a Terra para julgar. Tudo se resume nas tendências da *New Age* e da *Next Age*, que da América foram exportadas para a Europa.

15

A clonagem humana. É necessário ser-se “original”?



- Já do ponto de vista genético, cada indivíduo humano nasce absolutamente único e irrepetível.
- A vida nascente tem o seu direito a ser concebida em conformidade com a “natureza humana”, ou seja, única.
- A clonagem destrói as relações de fraternidade e os papéis familiares.
- A vida na Terra está fundada na “diversidade”, que lhe assegura a especificidade e a reprodução.
- O clone é um “produto” biológico, enquanto tal já instrumentalizado por quem o produziu.

A clonagem: uma realidade tecnicamente possível

A clonagem humana é um acontecimento só futurista e de ficção científica? Não diria, porque há já muitos laboratórios que trabalham neste campo, e ginecologistas como o Dr. Severino Antinori, italiano, que exprimiram a firme vontade de realizar no Homem uma técnica que dizem ser possível. Depois do sucesso com a ovelha *Dolly* sabemos que é possível realizar a clonagem com os mamíferos e, portanto, também com o Homem. A sociedade americana Advanced Cell Technology, anunciou há pouco tempo que já a realizou, embora algumas agências de informação tenham afirmado que se tratara apenas de anúncio publicitário para favorecer a cotação da empresa na Bolsa. É certo, todavia, que não existem limitações técnicas para a intervenção. O sucesso não está assegurado ao casal infértil, porque às percentagens *de per si* baixas da procriação *in vitro* (15%) junta-se a homogenei-

DIVERSIDADE

Em biologia indica o vector que constitui e mantém a vida. Toda a natureza está estruturada sobre bases de uma diversidade biológica que é a razão da sua consistência e sobrevivência.

Foi dito

«A reprovação não é ditada por preconceitos religiosos ancestrais ou por motivações éticas tradicionalistas.

Pelos valores que nele estão envolvidos, a avaliação ultrapassa os confins da ética ou de uma religião particular. O núcleo fundamental deve procurar-se na própria interioridade da pessoa, na sua dignidade, ou seja, naquele património de valores que constitui o substrato ético e jurídico da Humanidade: património que não pode ser posto em discussão sem renegar os progressos da civilização.»

G. CONCETTI, *La clonazione umana*, 1998, p. 37.

dade genética, ou seja, embriões idênticos (clones) têm possibilidades escassas de chegar ao fim da gravidez.

Duplicar Hitler ou Estaline?

Porque havemos de ter tanto medo da clonagem? Pela terrificante ideia da “duplicação” de personagens como Hitler ou Estaline? Nenhum Homem de ciência pode afirmar que isto jamais pode acontecer. Mas então porquê tanto alarme? Porque na clonagem, não comportando nenhuma intervenção de espermatozóides (*sic!*), isto é, clonando uma célula do próprio corpo, o bebé não seria filho biológico de duas pessoas, mas seria a cópia idêntica daquele que doou a célula de que foi extraído o núcleo. Pode ser ético ser-se filho biológico de *uma só pessoa*? Tratar-se-ia de uma alteração estrutural da natureza do ser humano, filho de um pai e de uma mãe. Ser “*cópia do próprio pai*”? E portanto ser “*gémeo*” do próprio pai (“pai” e “irmão”)? Isto não é ético, quer porque viriam a *destruir-se as relações familiares* (que, por outro lado, estão na origem do nosso equilíbrio psicológico), quer porque não se compreenderia já *o que é uma família* e quais são os papéis parentais, quer porque cada Homem tem *direito a nascer de modo “natural”*.

É ético ser-se um “duplicado”?

A pessoa clonada não seria biologicamente “original”. É ético ser-se um duplicado? Toda a natureza está fundada na **diversidade**, e assim também as relações sociais. Uma pessoa é reconhecida como tal por aquilo que é, ou seja, a sua unicidade biológica (a “diversidade” biológica mantém o equilíbrio do ecossistema, como no caso do incesto que é pouco “produtivo” da vida). Pode ser ético alterar as leis da Natureza para além das leis sociais? E que consequências sobre o futuro da evolução e sobre

Para debater em grupo

- ◆ Quererias ser um clone?
- ◆ Na clonagem acaso o Homem não brinca a "fazer de Deus"?
- ◆ Numa sociedade democrática pode deixar-se espaço livre aos cientistas para a clonagem de seres humanos?
- ◆ Não achas que com a clonagem se exasperam as já inúmeras discriminações entre os homens (clonados e não clonados)?
- ◆ A clonagem "terapêutica", embora para fins nobres, acaso não instrumentaliza a vida nascente?

a sobrevivência da História? A vida difunde-se e evoluciona precisamente graças à "diversidade", que com a clonagem seria perturbada. É o receio de "efeitos imprevisíveis" pela possível grande quantidade de homens produzidos por uma só pessoa. Não se pode depois ignorar que são sempre possíveis *erros de laboratório*, no caso dos genes controláveis só à distância no tempo, que poderiam trazer, quando aparecessem, alguns danos irreversíveis sobre a natureza humana.

A clonagem abre caminho também à *melhoria* (eugénica) do Homem. Mas "quem" estabelece os padrões para dizer que *tipo* de Homem é melhor? "Quem" estabelece a *justa estatura* da natureza humana?

A clonagem com fins terapêuticos

Mesmo com fins estritamente "terapêuticos", pela extracção das células estaminais, a clonagem apresenta problemas, porque exigiria a utilização de embriões clonados que seriam sacrificados para benefício de outras pessoas. Pode sacrificar-se uma vida nascente para salvar outra vida? Merece respeito quem não pensa assim, porque o pluralismo e o diálogo são valores a salvaguardar, mas interrogamo-nos: que respeito merece uma vida humana nascente e em que lugar está? Julgue o leitor. Quem escreve estas linhas confessa o abismo perante o mistério da vida nascente e profere um juízo de abstenção de toda a intervenção que não tenha outra finalidade que não seja a terapêutica do mesmo indivíduo que nasce.



A ILHA (*The Island*)

Gênero: Ficção científica. **Realizador:** Michael Bay.
Ano: 2005. **Duração:** 135 minutos.

ARGUMENTO: Estamos em meados do século XXI. A seguir à catástrofe ecológica que destruiu o planeta Terra, os sobreviventes vivem numa espécie de grande reserva, vigiados e orientados nas suas actividades quotidianas. Lincoln 6 e Jordan 2, após estranhos pesadelos, começam a sentir forte exigência de saber o que existe fora daquele lugar de que jamais tinham saído. Movimentando-se quase às escondidas, e entre inúmeros perigos, ambos conseguem ser escolhidos para fazerem parte dos que são enviados à ilha, o único lugar que permanecera intacto. Chegados ao mundo exterior, porém, descobrem que essa ilha não existe, é uma mentira, e que eles mesmos estão mortos e já clonados noutros seres humanos. A duplicação de homens e mulheres já acontece há algum tempo. Lincoln e Jordan conseguem com a sua força de vontade interromper essa terrível cadeia, que pretende a eliminação daqueles “produtos” que se mostram defeituosos. Todos os clonados são finalmente libertados.

AValiação Pastoral: Não há dúvidas de que o guião oferece diversos temas sobre assuntos de actualidade. Surgem interrogações sérias e, de algum modo, angustiantes. **Que caminhos a ciência seguirá num futuro próximo? O Homem estará em condições de controlar, ou antes a possibilidade de modificar e construir a seu gosto levará a genética por caminhos contrários em relação à Humanidade e à sacralidade da vida? A clonagem irá tornar-se prática habitual? Perguntas pesadas, que certamente surgem hoje e a que, todavia, a narração se encarrega de responder, movimentando-se por isso entre ficção científica e alguns episódios reais. Ao manobrar esta matéria interessante, o realizador Bay movimenta-se como se ainda estivesse por detrás dos cenários de *Pearl Harbor* ou de *Armageddon*, os seus filmes precedentes. Uma encenação laboriosa e superabundante, uma narração que, no plano visual, se torna até demasiado densa, tonitruante: um grande espectáculo que não tem em conta meias medidas ou momentos de descanso. Resta que ao redor do tema da biotecnologia existem anotações eficazes e chega-se à cansativa conclusão de que o Homem, criatura irrepitível, consegue vencer todas as manipulações, apelando às suas reservas de mente e de coração. Do ponto de vista pastoral, o filme deve considerar-se aceitável, e ao mesmo tempo problemático.**

16

“Melhorar” o Homem. Engenharia genética e genoma humano

ENGENHARIA GENÉTICA

É a intervenção capaz de modificar a estrutura genética de uma realidade biológica para a configurar diversamente.

GENÓMICA

Indica o estudo da relação entre a estrutura e a função biológica de todos os genes de um organismo baseado no conhecimento do seu genoma.

Positividade da engenharia genética

O interesse pela **engenharia genética** e a **genômica**, sempre em crescimento, não nasce da mera curiosidade pelas novas conquistas da Medicina, mas sim das expectativas acerca do melhoramento da saúde e da qualidade de vida e dos valores implicados no respeito da pessoa e do ambiente. As notícias sobre o mapa do genoma humano, sobre as células estaminais, como também sobre o consumo de alimentos geneticamente modificados ou sobre a clonagem de novos animais, úteis também para fins de transplantação, provocam frequentemente acesos debates e confrontos. É preciso olhar positivamente para estas conquistas, sem lançar sombras e suspeições como de costume. É verdade que estes resultados podem ser utilizados ideológica e politicamente, como fizeram, por exemplo, Hitler e Estaline, mas é também verdade que as suspeitas num campo que oferece grandes esperanças podem ser muito mais perigosas e paralisantes.

VALORES
EM
QUESTÃO

- O "melhoramento" da saúde e da qualidade de vida através da geneterapia passa pelo respeito da dignidade humana.
- É preciso olhar positivamente para as conquistas da engenharia genética.
- A ideia de um projecto para "melhorar" a natureza humana é legítima, mas os meios não são indiferentes.
- Existe o risco de novas discriminações, semelhantes às do projecto do melhoramento da raça efectuado pelo nazismo.

Foi dito

«O conhecimento do genoma não deverá servir para discriminar os homens: por exemplo, a confirmação da predisposição para uma doença não se deverá tornar pretexto para marginalizar o indivíduo da vida laboral e social. Se aquele que oferece um trabalho ou um seguro de saúde viesse a saber que uma pessoa tem predisposição para o cancro, poderia negar-lhe o posto de trabalho. Por esse motivo, as informações respeitantes às características biológicas de cada um deverão ser oportunamente protegidas.»

D. TETTAMANZI, *Dizionario di Bioetica*, 2002, p. 223.

Diante da luz positiva projectada pelas conquistas, que não representam senão a mínima parte do que se conquistou e de quanto já se espera, está a aparecer no horizonte uma enorme possibilidade de sombras, a de "retocar" o genoma humano (o património genético) com a finalidade – diz-se – de orientar na melhor direcção a evolução do Homem. A ideia de um projecto para melhorar a natureza humana é legítima e respeitável. No entanto, os meios não são indiferentes. A intervenção sobre o património genético não pode substituir, antes deve concertar-se com aquele, já bem conhecido da Humanidade, que consiste na educação ética das pessoas. Isto é importante, porque se apresenta o risco de novas discriminações, semelhantes às do projecto do melhoramento da raça (eugénica) efectuada pelo nazismo, embora, pelo menos oficialmente, não seja consentido fazer experiências deste género sobre embriões humanos, mesmo em vista de uma terapia.

"Melhorar" para curar
e não para modificar o Homem

É necessário, todavia, ter sempre presente a diferença subtil entre utilizar o termo *melhoramento* para indicar a correcção de defeitos orgânicos, o que se deve considerar uma intervenção terapêutica, ou então para indicar a introdução de uma novidade, ou seja, a potenciação de algumas características, como a inteligência, a personalidade, etc., e neste caso cair-se-ia no eugenismo propriamente dito, que é contrário ao princípio de igualdade entre os homens e à dignidade daquele que seria modelado por outros segundo a vontade deles. Esta eventualidade ganha ainda mais sombras pela publicação de dados que demonstram a possibilidade de produzir indivíduos de uma determinada espécie todos com o mesmo genoma (clonagem) ou indivíduos híbridos com dois ou mais genomas (quimeras).

ENGENHARIA GENÉTICA ALTERNATIVA

Processo de modificação genética capaz de "alterar", mudar, de modo permanente, a natureza de um indivíduo biológico.

Para melhor avaliar as problemáticas conexas a este problema, é necessário distinguir esquematicamente quatro finalidades: a) preencher um défice que, sem ser propriamente doença, deixa o indivíduo em condições de inferioridade em relação à média estatística; b) potenciar no indivíduo e na sua descendência uma ou mais qualidades acima da média, e é o caso da engenharia genética chamada melhorativa; c) construir indivíduos humanos com *status* biológico particular, por exemplo com características genéticas idênticas; d) construir indivíduos com uma nova espécie biológica homem-animal, mediante a fecundação entre espécies.

Dimensões éticas

Mas no estado actual da pesquisa, não é possível verificar quanto as quatro hipóteses acima descritas sejam somente teóricas, à maneira de clarificação de princípio, ou então sejam distinções "praticáveis".

Em sintonia com o relatório americano *Splicing life*, considera-se inaceitável a intervenção da **engenharia genética alternativa** pelas razões seguintes: a) o conceito de melhoramento é matéria de juízo subjectivo; b) o melhoramento não terapêutico abre caminho à construção do Homem perfeito; c) a construção de homens melhores que outros infringe o princípio de igualdade entre os seres humanos; d) os riscos para as futuras gerações não são controláveis.

Parece certo, todavia, que a atitude moderna das sociedades ocidentais não encerrou certamente o debate, mas colocou, porventura num modo desusado e até inesperado, os novos pressupostos.

Para debater em grupo

- ◆ É verdade que o Homem, através da engenharia genética, brinca a fazer de Deus?
- ◆ Pensas que é mesmo necessário "melhorar" a natureza humana?
- ◆ Achas que se podem controlar os riscos para as gerações futuras?
- ◆ É lícito construir indivíduos com características genéticas particulares?



A. I. – INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (*Artificial Intelligence: AI*)

Gênero: Ficção Científica. **Realização:** Steven Spielberg.
Ano: 2001. **Duração:** 144 minutos.

ARGUMENTO: Num período no futuro em que os recursos naturais são limitados e os progressos da tecnologia avançadíssimos, os seres humanos dispõem de robôs programados para satisfazer quaisquer necessidades. Trabalho, tempo livre, lida da casa, companhia: há um robô para cada necessidade, excepto para o amor. Os robôs são considerados electrodomésticos sofisticados, julga-se que eles não podem sentir emoções. Os limites impostos à procriação impeliram, porém, a indústria da robótica a procurar ultrapassar a última fronteira. A Cybertronic Manufacturing criou David, um robô menino, o primeiro programado para amar, que é adoptado à experiência por Henry, funcionário da mesma firma, e pela esposa Mónica. O filho natural do casal, doente terminal, é posto em hibernação à espera que a ciência descubra a cura para o salvar. David quer tornar-se filho do casal e faz de tudo para ser amado, mas há sempre alguma coisa que o impede. Rejeitado pelos humanos e pelas máquinas, David não pode deixar de se ir embora e empreender uma longa viagem. Auxiliado por Teddy, o seu super-brinquedo, David encontra Gigolo Joe e com ele inicia uma volta ao mundo. Ei-los que chegam ao lugar onde se celebra o rito para a destruição dos robôs. Fogem juntos e procuram chegar a Rouge City, onde há alguém capaz de fornecer indicações para encontrarem a fada Turquina. A informação chega: a fada encontra-se no fim do mundo, em Manhattan. Joe diz a David que a mãe dele não o pode amar, e David foge. Depois juntos vão ter com o professor Hobby, que tinha projectado David, e vêem os meninos feitos em série. David, aterrado, lança-se do arranha-céus para debaixo de água: aqui encontra-se no reino do Pinóquio e vê a fada Turquina. A partir desse momento David começa a rezar. Passam dois mil anos, antes de o pequeno poder ganhar coragem. Então volta para junto da mãe e diz-lhe: «Voltei a encontrar-te.» É novamente hoje.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Recorda Spielberg: «Nos anos 80, Stanley Kubrick contou-me uma belíssima história, que a partir desse momento me foi impossível esquecer. Um conjunto perfeito de ciência e de humanidade que me levaram, depois da sua morte, a narrá-la em seu lugar.» A. I., como se sabe, é o projecto que Kubrick guardou na gaveta durante 20 anos, esperando pelo momento certo, e que depois não conseguiu realizar. Talvez Spielberg, ao receber em herança o argumento, tenha renunciado a algo de si mesmo. Mas, então, onde acaba 2001, *Odisseia no espaço* começa A. I.: parábola de um percurso iniciático que não pode prescindir da construção de imagens maleáveis, capazes de capacidades narrativas, projecção daquele magma indistinto que a mente constrói quando pressente que está para se perder. Uma ficção científica, ou ficção futurista que, como os filmes *western* ou *noir*, é lugar metafórico privilegiado para aquele cinema que quer chegar aos confins do mundo, e para o fazer sabe que o ponto de partida e de chegada é a união impossível entre razão e mistério. Devem passar dois mil anos, e ansias, desgostos, dúvidas, antes que David possa encontrar conforto e descanso. Dois mil anos depois do acontecimento salvífico que mudou o mundo levam-nos para a nossa contemporaneidade. Spielberg, hebreu atento e sensível, não ignora que hoje é necessário um novo nascimento, recomeçar a partir da infância, da idade da inocência. Acerca do tema "regresso a casa" (já forte em *E. T.*), Spielberg joga a cartada de uma fábula inquietante e angustiante, pronta a fechar-se na esperança da compreensão e do amor. A viagem enquanto fadiga, a meta como prémio são etapas que Spielberg nos faz percorrer, colocando interrogações que nos interpelam no plano ético e na procura de sentido. Uma narração de ritmos amplos, que, do ponto de vista pastoral, se deve catalogar como positivo pelos muitos temas que sugere; e aceitável, ao mesmo tempo que poético.

17

A pesquisa sobre as células estaminais



- Pelo significado terapêutico que contém, a pesquisa sobre as células estaminais é positiva.
- A extração das células estaminais do embrião comporta problemas morais pela destruição do mesmo.
- Pelos bons resultados terapêuticos obtidos, é eticamente correcto investir na pesquisa sobre células estaminais adultas.
- Não se pode aceitar a "clonagem terapêutica" através da produção de embriões humanos e a sua destruição sucessiva para a produção de células estaminais.

Uma área prometedora

Uma "célula estaminal" de embrião é uma célula com duas características fundamentais: a) a capacidade de se auto-renovar (ou seja, de se reproduzir durante muito tempo); b) a capacidade de originar células altamente diferenciadas (nervosas, musculares, do sangue, etc.).

A pesquisa sobre as células estaminais pode levar a metas significativas na cura de patologias neurológicas e de outras patologias graves, mesmo se não sabemos quais as consequências a breve ou longo prazo sobre o Homem (por exemplo, a pesquisa em ratos demonstrou uma forte incidência tumoral). Pensou-se, então, em trabalhar a nível de doação.

A pesquisa sobre as células estaminais começou há pouco mais de 30 anos, trabalhando-se primeiro em tecidos adultos, ao passo que mais recentemente os estudos se estão a concentrar em tecidos embrionais animais ou humanos. Mas isto suscitou grandes polémicas, porquanto se trata de intervir e de clonar embriões humanos que depois serão

BLASTÓCITO

Fase do desenvolvimento embrionário no qual se formam os blastómeros, isto é, as estruturas que permitem a multiplicação celular.

Foi dito

«As células estaminais não foram inventadas depois da clonagem da ovelha *Dolly*. As células estaminais utilizadas hoje para a reconstrução de medula, pele, córnea, coração com enfarte, são apenas e unicamente células estaminais de um adulto. Precisamente Ian Wilmut, o "pai" da *Dolly*, recomendou grande cautela no uso das células estaminais nos projectos de clonagem terapêutica, porque se tratam de células ainda muito pouco conhecidas, instáveis, que nas aplicações terapêuticas poderiam ter consequências negativas, como o desenvolvimento de tumores.»

B. DALLAPICCOLA, numa entrevista de L. Liverani publicada no jornal *Avvenire*, 11 de Dezembro de 2003.

destruídos. Os homens de ciência e o sector da saúde vêem nisso óptimas perspectivas económicas e de carreira. Então, porque não investir nas células estaminais de um adulto, visto que a experimentação começou e os primeiros resultados são significativos? Os estudos de Nolte e de Kohn, de Clarke e de Frisén são concordantes e confirmam: «As células estaminais nos diferentes tecidos adultos podem ser muito mais semelhantes do que se podia pensar até agora a respeito dos embriões humanos, até se conseguir em alguns casos um repertório semelhante» e «demonstram que as células nervosas adultas tem uma ampla capacidade de desenvolvimento, e são potencialmente aptas a serem utilizadas nas transplantações em matérias diversas» (Pontificia Academia para a Vida).

Aspectos éticos

A produção de células estaminais leva à formação de embriões humanos ou à utilização dos supranumerários para a fecundação *in vitro*, que em seguida são desenvolvidos até ao estágio de blastócitos, para depois extrair a massa celular interna (o que leva à destruição do embrião) e colocá-la em cultura sobre um estrato de fibroblastos de rato, irradiados e em terreno apto, onde se multiplicam, dando origem à formação de colónias de embriomas dos quais se obterão "linhas celulares" capazes de se multiplicarem indefinidamente, precisamente as células estaminais.

O documento da Pontificia Academia para a Vida enumera uma série de problemas éticos na produção das células estaminais embrionais:

a) o embrião humano vivo é – a partir da fusão dos gâmetas – um *indivíduo humano* com uma identidade bem definida, o qual começa a partir desse ponto o seu próprio *desenvolvimento coordenado, contínuo e gradual*, de tal modo que em nenhum

Para debater em grupo

- ◆ Uma finalidade boa, como a cura de patologias graves, pode servir-se de um meio mau, como a destruição de embriões?
- ◆ Na tua opinião, porque é que, embora dispondo de bons resultados com as células estaminais adultas, se insiste em avançar com as células estaminais embrionais?
- ◆ Que pensas da produção de embriões para "clonagem", para obter deles células embrionais?
- ◆ Existem razões possíveis para clonar uma vida humana?

estádio ulterior pode ser considerado como uma simples acumulação de células;

b) daí deriva que: como "*indivíduo humano*" tem *direito* à sua própria vida; e, por isso, cada intervenção que não seja a favor do mesmo embrião, constitui-se como um acto lesivo desse direito;

c) portanto, a ablação da massa celular interna do blastócito, que lesa grave e irreparavelmente o embrião humano, interrompendo-lhe o desenvolvimento, é um acto *gravemente imoral* e, portanto, *gravemente ilícito*;

d) *nenhuma finalidade julgada boa*, como a utilização das células estaminais que se poderiam obter para a preparação de outras células diferenciadas em vista de procedimentos terapêuticos de grande expectativa, *pode justificar essa intervenção*. Um fim bom não torna boa uma acção em si mesma má;

e) para um católico esta exposição é confirmada pelo magistério explícito da Igreja que, na Encíclica *Evangelium Vitae* – referindo-se também à Instrução *Donum Vitae* da Congregação para a Doutrina da Fé – afirma que ao fruto da geração humana, desde o primeiro momento da sua existência, se deve garantir o respeito incondicional que é moralmente devido ao ser humano (Pontificia Academia para a Vida).

Também não se pode aceitar a "clonagem terapêutica" mediante a produção de embriões humanos e a sua sucessiva destruição para a produção de células estaminais, porquanto esses embriões virão a ser destruídos. Ao invés, é preciso reafirmar a oportunidade de utilizar células estaminais *adultas* para alcançar as mesmas finalidades que se pretenderiam alcançar com as células estaminais embrionais.

É recente a notícia segundo a qual os cientistas do Wake Forest University Baptist Medical Center conseguiram criar linhas de estaminais a partir

de um conjunto celular com características semelhantes às de um embrião. Utilizaram um óvulo de macaca *não fecundado*, e graças a uma série de estímulos eléctricos e químicos, o óvulo começou a dividir-se sozinho, dando vida a uma espécie de *pré-embrião*, mas que não é o produto da união dos gametas masculinos e femininos.

Se é verdade que por um lado, como declarou um dos autores da pesquisa, Kent Vrana, «esta é mesmo a chave: obter células estaminais sem destruir embriões potencialmente vivos», por outro resta ainda uma questão para resolver: ter a certeza de que esse produto semelhante ao embrião não seja realmente um embrião.



PARA A MINHA IRMÃ (*My Sister's Keeper*)

Género: Drama. **Realização:** Nick Cassavetes.

Ano: 2009. **Duração:** 109 minutos.

ARGUMENTO: A família Fitzgerald vive dias tranquilos até ao momento em que é diagnosticada leucemia a Kate, a sua filha de dois anos. Na tentativa de salvar a vida desta criança, os pais, Sara e Brian, decidem ter mais um filho, desta feita, geneticamente seleccionado para ser um dador 100% compatível com Kate. Assim nasce Anna, que cria naturalmente laços muito fortes com a sua irmã Kate. No entanto, a infância de Anna é marcada por diversos tratamentos médicos delicados tendo sempre em vista a saúde da sua irmã.

A certa altura, Kate necessita de um rim e Anna, já com 11 anos, recusa ser operada para ajudar a sua irmã. Assim, Anna recorre a um advogado de renome com a ajuda do seu irmão, no sentido de seguir judicialmente contra os seus pais para obter emancipação médica, ou seja, o direito de tomar decisões sobre o seu próprio corpo.

Entretanto a doença de Kate não pára de se agravar. Kate vai revendo os vários momentos de felicidade da sua vida, a maior parte com os seus irmãos e pais. Até ao final, durante o complexo problema judicial, salienta-se à vista de todos o problema familiar que a doença de Kate origina. As dificuldades parecem não ir ao encontro de um final feliz, mas, neste filme, o amor acaba por vencer todas as barreiras.

AValiação PASTORAL: Através do cinema, temos a possibilidade de nos aproximar de uma criança com cancro e olhar atentamente para o seu dia-a-dia. Apesar das diversas contrariedades da saúde, é importante verificar a boa disposição de Kate e dos seus irmãos, todos com uma atitude bastante saudável face à dificuldade da situação. Porém, desde que a doença de Kate foi diagnosticada que ela indirectamente afecta toda a família, sobretudo porque absorve toda a atenção e energia da mãe

Sara, criando como que uma diferenciação da sua atenção entre Kate e os restantes irmãos. De facto, além de se tratar aqui de várias questões bioéticas, de forma subtil, o filme aborda também a própria instituição da família face às dificuldades. E podemos dizer que tais dificuldades são levadas ao extremo em duas situações: quer quando se pensa e age no sentido de realizar o nascimento *in vitro* de Anna para esta se tornar uma pessoa que nasce para cuidar de outra à custa da sua própria vida; quer quando aquilo que podia ser uma discussão familiar passada em casa com todos os elementos da família se torna numa discussão de foro judicial, em que um tribunal se torna de repente naquilo que poderia ter sido, uma conversa (ainda que intensa) em família.

Com o decorrer do filme, vemos que o desejo peculiar de Anna, aparentemente egoísta mas ao mesmo tempo legítimo, não combina com a sua atitude e amor pela irmã Kate, a qual ama de alma e coração. Por outro lado, vemos em *crecendo* a vida de Kate, com os seus altos e baixos e com o agravamento gradual da doença. Olhamos também o irmão Jesse e o pai Brian com as suas personagens a viver tudo isto entre o silêncio e a emoção interiorizada. Para a mãe Sara, o desejo de salvar a sua filha Kate a todo o custo demonstra o seu amor sem limites e o sentir que irá perder a sua filha. Mas tal amor tão intenso e, diríamos, numa só direcção, torna-se uma obsessão que não quer olhar a meios para atingir o seu fim. Contudo, o desenlace final une todas as pontas soltas e mesmo não sendo um final feliz, pois Kate acaba por falecer, dá-se um final terno e apaziguador em que a família parece voltar finalmente a um estado de paz e serenidade.

Do ponto de vista pastoral, é necessário algum cuidado com as imagens mais fortes da doença de Kate, sendo por isso um filme recomendável para crianças com mais de 14 anos.

O filme encaixa muito bem na problemática da bioética, sobretudo porque a insere no seio familiar, que muitas vezes está ausente das dissertações e conclusões científicas.

18

Doação e transplante de órgãos. Temos deveres enquanto crentes?

COMPAIXÃO

Indica o sentido de *sofrer com*, sentir-se movido interiormente pelo sofrimento alheio, a capacidade de “entrar” no sofrimento de outrem. É um sentimento de profunda solidariedade que se torna auxílio, disponibilizada em oferecer amparo e companhia em situação de vulnerabilidade.

LAICIDADE

É um modelo secular e não religioso de compreender a realidade. A laicidade não indica racionalidade pura, mas uma forma paralela à argumentação religiosa.

Perante o transplante

Perante as novas fronteiras da ciência dos transplantes assumimos uma atitude de assombro pelas grandes possibilidades de auxílio em favor do Homem.

A temática dos transplantes colocou em movimento um debate significativo sobre os valores fundamentais da vida humana: o sentido da *doação*, e, portanto, da visão da própria vida como *dom*; o sentido da *solidariedade* perante a dor e o sofrimento dos outros; o sentido da **compaixão** e, portanto, da atenção aos problemas existenciais dos outros.

O confronto e a discussão sobre os transplantes favoreceram também um produtivo debate filosófico, teológico e social sobre a redescoberta dos *valores morais* na vida pública. Para além de alinhamentos confessionais ou da chamada «**laicidade**», a ética pública recuperou o seu papel graças também à troca de ideias sobre os transplantes. É também verdade que o debate bioético se vai tornando cada vez mais um debate entre alinhamentos ideológi-



- A identidade do Homem consiste em ser *dom*.
- Esse dom é a expressão de toda uma vida marcada por gestos concretos de doação, que se prolongam para além da morte.
- O cristão conhece o exemplo do Mestre divino que doou não só um órgão, mas toda a Sua vida por amor do Homem e por solidariedade com o sofrimento humano.
- Doar, mesmo que seja parte de si mesmo, é o máximo que um indivíduo pode fazer pelos outros, enquanto não é determinado só pelo impulso de generosidade de um momento, mas é o fruto de um conceito da vida e implica sempre um trabalho interior e espiritual de considerável valor.
- O dom exige a gratuidade mais absoluta e o altruísmo mais amplo.

A SACRALIDADE DA VIDA

É a dignidade da vida, que assume um carácter de tal modo nobre que é considerado "sacro", que não se submete ao mero juízo subjectivo de um indivíduo.

cos, culturais e políticos. Mas mais do que se deter em ideologias e barreiras, seria preciso *trabalhar em conjunto* para "ajudar o Homem", para criar uma "cultura da solidariedade" ao serviço da vida e da família, provada por grandes situações de sofrimento. É preciso portanto *trabalhar* em conjunto e fazer convergir, *também em conjunto*, as diversas perspectivas *para servir o homem*, para o amparar no sofrimento e na provação.

Porquê tantos medos acerca dos transplantes?

Porquê tantos medos acerca dos transplantes, ou sobre os transplantes de órgãos? Há diversos factores em questão: a) um conceito exageradamente sacro da vida e da corporeidade que atribui um valor moralista a cada parte do corpo; b) julgar que no momento do transplante dos órgãos a pessoa não esteja definitivamente morta; c) uma certa falta de informação acerca da natureza e das condições de saber exactamente o momento da morte cerebral; d) o medo de que alguma coisa da "consciência" do doador passe para mim, e que, portanto, sobreviva em mim parte da natureza de outrem (como fobias e complexos no caso de transplante de coração, visto quase como um "transplante de personalidade"); e) o conhecimento de que existe um tráfico real de órgãos de crianças e de adultos; f) uma menor confiança e um certo cepticismo para com os médicos e operadores de saúde; g) uma posição sacra em relação ao cadáver da pessoa de família, julgando que se falta ao devido respeito ao favorecer o transplante de órgãos; h) uma visão errada da doutrina da "ressurreição da carne" dos fiéis.

Enquanto crentes e católicos

A posição oficial da Igreja Católica e da grande maioria de confissões religiosas é a favor dos trans-

Foi dito

«Os transplantes são uma grande conquista da ciência ao serviço do Homem, e nos nossos dias, não são poucos aqueles que devem a própria vida ao transplante de um órgão.

A técnica dos transplantes revela-se cada vez mais como um instrumento precioso na consecução da finalidade primária de toda a medicina: o serviço à vida humana.

Por isso, na Carta Encíclica *Evangelium vitae* recordei que, entre os gestos que concorrem para alimentar uma autêntica cultura da vida “merece particular apreço a doação de órgãos feita segundo formas eticamente aceitáveis, para oferecer uma possibilidade de saúde e até de vida a doentes por vezes sem esperança”.

[...] Qualquer intervenção de transplante de órgãos, como já noutra ocasião tive oportunidade de ressaltar, tem geralmente na origem *uma decisão de grande valor ético*: “A decisão de oferecer, sem recompensa, uma parte do próprio corpo, em benefício da saúde e do bem-estar de outra pessoa.”

É precisamente nisto reside a nobreza do gesto, que se configura como um autêntico acto de amor. Não se oferece simplesmente uma parte do corpo, mas doa-se algo de si mesmo.»

JOÃO PAULO II, Discurso no XVIII Congresso Internacional sobre Transplantes, 29 de Agosto de 2000.

plantes, e também os cientistas, os moralistas, os psicólogos, os filósofos e muitos outros grupos sociais declaram-se favoráveis aos transplantes. E no entanto, a nível da sociedade – ou seja, quanto ao conhecimento e aceitação por parte das pessoas – a caminhada é lenta. A pessoa crente não pode permanecer neutra, é chamada à participação, a não ficar num “silêncio” paralitante. Pelo contrário, é chamada a ser “animadora” dos valores da vida, a propor positivamente o sentido da doação também aos outros.

O magistério da Igreja colocou em evidência que *a vida é uma realidade sagrada* e que por isso tem um *valor intocável* de que nenhum Homem pode dispor. Isto é válido também para o indivíduo em si mesmo que não pode dispor da própria vida em sentido contrário ao seu valor e à sua dignidade. Isto é, o Homem *não é dono “absoluto” da sua vida*, porquanto a vida é um “dom recebido” que o Homem deve administrar sempre como “dom” ao serviço dos outros. A identidade do Homem consiste portanto em ser *dom*.

O sentido da doação

Gastando as suas energias, a sua saúde e até a própria vida, a pessoa encarna a sua identidade de *dom*. Não só durante a vida, mas com a possibilidade de dispor do seu corpo e dos seus órgãos mesmo depois da morte ou permitindo que outros decidam do seu corpo na perspectiva de se doar. Esse dom é a expressão de toda uma vida marcada por gestos concretos de dádiva, que se prolongam até depois da morte. Depois, o cristão conhece o exemplo do Mestre divino, que não doou um órgão apenas, mas toda a Sua vida por amor do Homem e em solidariedade com o sofrimento humano.

A ética cristã colocou, pois, em evidência que é por vezes lícito e virtuoso expor-se a riscos mesmo

FILANTROPIA

Amor pelo Homem, atitude de sintonia com os outros seres humanos, de solidariedade e de caridade.

Para debater em grupo

- ◆ Tem sentido hoje um conceito sacro da corporeidade que se fecha ao dom, como que por respeito a Deus?
- ◆ À luz dos dados científicos acerca da morte cerebral, não é obstinação acreditar que a pessoa não esteja definitivamente morta?
- ◆ Porquê o medo de que algo da "consciência" do doador passe para mim, e que por isso sobreviva em mim parte da sua natureza?
- ◆ Um eventual tráfico real de órgãos de crianças e de adultos pode diminuir o valor da doação dos órgãos?
- ◆ Negar a doação dos órgãos da parte de um familiar, não é contraditório tendo em conta a visão cristã e o dom da vida de Cristo?

mortais *para o bem do próximo*. E é igualmente lícito e virtuoso renunciar à integridade do próprio organismo para ir em socorro de uma exigência proporcionada do próximo. O acto de doação da parte de si próprio é o máximo que um indivíduo pode fazer pelos outros enquanto não é determinado apenas pelo impulso de generosidade de um momento, mas é o fruto de uma concepção da vida e implica sempre um trabalho interior espiritual de valor considerável. O dom exige como sua estrutura interior a *gratuidade* mais absoluta e o *altruísmo* mais amplo, como forma sublime de solidariedade. Não tanto por pura *filantropia*, humanismo, obrigação, parentesco, eventuais retribuições ou compensações, generosidade ou altruísmo passageiros, mas sim como expressão transparente e simples de "doar-se".

A cultura dos transplantes precisa de uma campanha paralela de sensibilização e de *formação* dos cidadãos e dos jovens. A solução dos problemas de bioética passa através de uma educação adequada das atitudes e dos comportamentos das pessoas. Sem a *formação das personalidades*, a intervenção legal de facto declararia o corpo do cidadão *res pública*, tornando-o propriedade do Estado, como nos regimes totalitários.


ESTRANHOS DE PASSAGEM (*Dirty Pretty Things*)
Gênero: Dramático. **Realização:** Stephen Frears.

Ano: 2002. **Duração:** 98 minutos.

ARGUMENTO: Na cidade de Londres, as vicissitudes de Okwe, imigrante ilegal nigeriano, e de Senay, uma jovem turca, entrelaçam-se, entre vários trabalhos ocasionais, num hotel onde se realizam reuniões para o tráfico de órgãos.

O sofrimento e a recordação da terra mãe, a sensação de estranheza no mundo ocidental, o esforço por aceitar-se e tornar-se invisíveis nos acontecimentos a que ninguém presta atenção são os motivos que se escondem para além da frenética e aguda superfície de *Dirty Pretty Things*. Okwe debate-se entre os seus compromissos como taxista ilegal, de dia, e de recepcionista num hotel, de noite; para enganar a falta de sono mastiga ervas medicinais. Os poucos momentos de tranquilidade – depressa interrompidos por agentes da autoridade – são os que passa no divã do apartamento de Senay, a rapariga turca que pediu asilo político e por isso não poderia, em teoria, trabalhar durante seis meses. Um turbilhão de movimentos em que cada relação humana é necessariamente interrompida por breves frases, aparências, opiniões alheias e, como se costuma dizer, de “amigos”.

Torna-se instável, neste contexto, a fronteira entre a dignidade e a morte. Okwe, médico na sua pátria e fugido devido a pressões do regime, encontra-se enredado, chantageado pelo suspeito Sneaky, numa organização que oferece, aos imigrantes não regularizados, documentos em troca de órgãos.

Não é tanto a resolução do problema moral que importa – embora muito bem tratado e com inteligência – mas sim o conjunto orquestrado por Frears: questões de globalização, de imigração e delinquência são ratoeiras para mil moralismos consolatórios e fáceis, adoptando o ponto de vista desses estranhos radicais, dotados certamente de humorismo e carisma não comuns, são os factos e as acções que condicionam a visão. A vida quotidiana de quem está mas não se quer ver, lugar comum e antiquado, explicita-se com frescura, e o breve monólogo de Okwe fala de indivíduos e personalidades, não de problemas sociais. Frears tem um toque ligeiro, mas mordaz, aprofundando pormenores à luz da esperança, situações subentendidas e emoções prontas a atingir o ser humano.

19

O idoso. Uma reserva para a sociedade e para os jovens

ENVELHECIMENTO

Processo psicofísico que se manifesta com o avançar da idade, com o tornar-se velho, que comporta uma transformação e deterioração das células e dos tecidos e uma progressiva insuficiência orgânica.



- Os idosos são sobretudo uma dívida para os jovens e para a sociedade, uma riqueza humana e cultural.
- A velhice como peso é influenciada pela história pessoal, familiar, profissional. Por si mesma, a velhice é uma estação positiva e um recurso.
- A eficiência dos jovens precisa da gratuidade dos idosos.

O idoso hoje

Não existe uma definição de velhice. O conceito de velhice é um conceito extenso e muito difícil de circunscrever. A nível individual é possível definir o idoso em termos biológicos, psicológicos, demográficos, previdenciais. E isto porque são numerosas as modalidades de **envelhecimento**; melhor, *de per si* torna-se cada vez mais claro que – porque ligado a aspectos biológicos e sociais – trata-se de um fenómeno pessoal: cada um de nós tem o seu modo de envelhecer.

Mas quando começa a velhice? Hoje damos muito mais conta de que é um processo muito gradual que não se limita a determinados períodos da vida, mas é o contexto da vida, de modo a poder afirmar que a velhice é onde se apresenta um novo modo de ver a vida, o tempo, e em particular o seu termo. Certamente a velhice é influenciada de modo determinante pela história pessoal dos indivíduos, em particular pela história relacional (familiar, de amizade, associativa), pela história

- A experiência dos idosos tem muito que dizer aos jovens, muitas coisas para partilhar com eles.

PARADOXO

Realidade ou afirmação que parece absurda e contraditória, que surpreende pela sua manifestação para além dos processos comuns de pensamento, mas que pode ter uma sua verdade interior.

profissional (o eventual grau de nocividade do ambiente de trabalho, ter exercido um trabalho mais ou menos abrangente e interessante, o proveito obtido pelo trabalho desempenhado), pela história clínica, pela história cultural.

As interrogações do idoso

A marginalização social acentua fortes sentimentos e interrogações contrastantes típicas da velhice.

Antes de mais, *a ambivalência da vida*. A experiência do Homem enquanto ser conflitual, em si mesmo dividido, acentua-se por causa das transformações físicas e psicológicas e pelo sofrimento que comportam. Muitas coisas são colocadas em discussão, nada mais é dado por certo para realizar e esperar, o Homem sente-se bem depressa reduzido a uma humilhante passividade, marginalizado da festa da vida.

O sentido do *paradoxo que é o Homem* e o seu aspecto misterioso. A velhice é a *última lua*, a fase conclusiva da linha da existência do Homem. Como a primeira idade – a infância – está em estreita relação com o “mistério”, assim o está também esta última. Ao Homem é confiado só um “fragmento de tempo” para que ele cumpra a tarefa da vida.

O sentimento de uma pungente *melancolia*, entendida como consciencialização do que não conseguiu e do que não podia ser conseguido. A isso corresponde a imagem da vida como um caminho, onde a meta se desloca sempre para a frente, e quando pensa que já se alcançou, não era aquela que se tinha entendido como definitiva. A velhice torna-se então o momento em que se toma consciência plena de que o caminho não só não se completou, mas que não se tem já tempo para o realizar, e se deve renunciar a alcançar a última etapa.

Foi dito

«A velhice afasta da actividade. De qual? Porventura daquela que se exerce quando se é jovem e forte? Então não há ocupações para os idosos, as quais, embora com o corpo enfraquecido, se possam realizar com o espírito? Não tem, por isso, fundamento algum a opinião daqueles que asseveram que os idosos estão excluídos da vida activa: é como dizer que um piloto em navegação não faz nada porque está tranquilamente sentado à popa, segurando o leme, enquanto alguns trepam aos mastros, outros correm para aqui e para ali no convés, e outros esvaziam a sentina. É verdade, não faz aquilo que fazem os jovens, mas muito mais e melhor. Não é com a força, com a rapidez ou a agilidade da pessoa, mas é com o juízo, com a autoridade e o ensino que se cumprem as grandes empresas: antes, são estes os dotes dos quais a velhice não só não fica privada, mas que normalmente a tornam mais rica.»

CÍCERO, *Oratio maior de senectute*, 44 a. C.

A ambivalência dos conceitos de *actividade* e de *passividade*, de esforço e de aceitação, de força e de fraqueza, de dignidade e de humildade, de energia e de repouso. Trata-se de dar sentido à idade que se está a viver, para poder viver tranquilamente esse momento da vida e permitir uma releitura do passado que, para além de todo o sentimento de desilusão, deveria ser uma reflexão sem saudades do que se viveu.

A necessidade de afecto. O problema da solidão do idoso é essencialmente uma solidão de tipo afectivo, é falta de afectos familiares: isto não constitui apenas sofrimento para o próprio idoso, mas é um empobrecimento para todos, para as crianças e para os outros componentes da geração sucessiva; é, finalmente, uma mortificação das possibilidades criativas do indivíduo e por isso um empobrecimento social.

Os recursos valorativos do idoso

A presença de tantos idosos no mundo contemporâneo é não só uma fonte de recursos e de valores, mas sobretudo uma dádiva para os jovens e para a sociedade, uma riqueza humana e cultural. Cada fase da vida é única, nova e não se irá repetir, e o indivíduo põe em marcha a sua existência porque sente o estímulo dessa novidade e unicidade. Cada estação da vida (infância, adolescência, idade adulta, maturidade e velhice) contém valores e possibilidades de que derivam deveres éticos próprios: descobrir novos valores de vida; elaborar uma nova escala de valores que sublinhe a importância do ser, em relação à acção e à actividade; encontrar novas modalidades para estruturar o tempo, novos compromissos para as suas energias; adaptar-se a novas modalidades de vida e a novos ambientes de vida; aprender a ficar sós, quando surge a morte do cônjuge; aprender a confrontar-se com os novos limites físicos que podem derivar da doença e da decadência natural.

CARISMA

Dom, capacidade e traços da personalidade únicos e característicos. É um modo original no qual o outro se sente alcançado.

Uma dádiva para os jovens e para a sociedade

Então, o contributo da experiência que os idosos podem dar aos jovens e ao processo de humanização da nossa sociedade é deveras precioso e deve ser pedido, valorizando aqueles que podem ser definidos os “**carismas**” próprios da velhice. Ei-los:

A gratuidade. A cultura juvenil mede frequentemente o valor das acções segundo os parâmetros de uma eficiência que ignora a dimensão da gratuidade. O idoso, que vive o tempo da disponibilidade, pode chamar a atenção de uma sociedade demasiado ocupada para a exigência de abater os muros de uma indiferença que avilta, desencoraja e detém o fluxo dos impulsos altruístas.

A memória. As gerações mais jovens vão perdendo o sentido da História e com ele a sua identidade. Uma sociedade que minimiza o sentido da História defrauda a tarefa da formação dos jovens. Uma sociedade que ignora o passado arrisca-se a repetir mais facilmente os erros deste. A queda do sentido histórico é imputável também a um sistema de vida que afastou e isolou os idosos, impedindo o diálogo entre as gerações.

A experiência. Hoje vivemos num mundo no qual as respostas da ciência e da técnica parecem ter ultrapassado a utilidade da experiência de vida acumulada pelos idosos no decurso de toda a vida. Esta série de barreira cultural não deve desencorajar as pessoas da terceira e quarta idade, porque elas têm muito para dizer às gerações jovens, muitas coisas para partilhar com elas.

A interdependência. Ninguém pode viver só, mas o individualismo e o protagonismo que se espalham ocultam esta verdade. Os idosos, com a sua procura de companhia, contestam uma sociedade na qual os mais fracos são frequentemente abandonados a si mesmos, chamando a atenção para a natureza

Para debater em grupo

- ◆ Na formação dos jovens são mesmo “necessários” a presença e os valores dos idosos?
- ◆ Como favorecer relações positivas entre jovens e idosos hoje?
- ◆ Como fazer para que os valores afectivos, morais e religiosos vividos pelos idosos sejam um recurso para os jovens e para as famílias hoje?
- ◆ Nas nossas paróquias e grupos de jovens há ainda espaço para valorizar os recursos dos idosos?

social do Homem e para a necessidade de refazer a rede das relações interpessoais entre as gerações.

Uma *visão mais completa da vida*. A vida dos jovens é dominada pela pressa, pela agitação, e não raramente pela neurose. É uma vida distraída, esquecida das interrogações fundamentais sobre a vocação, a dignidade, o destino do Homem. A terceira idade é também a idade da simplicidade, da contemplação, da fé. Os valores afectivos, morais e religiosos vividos pelos idosos são uma reserva indispensável para o equilíbrio dos jovens, das famílias, das pessoas. Vão do sentido de responsabilidade à amizade; da não procura do poder à prudência de juízo, à paciência, à sabedoria; da interioridade ao respeito da Criação, à edificação da paz. O idoso percebe bem a superioridade do “ser” sobre o “fazer” e o “ter”.



AS CONFISSÕES DE SCHMIDT (*About Schmidt*)

Género: Dramático. Realização: Alexander Payne.
Ano: 2003. Duração: 117 minutos.

ARGUMENTO: O othar dirige-se para o relógio no cimo da parede do escritório. São cinco horas da tarde. Também hoje chegou o momento de sair. Mas não é um dia qualquer, é o último. Warren Schmidt, funcionário numa companhia de seguros, vai entrar na reforma, amanhã não se voltará a sentar na sua secretária. A esposa espera-o em casa. Depois de 42 anos de Matrimónio, o diálogo entre eles é cordial mas reduzido ao mínimo. Enquanto procura adaptar-se aos novos ritmos, Warren volta a casa uma noite e vê a esposa caída no pavimento, já morta devido a um colapso imprevisito. A morte, acompanhada pela descoberta de uma relação que ela tivera com um amigo de família porventura durante anos, faz desencadear nele uma súbita reacção. Sobee para a roulotte comprada sem uma finalidade precisa alguns anos antes, e de Omaha decide ir à cidade onde reside Jeannie, a sua única filha, que está para casar com um vendedor de colchões de água. Jeannie, para dizer a verdade, não o recebe bem, nem ele vê com bons olhos aquele futuro genro, o qual não demonstra ter bom carácter. Recebido em casa pela exuberante mãe dele, Roberta, separada do pai Larry, que se encontra presente nessa ocasião, Warren faz uma última e inútil tentativa para dissuadir a filha. Jeannie não muda de ideias, o casamento é celebrado e, no almoço, Warren faz um sofrido discurso de parabéns, paga a viagem de núpcias da filha e depois volta para casa. Aqui encontra e lê a carta do menino africano que ele, logo após a reforma, começara por adoptar à distância. Juntamente com a carta vem um desenho que retrata dois palhaços de mãos dadas.

AVALIAÇÃO PASTORAL: É preciso começar pela imagem final: Warren observa quase estupefacto o desenho feito pelo menino e deixa-se vencer por um choro espontâneo perante a descoberta de tanto entusiasmo e confiança que podem brotar de quem vive na indigência e nas privações. O final resume o sentido de uma história capaz de fazer reflectir e ao mesmo tempo de comover, de abrir a mente para um exame sereno e meditado das estações da nossa vida, e ao mesmo tempo, de sentir o coração apertado pela capacidade de chamar a atenção para a importância de se deixar conduzir pelo espírito, pelo colóquio interior, pelo diálogo com o céu que está por cima de nós. A viagem que Warren começa quando o ciclo da vida parece chegar ao final, e se torna terreno de novas e profundas descobertas (a recuperação dos lugares da juventude, a conversação com os nativos da América...), de afectos a consolidar (o relacionamento com a filha), de amizades nascidas de repente (o acolhimento que lhe oferece o campista com a esposa). Uma viagem-diário que se conclui não com a palavra "fim", mas com a percepção de que há alguma coisa que se pode fazer em favor dos mais pequenos, dos adultos de amanhã, um futuro melhor. Dirigido com estilo seco mas essencial, o filme tem o mérito de tratar reflexões profundas sem nunca cair no artificio ou na banalidade, de dizer de modo sereno e firme que é mais importante dar do que receber. Depois, a capacidade de comunicar ao espectador esse leque de sensações é toda de Jack Nicholson. O seu Warren Schmidt permanece dentro de nós, com o apelo a que peçamos e concedamos o perdão.

20

A eutanásia. Porque é que não beneficia a sociedade?



- A eutanásia mina as bases da sociedade, que assenta no respeito da dignidade da pessoa e na indisponibilidade da vida humana.
- Na perspectiva da fé, a vida é sempre um bem e um valor indispensável. A vida, enquanto dom de Deus, é confiada ao Homem para que a promova.
- Uma coisa é ajudar o paciente terminal com uma terapia paliativa (que poderia mesmo abreviar os seus dias) e outra é intervir directamente com a eutanásia.
- É lícito recusar cuidados julgados demasiado pesados para o paciente.

Os pedidos de eutanásia hoje

O termo “eutanásia” por si mesmo significa “morrer bem” ou “morte suave”. Para além de alguns dos seus aspectos desumanos e desumanizadores, o desejo de “morrer com dignidade” revela um sentido de profundo respeito pelo Homem, manifesta a vontade de permitir a cada pessoa enfrentar lucidamente, e na medida do possível, serenamente a própria morte. Mas actualmente a eutanásia designa a acção médica que põe fim aos dias do doente.

Num contexto tecnológico como o nosso, a morte continua a ser um incidente de viagem inexplicável. Explica-se como a aceitação da morte se torna cada vez mais difícil à medida que se desenvolve o progresso técnico. A morte mostra-se assim como um absurdo que é preciso de algum modo controlar e racionalizar. A eutanásia representa de alguma forma este controlo e esta racionalidade.

Além disso, por variados motivos, morrer corre hoje o risco de se tornar uma “prova insuportável”: a) o bem-estar e a qualidade da vida aumentam, e

- Existe sempre o direito a não ser obrigado a um tratamento que poderia encerrar-se como uma inútil obstinação terapêutica.
- O médico, por vocação e deontologia profissional, é chamado a curar, não a tirar a vida.

TRATAMENTOS DE REANIMAÇÃO

São intervenções de terapia intensiva para reanimar um indivíduo em condições gerais de saúde particularmente críticas, mesmo que temporárias.

FASE TERMINAL

Condição na qual um indivíduo está, clinicamente falando, em condições que o colocam em fim de vida.

Foi dito

«Os homens e as mulheres nascem livres, e a sua vida pertence-lhes unicamente a eles, e não à sociedade ou a quaisquer outras entidades externas. Têm por isso o direito a escolher, em plena liberdade de consciência e sem constrangimentos, se querem viver ou morrer. Pode acontecer muito bem que a vida, como muitos acreditam, é um dom divino. Quando, porém, um dom se torna intolerável, deve deixar-se a quem o recebe o direito de o recusar. Se este direito não for reconhecido, não se pode falar já de dom, mas de imposição. Do mesmo

crece a fragilidade do Homem; b) a solidão em que se encontra o Homem do nosso tempo; c) a fuga do sacrifício e do sofrimento; d) a escassa solidariedade social, os custos da saúde, o peso dos idosos e dos doentes sobre a família e sobre o orçamento do Estado, etc.; e) os tratamentos actuais de reanimação prolongam notavelmente a dita “fase terminal”, tornando muito mais gravoso e prolongado o sofrimento.

É precisamente sobre estas coisas que é preciso trabalhar para dar uma resposta ao pedido de eutanásia, porque por detrás de cada pedido está um pedido de auxílio, de alívio, de solidariedade, de não ficar sozinho em situações tão dolorosas. O Homem sempre enfrentou estas situações difíceis (e não com os meios da medicina de hoje), mas era “acompanhado” pelos outros, pela família, pela sociedade. A solução da sociedade ao pedido de eutanásia segue os caminhos do *acompanhamento do enfermo*.

Porque é que a eutanásia não favorece a sociedade?

Porque é que a eutanásia não favorece a sociedade? Porque a sociedade assenta sobre o respeito pela dignidade da pessoa e sobre a indisponibilidade da vida humana. Não se pode conceber correctamente a ideia de que, em certas condições, possamos “dispor” da nossa vida ou da vida alheia. Se fosse assim deveríamos respeitar também aqueles que – nos tempos do nazismo ou do estalinismo – julgaram poder dispor da vida de povos e raças. Para isso contribuiu principalmente a fé cristã, que ensina que a vida pertence só a Deus. Afirmar que, em certas condições, podemos intervir sobre a vida para dispor dela autonomamente significa aceitar o princípio de que a vida não é *sempre* um valor indisponível. Permitir que alguém escolha morrer

modo a nenhum ser humano pode ser imposto que viva uma vida puramente vegetativa, ou que prolongue a vida numa situação em que a sua vontade e a sua sensibilidade são completamente eliminadas. Para que a decisão de pôr fim à própria vida seja expressa de forma inequívoca, e as circunstâncias de facto sejam conformes às que se calcularam na mesma decisão, qualquer pessoa pode cooperar com o interessado para tornar efectiva a sua vontade, sem que tenha de incorrer em consequências penais.»

Do documento político da associação a favor da eutanásia *Libera Uscita*.

(pedindo a eutanásia) ou ajudá-lo a morrer (suicídio assistido) significa minar pela raiz as bases de uma sociedade que considera crime a intervenção que tira a vida a uma pessoa. Uma coisa é ajudar o paciente com uma terapia paliativa (que poderia também encurtar os seus dias), outra é intervir directa e voluntariamente para lhe tirar a vida. Existe sempre o direito de recusar cuidados julgados demasiado onerosos, sobretudo a nível psíquico. Existe sempre o direito de não ser obrigado a um tratamento que poderia parecer inútil obstinação terapêutica para render-se o mais tarde possível à derrota da morte. Mas ninguém pode exigir que outrem lhe tire a vida, sobretudo se esse alguém é um médico, o qual, por vocação e deontologia, é chamado somente a curar.

A Igreja

Perante a eutanásia, o Catolicismo mantém uma atitude de compreensão e de respeito pelo Homem de hoje, pela sua dificuldade em viver, pelo seu sofrimento sobretudo perante a doença, mesmo quando não lhe pode compreender o sentido.

Na perspectiva da fé, a vida é sempre um bem e um valor indisponível. A vida, enquanto dom de Deus, é confiada ao Homem para que a promova na sua beleza e nos seus recursos, mesmo quando as aparências mudam e a dor bate à porta.

Perante situações patológicas irrecuperáveis, ou uma doença julgada “insuportável” por parte do doente, é possível a tentação de ceder à fraqueza. A nível social, os juízos sobre a eutanásia exprimem-se a maior parte das vezes como “compaixão”. Somos nós que não suportamos viver ao lado do doente. Certamente os familiares vivem situações particularmente difíceis (o paradoxo da eutanásia seria a abreviação da vida do enfermo por pena dos familiares). A este propósito, o *Catecismo da Igreja*

Foi dito

«Em conformidade com o magistério dos meus predecessores e em comunhão com os bispos da Igreja Católica, *confirmando que a eutanásia é uma violação grave da Lei de Deus*, enquanto morte deliberada moralmente inaceitável de uma pessoa humana. Tal doutrina está fundada sobre a lei natural e sobre a Palavra de Deus escrita, é transmitida pela Tradição da Igreja e ensinada pelo magistério ordinário e universal.»

JOÃO PAULO II, *Evangelium vitae*, 1995, n.º 65.

Para debater em grupo

- ◆ É correcto pensar que, em certas condições, podemos "dispor" da nossa vida ou da vida alheia?
- ◆ Permitir que alguém escolha morrer (pedindo a eutanásia) ou ajudá-lo a morrer (suicídio assistido) correspondem a um crime que tira a vida a uma pessoa?
- ◆ É possível falar hoje de sofrimento "insuportável" por parte do doente, com todas as terapias paliativas disponíveis?
- ◆ A nível social, os juízos sobre a eutanásia não dizem respeito porventura a uma "compaixão" pessoal? Acaso não somos nós que não suportamos viver ao lado dos nossos enfermos?

DESPERSONALIZAÇÃO

É um sentimento pelo qual um indivíduo não se sente considerado e acolhido como pessoa, nem compreendido nas suas necessidades pessoais. É um lugar no qual não existe encontro pessoal.

Católica afirma (n.º 2276-2279): «Poderia também acontecer que a dor prolongada e insuportável, razões de ordem afectiva ou diversos outros motivos induzam alguém a julgar que pode legitimamente pedir a morte ou causá-la a outros. Embora em casos do género a responsabilidade pessoal possa ser diminuta ou mesmo não existir, todavia o erro de juízo da consciência – mesmo que em boa fé – não modifica a natureza do acto homicida, que em si mesmo permanece sempre inadmissível. As súplicas dos doentes muito graves, que por vezes invocam a morte, não devem ser entendidas como expressão de uma vontade autêntica de eutanásia; são, de facto, quase sempre pedidos angustiados de auxílio e de afecto. Para além dos cuidados médicos, aquilo que o doente precisa é de amor, de calor humano e sobrenatural; todos aqueles que lhe estão próximos, pais e filhos, médicos e enfermeiros podem e devem prodigalizar-lhos.»

Os hospitais modernos não têm condições para acompanhar o moribundo. Doença e sofrimento na situação hospitalar actual estão alterados: a experiência da doença está ligada sobretudo a problemas de ordem técnica e experimental. Emerge todo o drama do relacionamento entre o enfermo e as técnicas de diagnóstico e terapia modernas, numa atmosfera na qual o paciente se sente **despessoalizado** e escravo das máquinas. E, no entanto, este dado existencial postula a exigência de um pedido ao doente para que tenha uma parte activa e se empenhe em fazer da sua doença uma experiência singular de vida. A doença pode tornar-se, mediante a dureza da provação, um lugar de reconquista do seu ser pessoa, onde são redescobertos os valores fundamentais e nasce uma avaliação real da própria História.

**MILLION DOLLAR BABY** (*Million Dollar Baby*)**Género:** Dramático. **Realização:** Clint Eastwood.**Ano:** 2004. **Duração:** 137 minutos.

ARGUMENTO: Depois de uma vida passada no ringue, Frankie Dunn, já numa idade madura, dirige um modesto ginásio nos arredores de Los Angeles. Amargurado com a ruptura do relacionamento com a filha anos antes, Frankie tem como único amigo o ex-pugilista Scrap, na prática o homem de todos os ofícios no ginásio. Quando se apresenta Maggie, uma jovem dos seus 30 anos decidida a tornar-se uma verdadeira campeã, Frankie hesita e procura dissuadi-la. Conquistado depois pelas atitudes de fúria e de firmeza da mulher, começa a treiná-la e a permitir-lhe combater no ringue, onde vence todos os combates até quando o título está em jogo. Aqui, porém, atingida deslealmente pela adversária, Maggie bate com a cabeça e é internada no hospital. A espinha dorsal está lesionada irreparavelmente. Maggie é condenada a uma vida vegetativa privada de movimentos. Quando a jovem paralisada lhe faz o pedido para morrer, Frankie responde, acedendo, mas ao mesmo tempo cultivando dentro de si um abismo de dor tamanha que o induz a desaparecer dali para sempre.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Para Clint Eastwood, a idade verdadeira não é a do bilhete de identidade, mas a do coração, da capacidade de escutar os outros, os mais desfavorecidos, de fazer parte das suas dores. Saído havia pouco tempo do cenário de tragédia de *Mystic River*, Eastwood regressa ao papel duplo de actor-realizador. 75 anos de vida, outros tantos no papel de Frankie, desiludido mas ainda em condições de encontrar novos estímulos perante o entusiasmo de uma mulher animada no espírito, com coragem e coerência. A narração é toda ditada por Scrap numa carta àquela filha que saíra de casa e que nunca mais se viu. No *flashback* delinea-se o encontro entre Frankie e Maggie, entre duas solidões, entre dois seres humanos que querem ainda ser considerados como tais. Quando o momento da felicidade parece próximo, o destino adverso chega a empurrá-los para trás. É então o momento das opções morais demasiado grandes e difíceis. Frankie é crente, vai à igreja, e faz perguntas ao pároco que exigem respostas demoradas, mas não há tempo para isso. Chega a eutanásia, é verdade. Mas não como solução ideal, como facto "normal" e como incitamento a repeti-la. Frankie faz um gesto errado e está consciente disso. Áspero, intenso, capaz de retratar a paixão atormentada, em direcção a uma esperança longínqua, o filme coloca questões, jamais gratuitas, dentro de uma história lúcida, despida, corajosa.

21

Droga e toxicodependência

ILUSÃO

Visão deformada ou falsa, aparência enganosa e irreal. Acreditar no andamento de coisas e situações de modo infundado ou desejar coisas que não se podem realizar.

Classificação das drogas

As drogas podem classificar-se em diversos grupos: a) os *opíáceos*, cuja substância principal é o ópio, mas de que se obtém a morfina, a heroína, a metadona. O efeito fundamental dos opíáceos consiste na diminuição das percepções dolorosas, quer físicas quer psíquicas. A heroína, por exemplo, suprimindo a dor psíquica, fornece a **ilusão** de haver ultrapassado determinados problemas, ou pelo menos de não os considerar como tais; b) os *derivados da canábis*, ou seja, a marijuana e o haxixe, cujos efeitos são a euforia e o relaxamento, mas que depressa cedem lugar ao cansaço, com riscos cardiocirculatórios; c) os *alucinogênicos*, que se podem dividir em dois grupos: os naturais (como a "erva das bruxas") e os artificiais (LSD, *angel dust* ou *pó dos anjos*). Os efeitos fundamentais são as alucinações; d) a *cocaína*, que circula como *crack* e cujas consequências estão ligadas a várias perturbações psíquicas, de modo especial perturbações comportamentais de tipo agressivo e pertur-



- Por detrás de cada drogado está sempre uma "pessoa" que é preciso ajudar, libertar.
- A toxicodependência coloca a pessoa em condições de *risco para a sua saúde e para a sua vida*.
- A droga é um verdadeiro atentado à integridade psicofísica da própria pessoa.
- O "vazio de valores" é o ponto-chave do recurso à droga.

Foi dito

«A droga é morte, mesmo se leve. Quando falamos de drogas a distinção entre leves ou duras não tem sentido. O único motivo que leva alguém a drogar-se denota *de per si* a falta de alguma coisa nele.»

D. GELMINT, *Discurso aos rapazes das escolas de Amatrice*, 9 de Abril de 2005.

bações do humor; e) as novas toxicodependências, ligadas às *substâncias para inalar* e ao *ecstasy*.

O problema dos riscos

Um primeiro aspecto ético está ligado aos *riscos* no uso da droga: a) *tolerância e dependência*: a primeira faz que, depois de certo período de uso regular e contínuo, a substância não produz já determinados efeitos, a não ser que se aumente a dose, mas assim aumentam também os efeitos colaterais; ao invés, a dependência pode ser física ou psíquica, com consequências como a “síndrome da abstinência”, que não é perigosa e que é a porta necessária para sair da droga; b) os *riscos para a saúde e para a vida*: nenhum bom motivo poderia tornar lícito um acto que tenha consequências danosas, nem uma motivação má poderia tornar lícito um acto que aparentemente parece bom. Sendo assim, relativamente aos riscos, o acto de se drogar, sobretudo com drogas duras, comporta riscos específicos para a saúde e para a vida, pelo que se torna um atentado verdadeiro e próprio à própria integridade psicofísica e, como tal, ilícito.

O vazio de valores e responsabilidades

Tornado um retórico lugar comum, o “vazio de valores” constitui realmente o ponto central do problema ético, colocando-se a montante de cada problemática moral inerente ao recurso à droga. Sem minimizar os papéis predisponentes da família, da vivência pessoal, das implicações sociais, se um jovem recorre à droga é porque experimenta em si esse vazio. Isto faz ressaltar a responsabilidade ética da sociedade: não se pode referir ao “vazio de valores” se depois não se está em condições de propor valores autênticos e fortes. A imprensa, as transmissões televisivas, a literatura contemporânea oferecem uma série de propostas de fraco valor,

SÍNDROME

Indica um quadro clínico patológico, com condições precisas que tornam possível um diagnóstico.

deixando as pessoas numa condição de absoluta mediocridade.

Pode julgar-se o toxicodependente plenamente responsável pelos seus actos? Certamente que não. A abstinência física, no próprio momento em que se exerce, dificilmente se ultrapassa só com as próprias forças. O indivíduo que incorra nessa **síndrome** não pode ser abandonado a si mesmo, deve ser acompanhado e impedido. Todavia, ele pode ser responsável pela vontade de se desintoxicar, antes que essa síndrome se instaure. Também aqui é preciso ter muita cautela na formulação dos juízos. De facto, não podemos atribuir, com alguma ligeireza, má vontade a quem “não se quer desintoxicar”, fazendo recair inteiramente sobre os seus ombros a plena responsabilidade da sua opção. Não é fácil, para uma pessoa já fraca e debilitada no plano da vontade encontrar a força de decidir diferentemente quer por uma certa incapacidade de decisão (porventura anterior à entrada na droga, mas posteriormente agravada por ela), quer porque sabe bem o que comporta no plano do sofrimento ter de enfrentar uma síndrome prolongada de abstinência.

Há depois o problema da responsabilidade subjectiva dos actos criminosos. Efectivamente quem faz um roubo por esticção ou à mão armada, por estar dominado por uma síndrome de abstinência, não pode ser eticamente responsável por esse gesto. A responsabilidade é de algum modo atenuada mesmo por quem realiza esses actos no estado de plena lucidez, porque está de algum modo condicionado pela dependência e pelo medo de ir parar à abstinência.

Proibir ou liberalizar?

Que métodos deve o Estado usar (à parte das estratégias preventivas e das intervenções de reabilitação) para dissuadir e conter a difusão da droga?

Para debater em grupo

- ◆ Um bom motivo poderia tornar lícito o uso da droga?
- ◆ O toxicodependente pode julgar-se plenamente responsável pelos seus actos?
- ◆ Como julgas a responsabilidade criminal dos actos criminosos dos toxicodependentes?
- ◆ É preciso proibir ou legalizar a droga?

Por vezes, o Estado actua de forma repressiva, punindo tanto a venda como o consumo com penas de prisão (linha dura). Outras vezes, o Estado age endurecendo as penas para os traficantes e não castigando o consumidor. Mas não se pode esquecer que frequentemente o consumidor (não punível) é também traficante (neste caso é punível). Alguns Estados viram no conceito de “quantidade módica” individual o critério descriminalizante. Se o indivíduo é encontrado na posse dessa quantidade módica, é considerado *consumidor*; se a dose é grande, é considerado traficante.

Houve quem tenha proposto *legalizar* o uso da droga. Tal como sucedeu com o aborto ou como foi proposto também para a prostituição, a tese de fundo era a de uma equivalência entre mal moral e a sua clandestinidade, pelo que, eliminando a segunda, seria eliminado também o primeiro. Todavia, como demonstra a experiência do aborto (cuja clandestinidade não desapareceu depois da sua liberalização) e como demonstram algumas experiências feitas em alguns países, essa prática não resolve o problema. Por isso é que a maior parte dos fundadores das comunidades terapêuticas mais importantes se opõe à introdução desse instrumento legislativo.



MARCAS DE UM PASSADO (*Clean and Sober*)

Gênero: Dramático. Realização: Glenn Gordon Caron.

Ano: 1990. Duração: 125 minutos.

ARGUMENTO: A vida de Daryl Pointer chegou a uma encruzilhada: sócio de uma firma imobiliária, "recebeu de empréstimo" 92 000 dólares da parte de um cliente para fazer investimentos. Mas nada lhe correu bem e, para mais, encontra em coma, na sua cama, uma toxicod dependente que lhe fornecera cocaína também a ele. Tendo de ficar à disposição da polícia, Daryl precisa de um lugar tranquilo e discreto: encontra-o numa clínica especializada, onde durante um mês os toxicod dependentes e os alcoólicos fazem análises médicas e terapia de grupo, confiados sobretudo ao enfermeiro-chefe Craig, um ex-alcoólico. De início o convívio não é fácil; depois, aos poucos o corpo de Daryl purifica-se das substâncias nocivas, e a sua personalidade sofre notáveis mudanças, a ponto de participar na vida comunitária, nas assembleias nas quais o clube dos ex-alcoólicos festeja quem, no fim do tratamento, fica curado. Portanto, Daryl é confiado a um "protector", Richard Dirks, um ex-alcoólico que o aconselha e, inclusive, o faz de um modo bastante severo. É na clínica que Daryl encontra Charlie Standers, uma mulher que sofreu muito na vida e que, finalmente, terminado o tratamento, volta para sua casa onde vive com Lenny, um cadastrado toxicod dependente. A amizade dele por Charlie transforma-se em amor. Daryl pensa que juntos poderão começar uma nova vida. Ela parece convencida. Ele confessa aos sócios os seus problemas financeiros, e, embora compreendendo as suas razões, eles despedem-no. Daryl põe-se, então, à procura de trabalho. Mas a mulher recusa-se a segui-lo: Lenny é também um indivíduo frágil e ela sente que não o pode abandonar. Depois de mais um pedido por telefone, Charlie decide juntar-se a Daryl, mas perde a vida num acidente de automóvel. Um ancião, Richards, adverte Daryl de que daí em diante deverá encontrar na solidão e somente na sua vontade a força para controlar a sua vida. E, na assembleia dos ex-alcoólicos, com uma humildade e um sentido de responsabilidade que lhe eram completamente desconhecidos, Daryl Pointer testemunha o seu compromisso sincero.

AValiação Pastoral: *Marcas de um passado*, do realizador Glenn Gordon Caron, é um filme sério, de grande actualidade, despido de manifestos e mensagens, mas essencial pelo conteúdo e modos expressivos. Não há anátemas, nem pietismos; há muito realismo, por vezes cru, enquanto a história e a narração correspondem a uma lógica precisa, com personagens coerentes e plausíveis. Tudo é colocado na vontade de ressurgir, para recomeçar a viver sem ilusões nocivas e indignas. O cenário põe em evidência muitas vezes um corte feliz (basta citar a cena do telefonema entre Charlie e Lenny, como também o baile dos indivíduos em tratamento, que se mostram nesse momento felizes e livres), ao passo que não há dúvida de que, mesmo sob o ponto de vista científico e terapêutico, o filme se serve de uma base de informações alargada e meditada. A interpretação é notável, quer de Michael Keaton que, moderado como toxicod dependente mas inexpressivo e frenético como indivíduo, aos poucos sai do túnel, adquirindo espessura e maturidade; quer de Kathy Baker, não bela, mas intensa e sofrida na sua interpretação.

22

0 alcoolismo. Vício ou doença?

VÍCIO

Tendência habitual da pessoa para realizar uma acção de modo não conforme ao bem, torna o indivíduo humano dependente e incapaz de uma felicidade verdadeira.



- O alcoolismo, enquanto desordem crónica, tem graves consequências para a saúde da pessoa.
- São notáveis os *riscos* relacionados com o enfraquecimento das capacidades superiores da consciência.
- No uso do álcool, a ofensa ao bem-estar do próximo é frequente.
- O álcool durante a gravidez expõe o feto a eventuais danos orgânicos irremediáveis.

0 fenómeno do alcoolismo

O alcoolismo pode ser definido como uma desordem comportamental crónica caracterizada pela ingestão repetida de bebidas alcoólicas em excesso relativamente aos usos dietéticos e sociais da comunidade, com graves consequências para a saúde do bebedor e sobre as suas funções socioeconómicas.

O estado de intoxicação crónica revela-se imediatamente como uma condição de doença, quer pela desorganização cognitiva da pessoa e as consequências sobre o ambiente familiar e social, quer pela indução de uma dependência física que requer, sob pena de uma dolorosa crise de abstinência, a continuação do hábito tóxico.

Uma distinção mais subtil entre *vício* e *doença* coloca-se, pelo contrário, acerca da motivação e do contexto que favorecem o abuso inicial e os sucessivos episódios de embriaguez, por um lado; e por outro, acerca da força moral necessária para suportar os incómodos da abstinência e dos percursos terapêuticos.

Foi dito

«A globalização dos meios de comunicação e dos mercados condiciona cada vez mais as intuições, as opções e os comportamentos dos jovens. Muitos jovens hoje têm maiores possibilidades e disponibilidades económicas, mas estão mais vulneráveis às técnicas de venda e de comercialização (tornadas mais agressivas) dos produtos de consumo e das substâncias potencialmente nocivas como o álcool. [...] A brutal transição social e económica, as guerras civis, a pobreza, o problema dos sem-abrigo e o isolamento são também factores que fazem que álcool e drogas corram o risco de desempenharem um papel importante na desestruturação da vida de muitos jovens [...]. As políticas em matéria de álcool relativas aos jovens deveriam inserir-se numa acção social mais vasta, dado que o consumo de álcool entre os jovens refere, em larga escala, o modelo e as atitudes da sociedade adulta. A juventude é um recurso, e os jovens podem contribuir activamente para resolver os problemas ligados ao álcool.»

Declaração sobre os jovens e o álcool, Estocolmo, 19 a 21 de Fevereiro de 2001.

O abuso inicial pode verificar-se na idade adulta e, frequentemente, ser secundário relativamente a alguma crise existencial: uma solução reactiva a um acontecimento depressivo, neurótico, narcisista. O abuso pode verificar-se em idade jovem: também aqui o problema consiste numa personalidade não bem formada, ou por influência do contexto social e do grupo de “colegas”, ou pela falta de um adequado suporte familiar, por uma fraqueza constitutiva. De facto, a incapacidade de avaliar o risco do próprio comportamento pode considerar-se o efeito de uma exaltação “narcisista” das próprias capacidades, o desafio a uma normalidade familiar e social na qual o jovem não sente que tem lugar, ou ainda a opção por um destino trágico no qual possa descarregar os rancores da sua insatisfação.

Reflexões éticas

Uma primeira reflexão ética refere-se a algumas estruturas culturais e sociais: da propaganda óbvia e sedutora das empresas produtoras de bebidas alcoólicas até à caracterização hedonista da sociedade ocidental voltada genericamente, mas de maneira persuasiva, para a satisfação das necessidades (do prazer) mais que para a sua construção.

Além disso, surge imperiosa a pergunta ética acerca da legalidade do *bem-estar próprio em prejuízo do bem-estar alheio*. Se é inevitável que as condições mórbidas e algumas não mórbidas (opções de vida, etc.) causem sofrimento nas pessoas que nos rodeiam, o que qualifica em sentido moral determinadas manifestações é a indiferença pela dor alheia. Este sentimento vai da incompreensão da dor até ao desleixo, ao escárnio, chegando à exaltação do poder e do gozo. No uso do álcool (e de todas as drogas em geral) a ofensa ao bem-estar alheio é frequente: da exposição de familiares e colegas a comportamentos inoportunos e pertur-

Para debater em grupo

- ◆ Na tua opinião, o alcoolismo é um vício ou uma doença?
- ◆ O que pensas das consequências sobre o ambiente familiar e social?
- ◆ Tendo em conta as consequências sobre a família, é lícito o bem-estar próprio em prejuízo do bem-estar alheio?
- ◆ Como avalias a propaganda aliciante das empresas produtoras de bebidas alcoólicas?

badores, ao melindre e agressividade potenciados pela intoxicação, até às verdadeiras ofensas físicas e ao património. O caso mais flagrante e doloroso diz respeito ao uso do álcool durante a gravidez, em que a exposição do feto às substâncias tóxicas pode acarretar futuros danos orgânicos, irremediáveis, cuja responsabilidade é apenas desculpada pelo desconhecimento desses efeitos.

A ilusão do bem-estar do álcool

Outro aspecto importante é a *ilusão do bem-estar*. Ilusório é o bem-estar das bebidas alcoólicas que aliviam formas de ansiedade patológica ou fobias sociais, não reconhecidas precedentemente como tais, e que, sedadas pelo medicamento-álcool, o tornam por isso extremamente apetecível, lhe justifica o uso e a legalidade perante todos os que sustentam o contrário.

Finalmente, *os riscos ligados ao enfraquecimento das capacidades superiores da consciência*, das ideias, do querer, de assumir as próprias responsabilidades. A experiência da sedação do mal-estar, *de per si lícita*, favorece mecanismos psíquicos de ruptura e expulsão (projectão) de aspectos inaceitáveis (dolorosos) de si mesmo. Este percurso psíquico, que se mostra tão dramático, caracteriza o desenvolvimento evolutivo de cada Homem e, negativamente, qualifica em larga medida os estados de dependência do álcool, como se demonstra também na experiência terapêutica: o uso do álcool, invalidando em larga medida as capacidades cognitivas, afrouxa e torna menos incisiva a vontade.



AS CINZAS DE ÂNGELA (*Angela's ashes*)

Gênero: Dramático. **Realização:** Alan Parker.

Ano: 2000. **Duração:** 146 minutos.

ARGUMENTO: Brooklyn, 1935. Ângela, mãe de quatro filhos, está arrasada pela dor devido à morte prematura da filhinha mais nova. O marido, Malachy, alcoólico, perde regularmente os trabalhos ocasionais que encontra. Frank, o mais velho dos filhos, procura proteger os irmãos mais novos. Forçada pela miséria, a família McCourt regressa então à Irlanda, para junto da avó materna. Em Limerick alugam um apartamento pequeno e em más condições. Malachy é mal visto pelos parentes de Ângela porque é de Belfast e não educa os filhos segundo a religião católica. Por falta de alimentos e de aquecimento, os pequenos gémeos Oliver e Eugene morrem, e no entanto Ângela encontra forças para uma nova maternidade e para alugar um apartamento mais espaçoso. Entretanto, Frank frequenta a escola, faz a Primeira Comunhão e vai ao cinema ver um filme com James Cagney por protagonista. Mas o pai gasta no pub as poucas moedas que chegam, e então Frank começa a trabalhar como carvoeiro. Por pouco tempo, porém, porque o pó do carvão provoca-lhe uma conjuntivite terrível. A situação piora. Malachy desaparece, a avó morre, os McCourt são desalojados. Frank vai viver com o tio Pat, encontra um emprego como moço de recados, enamora-se de Teresa, uma rapariga doente de tuberculose, e depois conhece a senhora Finucane, a usurária do lugar. Quando esta morre, Frank encontra dinheiro em casa dela. Apodera-se dele, embebeda-se no pub, compreende que está a seguir as pegadas do pai. Então compra as passagens para viajar de barco para Nova Iorque. Ao contemplar a Estátua da Liberdade, compreende que a sua vida pode finalmente começar.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Frank McCourt nasceu em Brooklyn em 1930 e passou a maior parte da sua infância nos subúrbios de Limerick, na Irlanda. Com 19 anos, regressou aos Estados Unidos onde ensinou Literatura Inglesa nos liceus, durante 40 anos. A mãe Ângela faleceu em 1981, e o filho quis dar o título *As cinzas de Ângela* à sua autobiografia. Acolhido com grande sucesso, o livro recebeu em 1997 o Prémio Pulitzer. Estamos por isso perante um retrato de família que fotografa lugares e momentos históricos de um passado recente: a América em dificuldade durante a Grande Depressão, a Irlanda pobre, orgulhosa e católica. Com tanta abundância de material à sua disposição, Parker escolheu um filão narrativo orientado para recuperar a cadência do romance sobre a criação e a educação à maneira de Dickens. Em duas horas e meia, o filme narra a pobreza, a miséria, o sofrimento, mas também o afecto, a conquista, a descoberta dos sentimentos, a passagem da infância para a adolescência, a relação com os pais, a raiva, a felicidade. E depois a religião: uma identidade que se confunde com o patriotismo, uma espiritualidade de tons ásperos mas profundos, uma fé contraditória no plano exterior mas muito vívida interiormente. Certamente o filme conserva ideias porventura demasiado literárias, e a construção mostra-se por detrás do realismo. Mas o fresco permanece palpitante e de notável interesse. Do ponto de vista pastoral, o filme, à parte algumas reservas, pode considerar-se positivo, aceitável, complexo e apto para debates.

23

Perante o suicídio. Interrogações éticas

SOBREVIVÊNCIA

Tendência do indivíduo a resistir às provas e aos assaltos que colocam em perigo a sua vida. A luta pela sobrevivência na condição humana passa através das ameaças da doença, das intempéries, dos acidentes e da violência.



- A vida é um valor indisponível por si mesmo, tem um valor absoluto e merece sempre ser vivida.
- O suicídio é contra a *persona* em si mesma, contra o impulso fortíssimo de conservar a vida.
- No suicídio falta-se à *caridade para consigo mesmo*.

Compreender o porquê

O suicídio é a acção de um indivíduo humano finalizada para suprimir a própria vida, quer com uma acção directa quer com uma omissão. E porque os outros seres vivos tendem instintivamente para garantir a sua **sobrevivência**, o suicídio apresenta-se como um fenómeno tipicamente humano.

Perante a notícia de um suicídio vai-se à procura dos motivos. Talvez nenhum outro comportamento como o suicídio desperte no espírito humano uma razão que possa mitigar o sofrimento, o espanto, ou a raiva que se experimentam quando se toma conhecimento de um suicídio. Juntamente com a tendência para explicar, para compreender o suicídio, parece, todavia, que coexiste frequentemente uma tendência oposta a não saber, a negar, a esquecer. Muitas vezes conclui-se que o suicídio é mesmo um "mistério", e esta frase é como colocar uma pedra sobre os reais significados, as emoções, os pensamentos que induziram as pessoas a suicidar-se.

● É um acto contra a sociedade, porque a supressão da vida é uma violação contra a mesma sociedade.

● É um acto contra Deus, porque a vida é dom de Deus, e fica sempre sujeita a Ele.

REVELAÇÃO BÍBLICA

Deus revela a Sua vontade e o Seu plano em favor do Homem e da História através da Sua Palavra, entregue ao Seu Povo, aos profetas e, ultimamente, a Jesus Cristo, que é a revelação por excelência do mistério de Deus, do Homem e da História.

Foi dito

«Não consolaremos uma prisão tão triste, não exortaremos a que aceitem o domínio dos verdugos: mostraremos um caminho de liberdade aberta a todos os escravos. Se o espírito está doente e miserável, por causa do seu sofrimento, é-lhe possível acabar consigo e com a sua dor. Direi, quer àquele que defrontou um rei o qual fazia alvo das suas flechas o peito dos amigos, quer àquele cujo dono sacia os pais com as vísceras dos seus filhos: "De que te queixas, louco? Porque esperas que algum inimigo te venha libertar, destruindo o teu povo, ou que um rei poderoso acorra de terras distantes? Para onde quer que olhes, é o fim dos teus males. Vês aquele precipício? Por ele desce-se à liberdade.»

A opinião dos antigos

Na antiguidade, *Sócrates* proibia o suicídio aduzindo argumentos religiosos, sustentando que ninguém pode tirar a vida até que Deus assim disponha por alguma necessidade. *Platão* via nele um acto de insubordinação contra a divindade. *Aristóteles* afirmava que se tratava de um acto injusto para com a comunidade humana com o qual se exprimia o não domínio de si. Os *estóicos* emitiam, para certos casos, um juízo positivo, sustentando-o como direito à autodeterminação concedido juntamente com a liberdade, que *Sêneca* explicita no sentido de que uma morte livre se deve preferir à morte natural e degradante. *Sêneca* condenava o suicídio realizado só pelo desejo de morrer, ao passo que o aprovava quando manifestava um gesto de dignidade e de coragem. Os Padres da Igreja não hesitaram acerca da inadmissibilidade ética do suicídio. Houve, todavia, uma evolução na avaliação da responsabilidade e culpabilidade subjectiva de quem se suicida ou tenta suicidar. *São Tomás de Aquino* diz não ao suicídio por três razões: a) pela *persona* em si mesma, que partilha com todos os seres existentes um impulso fortíssimo em conservar a vida e a resistir até ao limite do possível perante todas as ameaças contra ela; b) pela *sociedade*, porque matar-se é uma violação da própria sociedade; c) por *Deus*, porque a vida é um dom de Deus, e fica sempre sujeita a Ele.

Considerações bíblicas

A moral tradicional do suicídio inspirou-se no Cristianismo e na *revelação bíblica*, segundo a qual cada vida humana é – sem excepção – um dom de Deus, enquanto Criador, e foi objecto de especial predilecção da parte de Cristo Redentor. O Homem, portanto, não é proprietário radical da sua vida; é apenas fiel administrador dela, e dela terá de prestar contas a Deus. Para os israelitas, a vida

Vês aquele mar, aquele rio, aquele poço?
A liberdade está lá, no fundo.
Vês aquela árvore baixa, seca, desprezada? A tua liberdade está pendurada nela. Vês o teu pescoço, a tua garganta, o teu coração? São caminhos de fuga da servidão. Mostro-te acaso saídas demastado laboriosas e que requerem muita coragem e muita força física? Perguntas qual é o caminho da liberdade? Qualquer veia do teu corpo.»

SÉNECA, *De ira*, XV, 3-4.

Para debater em grupo

- ◆ Perante a notícia de um suicídio, qual é a tua reacção?
- ◆ Que conhecimento tem o Homem de hoje de que o fim último da vida pertence só a Deus?
- ◆ Pessoalmente, porque é que achas que o suicídio é imoral?
- ◆ Os condicionamentos psicológicos, culturais e sociais podem atenuar a responsabilidade do indivíduo. Até que ponto?

tinha um carácter sagrado, não existia nunca um motivo suficiente para amaldiçoar a Deus ou para O renegar (é eloquente o testemunho de Job); nem sequer a atitude pessimista de Coélet permite pensar que o suicídio possa ser opção eticamente aceitável. O suicídio directo é sempre considerado uma violação do quinto Mandamento do Decálogo. No Novo Testamento, o único caso referido de suicídio é o de Judas Iscariotes, o qual, após a traição feita a Jesus, presa da sua má consciência, se enforcou (Mt 27,5; Act 1,18).

O ensinamento da Igreja

Segundo o *Catecismo da Igreja Católica* (CCC), cada qual é responsável pela sua vida perante Deus, que lha concedeu. Ele é o Senhor soberano da vida. O suicídio é contrário ao justo amor por nós próprios. Ao mesmo tempo é uma ofensa ao amor do próximo, porque quebra injustamente os laços de solidariedade com as sociedades familiar, nacional e humana, em relação às quais temos obrigações a cumprir. O suicídio é contrário ao amor do Deus vivo.

Embora determinados condicionamentos psicológicos, culturais e sociais possam levar a realizar um gesto que contradiz tão radicalmente a inata inclinação de cada um pela vida, atenuando ou anulando a responsabilidade subjectiva, o suicídio, sob o ponto de vista objectivo, é um acto gravemente imoral, porque comporta a rejeição do amor para consigo mesmo e a renúncia aos deveres de justiça e de caridade para com o próximo, para com as várias comunidades a que pertence e para com a sociedade no seu conjunto (*Evangelium vitae*). Dever-se-á, todavia, distinguir bem do suicídio aquele sacrifício com o qual, por uma causa superior – como a glória de Deus, a salvação das almas ou o serviço dos irmãos – alguém se oferece ou coloca em perigo a sua vida.

Em todo o caso, o espírito do Cristianismo, sempre aberto à profecia da misericórdia de Deus, não desespere do destino do suicida: «Não se deve desesperar da salvação eterna das pessoas que se suicidaram. Deus pode, por caminhos que só Ele conhece, oferecer-lhes a ocasião de um arrependimento salutar. A Igreja ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida.» (CCC n.º 2283)



PARA ALÉM DO HORIZONTE (*What dreams may come*)

Realização: Vincent Ward. **Produção:** Stephan Simon, Barnet Bain, Estados Unidos. **Ano:** 1998.

What dreams may come (literalmente: Quais são os sonhos que podem vir?, cf. *Hamlet*) é o título original deste filme interpretado por Robin Williams e dirigido por Vincent Ward. **Muito** preanunciado e esperado, *Para além do horizonte* pode ser apreciado sob diversos aspectos.

Extraído de um romance recente de Richard Matheson, *Para além do horizonte* é um filme que deve ser observado em dois planos distintos: o fascínio das imagens e o enredo das ideias.

Acerca do primeiro nível temos de admirar e apreciar a beleza das imagens. Muitas delas são fruto do digital que, manipulando as filmagens verdadeiras, nos permite entrar no estilo pictórico de Monet, Van Gogh, Doré e pintores do romantismo alemão. O Paraíso e o Inferno são realizados unindo a magia do digital, as atmosferas pictóricas suscitadas e a poesia da literatura. Os cenários transportam-nos da sua artificialidade para o desejo do envolvimento estático e emotivo.

O segundo plano encontra num entreccho não muito bem definido – ousaríamos chamá-lo sincrético – a força motriz da narração. Um além estruturado segundo os sonhos e as expectativas de cada um torna-se um caleidoscópio de lugares, imagens, rostos. Uma Vida para além da vida organizada, misturando as promessas escatológicas das principais religiões: reencarnação, juízo, ataraxia... O além-túmulo parece ser perfeito nos seus equilíbrios, mas privado daquele princípio que deveria ser o fulcro dele: o amor. Chris torna-se mensageiro dele.

Para além do horizonte é certamente o primeiro filme realizado aplicando os cânones estilísticos e as ideias da tão contestada *New Age*. As imagens, o enredo, as vicissitudes das personagens, o sincrétismo religioso-ideológico fazem parte desse “credo” que inspira quer a dimensão artística quer a dimensão espiritual da vida moderna. *Para além do horizonte* reapresenta o mito de Orfeu e Eurídice, alterando o final; é um hino ao amor puro, íntimo, profundo, no estilo da *New Age*.

Ao prólogo romântico, prelúdio de um grande amor, segue-se uma série de desgraças. E se alguém ridicularizou a sua concatenação absurda, é porque não teve em conta o essencial, os extremos entre vida e morte.

Enquanto a narração se desenrola, a mente de um cinéfilo apaixonado não pode deixar de recordar outros filmes que narram o além-túmulo. O nome de Vincent Ward pode parecer novo, mas este realizador neozelandês já goza de boa fama no mundo do cinema. A ele se devem *Navigator* (1988) e *Avik e Albertine* (1992), pela sua capacidade de unir ao fascínio das imagens aspectos e atitudes profundas do Homem.

Robin Williams confirma mais uma vez a sua grande capacidade de intérprete. Embora assumindo pela primeira vez o papel dramático-romântico, não deixa de lado a sua resposta pronta, o seu sorriso sereno e o optimismo.

24

Os alimentos geneticamente modificados. São todos prejudiciais à saúde humana?

BIOTECNOLOGIAS

Tecnologias capazes de transformar estruturas biológicas de seres vivos, de modo a torná-las um produto de acordo com um projecto não oferecido imediatamente pela Natureza.

PRECONCEITO

Juízo formulado na base de um preconcebimento e, portanto, sem fundamento adequado e conhecimento dos factos.

As **biotecnologias** aplicadas ao campo da alimentação são uma realidade em contínua evolução e oferecem-nos produtos que sob muitos aspectos são superiores aos produzidos com tecnologias naturais. Não são alimentos futuristas, mas estão já amplamente inseridos nos nossos supermercados, embora nem sempre se apresentem com um rótulo informativo adequado. São alimentos que sofreram modificações tecnológicas, de forma que apresentam características que na natureza não se encontram, mas que podem ser vantajosas quer no cultivo quer na qualidade do próprio produto. Infelizmente, como iremos ver, juntamente com as luzes estão também as “sombras”, isto é, podem apresentar-se riscos para a saúde humana e para o ambiente, pelo que a primeira atitude fundamental deveria ser o de um “não” a toda a atitude **prejudicial**, e de um “sim” à experimentação nesse campo, mas com altos parâmetros de segurança, com uma informação objectiva, correcta e tempestiva. Há quem pense que com este tipo de alimentos se

VALORES EM QUESTÃO

- As biotecnologias alimentares não são nem boas nem más: têm luzes e sombras.
- Para destruir os parasitas das plantas, os OGM podem melhorar as condições do ambiente, actualmente submetido a pesticidas e substâncias tóxicas.
- Com os OGM produzem-se medicamentos como a insulina humana, a hormona do crescimento, o interferon para a cura de doenças muito graves, fármacos antivirais e antitumorais.
- Com este tipo de alimentos poder-se-ia melhorar a condição de povos que passam fome.

METABOLISMO

É o conjunto de processos de um organismo, capazes de produzir, acumular e consumir a energia necessária para a sobrevivência.

Foi dito

«Os OGM são perigosos? Não aceito cientificamente que se diga isso. Posso dizer, talvez, que para nós, na Itália, hoje não servem. Mas daqui a vinte anos poderiam ser úteis. Os OGM utilizados como alimentos não são perigosos para a saúde de quem os consome, nem isolados nem em combinação com outros, embora seja necessário vigiar sempre, tanto sobre eles como sobre todos os outros alimentos.»

E. BONCINELLI, *Sani per scelta*, 2005, pp. 116-117.

conseguirá acabar com a fome no mundo: a hipótese tem fundamento, mas é preciso não alimentar ilusões.

O que é um organismo geneticamente modificado (OGM)

Um alimento geneticamente modificado é geralmente chamado “organismo geneticamente modificado” (OGM), e indica um produto alimentar em que foram inseridos genes modificados relativamente aos que apresenta naturalmente. Por conseguinte, na produção o gene introduzido manifestará as suas novas características. É de algum modo como os antigos enxertos que se faziam nas árvores, de modo a produzirem frutos na base do enxerto inserido. Os OGM podem dizer respeito não só aos alimentos, como também a plantas, animais, ambiente, microorganismos vários e aos próprios seres humanos. Por outras palavras, um OGM é uma intervenção de engenharia genética, que pretende modificar as características naturais de um organismo, para que, através da inserção de um novo gene, o mesmo organismo apresente características diferentes das que tem na Natureza.

Aplicações

Na maioria dos casos, o gene inserido num organismo, para o modificar, traz-lhe variações tais que lhe melhora algumas características ou o induz a produzir substâncias que não pertencem ao seu **metabolismo** normal. No caso das plantas, por exemplo, essas características novas permitem à planta modificada aumentar a sua resistência contra parasitas ou contra algumas doenças típicas daquela espécie, ou contra herbicidas ou pesticidas, ou então modificar quantitativamente, em sentido positivo ou negativo, o conteúdo de substâncias alimentares (proteínas, gorduras, etc.), ou ainda de

ANIMAIS TRANSGÊNICOS

São animais que foram transformados mediante a engenharia genética, de modo que manifestam características genéticas particulares que não se podem atribuir à espécie de que provêm. Um material transgênico, por exemplo, pode conter genes humanos que tornam o seu fígado geneticamente semelhante ao fígado humano e, portanto, útil para fins terapêuticos.

BIODIVERSIDADE

É o conjunto das espécies animais e vegetais inseridas na biosfera e fruto do processo evolutivo que acompanhou a História. Intervenções na biodiversidade ou a perda de uma espécie podem condicionar ou pôr em risco a saúde ou a sobrevivência.

Para debater em grupo

- ◆ Que pensas dos OGM: és totalmente contrário ou aceita-los? Em que condições?
- ◆ Que é que podemos fazer como cidadãos para orientar as opções políticas neste campo?
- ◆ Estás de acordo com a produção de animais transgênicos?
- ◆ Tendo em consideração os riscos da toxicidade, das alergias e do impacto ambiental, pode propor-se a hipótese de bloquear todas as experiências?

melhorar as características de resistência às condições ambientais adversas (secas, gelo, salinidade, etc.). Uma boa parte do coelho utilizado na produção dos queijos é fruto dos OGM. Os OGM podem intervir também na defesa do ambiente: bactérias e microalgas, geneticamente modificadas, podem assimilar, eliminando detritos, metais pesados ou produtos químicos de síntese que normalmente não fazem parte do seu metabolismo. Também os microorganismos podem ser sujeitos a modificações genéticas; algumas bactérias, geneticamente modificadas de modo oportuno, podem produzir muitos medicamentos como a insulina humana, a hormona do crescimento, o interferon para a cura de doenças muito graves, medicamentos antigripes e antitumorais em quantidade massiva e a custos relativamente baixos. No caso dos **animais transgênicos**, o âmbito de aplicação é mais amplo. A modificação genética pode levar à formação de produtos naturais contendo fármacos ou produtos de interesse do ponto de vista da prevenção, como por exemplo as vacinas. As modificações podem ser feitas para produzir animais resistentes às doenças infecciosas ou neoplásticas mesmo do próprio animal, ou então para a melhoria, quer do ponto de vista qualitativo quer do ponto de vista quantitativo, de alimentos como o leite, a carne, os ovos. Deve sublinhar-se a grande oportunidade oferecida por plantas que podem produzir vacinas, sobretudo nas nações em que a assistência sanitária é deficiente.

Os riscos

Como qualquer outra inovação tecnológica, também os OGM podem comportar, na sua aplicação, alguns riscos. Todavia, recordemos que, dada a delicadeza do argumento – modificação de um genoma, com transmissão dos caracteres adquiridos na progénie – este risco é normalmente sobrestimado,

em particular pelos meios de comunicação social. Tudo isto gera, no grande público, nem sempre adequadamente informado, ânsias e temores nem sempre justificados. Os riscos mais importantes podem ser classificados em três grupos principais: a toxicidade, as alergias e o impacto ambiental. Uma outra grande preocupação consiste no perigo de que, com a primazia de uma só espécie modificada, sejam perturbados os equilíbrios normais, danificando assim a **biodiversidade**, cuja carência levou no passado a graves prejuízos ecológicos a populações inteiras. É preciso, porém, precisar, a propósito dos riscos, que a legislação a esse respeito é altamente restritiva e prevê controles, por parte de entidades suprapartidárias. Tudo isto parece ser suficiente para garantir uma notável segurança, o que frequentemente não acontece com outros produtos novos, que não pertencem à categoria dos OGM.



30 DIAS DE FAST FOOD (*Super size me*)

Gênero: Documentário. **Realização:** Morgan Spurlock.
Ano: 2004. **Duração:** 96 minutos.

ARGUMENTO: Nos Estados Unidos, 37% dos adolescentes têm peso a mais e em cada três adultos dois são obesos. São incapazes de se submeter a uma sã alimentação? Ou os responsáveis devem ser identificados nas multinacionais da comida rápida? O cineasta Morgan Spurlock viaja de carro, fazendo paragens em 20 cidades americanas para entrevistar médicos de clínica geral, treinadores, cozinheiros, jovens, advogados e legisladores. Durante 30 dias de viagem, Spurlock pensa bem em “pôr-se em forma” e decide comer as suas refeições somente nos restaurantes McDonald’s, seguindo algumas regras simples: 1) durante o todo o mês, a sua escolha deve limitar-se ao que é oferecido pela famosa cadeia do *fast food*; 2) nada de menus grandes, a não ser que não fossem recomendados pelo pessoal; 3) comer de todos os alimentos à venda pelo menos uma vez.

Morgan Spurlock é um rapaz americano com veleidades de cineasta e documentarista, mas que provavelmente será lembrado só como o responsável pelas abolições das rações *Super size* por parte da McDonald’s.

Partindo de uma ideia até relativamente interessante – a legitimidade de chamar à razão o gigante do *fast food* pelos problemas de saúde ligados à obesidade – Spurlock realiza um documentário centrado num tema que não admite réplica: alimentar-se apenas de alimentos gordos faz mal. Nada de excepcionalmente chocante, portanto, senão para as pessoas totalmente ingênuas e desinformadas no que diz respeito à educação alimentar, para as quais o relatório do *Super size me* sobre os possíveis efeitos da “McDieta” sobre o nosso fígado e as nossas coronárias chega como uma surpresa.

Com a mente na história de dois adolescentes, recorre à Lei, por não ter sido reconhecida nenhuma indemnização, já que não foi possível demonstrar que a McDonald’s era a causa a obesidade deles;

com o espírito oprimido e alarmado pela crescente percentagem de americanos obesos e prestes a ficar com diabetes, Morgan decide sacrificar-se pela causa: durante 30 dias não comerá nada que não seja servido pela McDonald's. Morgan não deixa nada ao acaso, consulta três médicos e uma dietista antes de começar a sua aventura; é declarado de boa saúde. O médico de clínica geral que o vai ter sob controlo diz estar incerto acerca do que irá acontecer, comendo apenas pela "McDieta", mas provavelmente Morgan está destinado a ganhar um pouco de peso e a ver subir o colesterol. Assim, o impávido realizador vai ter com o seu primeiro *BigMac*, desconhecedor dos riscos e indiferente aos avisos da namorada, cozinheira vegetariana. Os efeitos da pernicioso "McDieta" não demoram a chegar; já a primeira refeição *Super size* (uma versão potenciada pelo menu *Maxi*) deita Morgan abaixo e transtorna-lhe o estômago. Mas ele não está disposto a render-se, e prossegue na sua cruzada descrevendo-nos ao mesmo tempo os repugnantes processos da preparação dos *Chicken McNuggets*, explicando-nos a quantas colheres de açúcar corresponde uma *Coca Cola Super Size*, revelando-nos as abominações dos *lobby* da alimentação e focando a grande torpeza de que se reveste a McDonald's: utilizar cores, jogos, *happy meal* e campanhas estudadas de propósito para cativar os mais novos, mantendo-os sob a nefasta influência do aparente inócuo, mas na realidade perigoso (como diz Stephen King) Ronald McDonald. Entre outras banalidades, Spurlock levanta também outras interrogações interessantes, que infelizmente se perdem no grande número de testemunhos no limite do semi-sério, de montagens cómicas à maneira de Michael Moore, de *pop-songs* dedicadas à gordura e de imagens de glúteos *super size*.

O documentário é agradável, mas, como foi dito, dispensável quer cinematograficamente quer do ponto de vista educativo, embora os que prezam muito a sua saúde nos Estados Unidos o tenham declarado uma obra revolucionária que deveria ser apresentada em todos os estabelecimentos escolares. Spurlock não descobriu os riscos de uma má alimentação, e o facto de ter colocado o seu fígado em apuros não altera esta verdade.

25

O problema ambiental. Um holocausto ecológico?

ECOSSISTEMA

É a unidade ecológica de base, a funcional, que preside à manutenção e ao desenvolvimento da vida e que é o resultante de mais de três bilhões de anos de percurso evolutivo.



- A Terra é um sistema com recursos limitados: uma realidade com valores que precisa de ser protegida.
- Continuamos a extrair recursos, água e energia do ambiente, a difundir matérias poluentes e a espalhar lixos, produzindo danos ecológicos de tipo irreversível.
- Existe um verdadeiro e próprio *holocausto* que se afirma cada vez mais

A saúde actual da Terra

A Terra é um sistema fechado com recursos limitados que pode contar apenas com o contributo da energia solar. Cada recurso natural, alimentação, água, madeira, minerais, petróleo, gás, encontra os seus limites na disponibilidade e na capacidade de absorção do **ecossistema**. Os países mais industrializados continuam a extrair recursos, água e energia do ambiente, a difundir poluentes e a espalhar os lixos, causando danos ao território, ao ar e à água, actos com carácter irreversível. Enquanto os sistemas económicos requerem em cada caso índices de crescimento positivo, o ambiente requer equilíbrio e estabilidade. Temos razões para temer que em alguns casos estejamos já nos limites e até para lá da capacidade de renovação do Planeta (Ministério do Ambiente, Itália).

Perspectivando resultados positivos, o aquecimento da Terra, a biodiversidade, os lixos domésticos e nocivos, a qualidade das áreas urbanas, o volume de recursos subtraídos ao ambiente, os espaços

no mundo, um "agricídio", um assassinio da Terra.

- É preciso caminhar em direcção ao desenvolvimento sustentado, que garanta as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras.

Foi dito

«Estão sob o olhar de todos as crescentes devastações causadas no mundo da Natureza pelo comportamento dos homens, indiferentes às exigências recônditas, e no entanto claramente visíveis, da ordem e da harmonia que o regem. Perguntamo-nos, portanto, com ansiedade, se é possível ainda remediar os danos provocados. É evidente que uma solução idónea não pode consistir simplesmente numa gestão melhor ou numa utilização menos irracional dos recursos da Terra. Embora reconhecendo a utilidade prática dessas medidas, parece necessário voltar às origens e enfrentar no seu conjunto a profunda crise moral, de que a degradação ambiental é um dos aspectos preocupantes.»

João PAULO II. *La visione Cristiana dell'ambiente*, 1991, p. 61.

ocupados pela criminalidade ambiental tornaram-se graves elementos críticos para o ambiente. Novos riscos para a segurança dos alimentos, o uso insensato dos meios privados de transporte e dos meios móveis de comunicação pessoal e colectiva e a contaminação electromagnética põem em perigo o ambiente e a saúde das pessoas. A actuação ambiental é um pilar fundamental de uma estratégia para um novo modelo de desenvolvimento.

Um holocausto ecológico?

Além disso, parece que a engenharia genética procura ocupar cada vez mais o "lugar de Deus" (*God's room*). O novo milénio começou sob o signo de uma revolução genética no campo agro-alimentar, mas talvez seja preciso contrapor uma revolução ética nos nossos comportamentos alimentares e nos modos de produzir tecnologicamente os nossos alimentos. A urgência desta revolução ética é inadiável e a possibilidade de alterar o actual andamento das coisas consiste na responsabilidade de cada um de nós. Existe um *holocausto* verdadeiro e próprio que se afirma cada vez mais no mundo, e é aquele que se refere aos animais e ao ambiente e que foi chamado "agricídio". Este termo foi introduzido no sentido das excepções semelhantes, como por exemplo homicídio, suicídio, genocídio. De facto, as consequências da indústria agro-alimentar podem ser profundamente devastadoras e constituir um verdadeiro e próprio "agricídio", porque o solo é um sistema vital, que pode ser morto como outros órgãos e sistemas vitais. "Agricultura" é matar o solo (*killling soil*) através de herbicidas e matérias químicas extremamente perigosas para a saúde do terreno. A ideia de nutrir novamente o terreno com substâncias químicas nutrientes revela-se improdutiva e inadequada, pelo que produz plantas com características nutritivas deficitárias e, por conseguinte, também os animais e os seres não fi-

Para debater em grupo

- ◆ Teme-se que em alguns casos estejamos já no limite ou que tenhamos até já ultrapassado a capacidade de suporte da Terra. Que pensas disso?
- ◆ O que pensas do conceito de *holocausto ecológico*?
- ◆ A revolução genética entra cada vez mais no "Lugar de Deus". Vês isso como negativo ou como positivo?
- ◆ Não achas que o esforço ambiental deve constituir o pilar fundamental de um novo modelo de desenvolvimento?

cam bem alimentados. Em suma, encontramos perante verdadeiras formas de "agricídio". São os seres humanos que o querem, embora por vezes inconscientemente. Este "agricídio" alarga-se a todo o campo da Natureza e do ambiente, a partir do momento em que os sistemas de produção das carnes, das aves domésticas, da pesca e dos outros animais levam a uma poluição ambiental mortal, precisamente um "agricídio".

Em direcção a um desenvolvimento sustentável

A introdução do conceito de *desenvolvimento sustentável*, que garante as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras fazerem o mesmo, é uma conquista do pensamento humano do final do milénio passado que tem em vista a qualidade da vida, a paz e uma prosperidade crescente e justa num ambiente limpo e salubre. O desenvolvimento sustentável não é uma ideia nova. Muitas culturas na História compreenderam a necessidade de harmonia entre ambiente, sociedade e economia. O desenvolvimento sustentável não se pode desejar sem uma mudança profunda dos modelos actuais de desenvolvimento e das relações económico-sociais. Um sistema económico em crescimento é sustentável apenas se a acumulação dos recursos utilizados para a criação de riqueza permanece, em quantidade e qualidade, dentro de limites oportunos de exploração e não de sobrecarga das capacidades de absorção fornecidas pela ecosfera. Se isso não acontece, a economia continuará a comprometer a qualidade dos recursos naturais, que mais cedo ou mais tarde se esgotarão ou ficarão inutilizados.

**O DIA DEPOIS DE AMANHÃ** (*The day after tomorrow*)**Género:** Dramático. **Realização:** Roland Emmerich.**Ano:** 2004. **Duração:** 125 minutos.

ARGUMENTO: O professor Jack Hall, perito em paleoclimatologia, sustenta, à vista de alguns acontecimentos atmosféricos estranhos, que a Terra está a ir ao encontro de um novo período glacial. O seu grito de alarme deixa insensíveis quer as altas patentes militares, quer a própria Casa Branca. Daí a pouco, porém, uma terrível tempestade começa a mover-se vinda do norte do planeta e a alastrar cada vez mais rapidamente. A América do Norte fica bem depressa submersa pelas águas, as quais depois gelam. É dada então ordem às populações para abandonarem as suas cidades e se refugiarem no México. Aqui, porém, os primeiros a chegar encontram inesperadamente as fronteiras fechadas. Entretanto, a partir de Washington, Jack entrou em contacto com o filho Sam, que se encontra em Nova Iorque, mas que está encurralado na biblioteca municipal. Jack ordena-lhe que não saia de lá e que espere por ele, que irá salvá-lo. Começa então uma luta terrível contra o tempo. Durante a viagem Frank, amigo e colega de Jack, perde a vida num acidente. Finalmente, Jack chega a Manhattan, entra na biblioteca e abraça o filho. Lá fora, o firmamento começa a clarear. O estado de emergência, por agora, acabou.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Poder-se-ia dizer que desta vez o fim feliz tem uma função precisa. O de dizer (de nos dizer) que se trata apenas de um filme e que se quis que acabasse bem para não angustiar as pessoas. A realidade, porém, é outra; o perigo é concreto e merece muita atenção. Assim enquadrado, a campanha de alarme acerca dos riscos da alteração do equilíbrio ecológico do planeta assume uma importância que diz respeito a todos. Estas premissas são depois diluídas ao longo de uma narrativa de mais de duas horas que não se consegue, todavia, libertar dos estereótipos do género "colossal" catastrófico. Embora dispondo de grandes efeitos especiais de modo a fazer espectáculo e suspense, a história é banal e óbvia, lança apelos à partilha e à solidariedade internacional, mas acaba por se refugiar no abraço entre o pai e o filho; isto é, na América que reencontra os valores que lhe são tão caros. Muito esforço produtivo, então, mas nada de verdadeiramente novo. Limitamo-nos a acolher a mensagem ecológica e o conjunto de indicações positivas que lança. Nesta óptica, o filme, do ponto de vista pastoral, deve considerar-se aceitável.

26

Os animais. Uma revolução ética em curso

DESPOTISMO

Atitude de quem se impõe ao outro de modo autoritário e opressivo. Os animais foram tratados por vezes de modo despótico na História, considerando-se o Homem não apenas guarda dos animais e da vida, mas sim dono absoluto deles.



- Os animais são criaturas maravilhosas de Deus, que estende a Sua providência dando o alimento necessário à sua vida e os reveste da Sua beleza.
- Os animais são confiados ao Homem não para mandar, mas para dar deles contas

Os animais foram sempre, na História, objecto de particular atenção. O Homem como simples indivíduo, mas também as normas sociais e religiosas, as leis, exprimiram, a respeito dos animais, atitudes quer de cuidados quer de rivalidade: úteis no trabalho, em casa, para a alimentação, para o vestuário, como ainda para companhia e afeição, sacralizados em algumas religiões, no centro da simbologia complexa da vida. Os animais foram sempre vistos como sujeitos éticos e religiosos, mas a rivalidade humana conduziu frequentemente a um **despotismo** que fez deles, cada vez mais, bestas insensatas, guiadas só pelo instinto, incapazes de sofrimento e de falar ao Homem sobre a beleza da vida e da Criação.

A Bíblia e os animais

A Bíblia insere os animais na grande obra da Criação, e o animal constitui a parte da Natureza que está mais próxima do Homem, o qual é o centro e o vértice da Criação. Apesar da vizinhança e da

▶ a Deus, o qual é o único Senhor de toda a Criação.

- Os animais não são meros seres com instinto, antes são capazes de sofrer e de gozar.

solidariedade com os animais, o Homem é apresentado como aquele que lhes impõe um nome, o que indica a nobreza do papel ético do Homem no cuidado e na guarda destas criaturas maravilhosas, que lhe são confiadas, não para dominar sobre elas, mas para delas prestar contas a Deus, que é o verdadeiro e único Senhor de toda a Criação. Deus alarga sobre os animais a Sua providência dando o alimento necessário à sua existência e providenciando amorosamente a todas as suas necessidades (JOB 38,30; SL 36,7; 104,11-30; 147,9). No Salmo 84,4 afirma-se que Deus dá a cada pássaro e à andorinha um ninho, onde pode colocar os seus filhinhos. E nas palavras de Jesus: «Vede os pássaros do céu: eles não semeiam, não colhem nem juntam em armazéns. No entanto, o Pai que está nos céus alimenta-os.» (MT 6,26) Na Bíblia, os acontecimentos dos homens e dos animais muitas vezes entrelaçam-se. O animal responde ao afecto e é capaz de uma dedicação completa (DT 25,4) e, muitas vezes, os homens e os animais têm um destino comum. Estão de tal forma próximos do Homem que entram na Aliança concluída entre Deus e Noé (GN 9,9), até se tornarem também eles sujeitos da lei mosaica.

Uma revolução ética

Hoje assistimos a uma verdadeira revolução ética no que diz respeito aos animais. Estes são protegidos por normas na sua criação, no abate, no seu emprego nos circos, na experimentação, nas actividades desportivas, na companhia ao Homem. Inclusive o espancamento, de simples contravenção, tornou-se delito penal. Actualmente, os animais foram promovidos à série «A» da consideração jurídica: forças da ordem e da magistratura têm na lei um instrumento eficaz de repressão.

Foi dito

«Julga-se comumente que os seres humanos sejam superiores aos outros animais por aspectos como a racionalidade, a autoconsciência, a capacidade de comunicar com os outros, o sentido da justiça, etc.: mas as crianças e os adultos acometidos por graves disfunções intelectuais estão abaixo de muitos animais não humanos em algumas provas de habilidade em que se propussem estabelecer a superioridade do Homem sobre os animais. E no entanto estes seres humanos menos capazes são certamente “fim a si mesmos”; e não seria lícito submetê-los ao mesmo género de experimentação que, ao invés, reservamos aos animais.»

P. SINGER, *Animais e pesquisa científica*, 1998, p. 123.

A instância de uma nova moralidade

Tudo isto nasce de uma nova sensibilidade perante os animais, caracterizada às vezes por sólidas bases culturais, de pensamento e de religião; outras vezes, porém, por um sentimento zoófilo radicalizado. A atenção à temática animalista, longe de ficar limitada a poucos círculos de estudiosos ou a zoófilos puros, foi-se progressivamente estendendo ao público mais amplo, com modificações relevantes no plano dos costumes e da ética social, auxiliada, é preciso acrescentar, por um forte crescimento da sensibilidade pelos problemas ecológicos e ambientais. O conhecimento aproximado da riqueza e da complexidade presentes na vida animal, mesmo nos seres elementares, revelou a insustentabilidade de toda a assimilação dos animais a objectos, a meros *automatismos*, causando sérias dúvidas acerca da aceitabilidade de qualquer tratamento que os reduz a coisas e obscureça a realidade de **criaturas sensíveis**, dotadas de sensibilidade.

Isto concorreu para desenvolver um fenómeno alargado de tomada de consciência acerca dos problemas dos animais, dos seus sofrimentos, do seu destino, baseado na necessidade de uma revisão das atitudes tradicionais de alheamento emotivo a seu respeito. A instância de uma nova moralidade que, ultrapassando o clássico centralismo do Homem, se ocupe dos relacionamentos que o Homem deve ter com o amplo ambiente do não humano, liga-se também à tomada de consciência que a sobrevivência da nossa espécie se pode associar *somente* à das outras. A grande lição da ecologia – foi dito – é que cada um está ligado a todos os outros.

Saúde dos animais e saúde humana

A sensibilidade pelos animais e o respeito pela sua natureza e os seus “direitos” cresce cada vez mais na sociedade. O Homem é cada vez mais “humano”

CRIATURAS SENSÍVEIS

É a capacidade de sentir prazer e dor, comum aos animais, humanos e não humanos. Alguns autores, a partir de Jeremy Bentham, identificam a faculdade de sentir como patamar de atenção moral em relação aos animais não humanos.

VEGETARIANISMO

É a prática de se abster de comer carne animal. As associações vegetarianas modernas definem-no como a prática de se abster de comer carne, peixe e aves, sem o acrescento de produtos à base de queijo e ovos. O vegetarianismo é a prática de se abster o mais possível de comer qualquer produto e subproduto do talho, incluindo os produtos derivados de tratamentos julgados exploradores no que diz respeito aos animais.

para com os animais, melhor, parece interpretar a sua mesma dignidade de Homem de como trata os animais e da sua capacidade de se relacionar com eles. Compreende-se, portanto, neste sentido, toda aquela série de normativas jurídicas colocadas a "limitar" o exercício da liberdade do Homem no que diz respeito aos animais: não à vivissecção, à experimentação selvagem de fármacos ou cosméticos; não ao abuso da caça; não ao abate nos matadouros com métodos dolorosos; não à utilização dos animais nos circos. Fica sempre cada vez mais claro na opinião pública que os animais não são somente "produtos" a massificar a qualquer custo, mas que têm um estatuto ético, que são capazes de sofrer e, portanto, merecem respeito da parte do Homem. O Homem vive num ambiente cuja saúde depende de factores ligados ao respeito do estatuto ético de cada ser vivo. Uma produção industrial de carnes meramente ligada ao proveito levou à origem da doença não só das "vacas loucas", mas ainda de outras doenças particularmente insidiosas para a própria sobrevivência do Homem, como o cancro: os oncologistas sublinham o aparecimento de doenças tumorais (para não falar das cardiovasculares ligadas ao colesterol da carne) estatisticamente próximas da industrialização do mercado das carnes. Não se quer falar da moralidade dos **vegetarianos**, mas antes chamar a atenção para a necessidade de uma reorganização dos relacionamentos morais com os animais e, por conseguinte, entre nós. A responsabilidade sobre o sofrimento e sobre a saúde dos animais reflecte-se de facto no nosso sofrimento e saúde. *Cuidar* da saúde dos animais traz consequências significativas quer para a saúde humana quer para a saúde social, no sentido de uma melhoria também das relações humanas. Um Homem mais atento ao bem-estar animal estará melhor de saúde e estará mais atento ao bem-estar e à saúde dos outros. A ética do cuidar leva a ser responsável pelo outro, pelo seu bem e o seu

Foi dito

«Os animais são criaturas de Deus. Deus envolve-os na Sua solicitude providencial. Pelo simples facto de existirem, eles bendizem-n'0 e dão-Lhe glória. Por isso, os homens devem estimá-los. É de lembrar com que delicadeza os santos, como São Francisco de Assis ou São Filipe de Néri, tratavam os animais. É contrário à dignidade humana fazer sofrer inutilmente os animais e dispor indiscriminadamente das suas vidas. É igualmente indigno gastar com eles somas que deveriam, prioritariamente, aliviar a miséria dos homens. Pode-se amar os animais, mas não se deveria desviar para eles o afecto devido às pessoas.»

Catecismo da Igreja Católica,
n.º 2416 e 2418.

Para debater em grupo

- ◆ O que pensas dos animais: são apenas "bestas" meramente dotadas de instinto ou têm um valor próprio?
- ◆ Em tua opinião tem sentido falar de "direitos dos animais"?
- ◆ Devemos respeitar os animais por aquilo que são ou pelas consequências negativas que os maus-tratos que sofrem têm também nas nossas relações?
- ◆ Serias capaz de te servir de um animal num programa "educativo" de saúde?
- ◆ Parece-te excessivo que o Homem possa ser preso por maltratar um animal?

bem-estar, e isto não apenas por um simples facto de mera convivência, mas na base de uma saúde e de uma dignidade ética que nos abrange a todos.

Curar com os animais

O animal, com a sua sensibilidade e a sua afeição, está cada vez mais no centro de práticas capazes de curar o Homem de muitas patologias e de o formar no sentido da lealdade, da solidariedade, do altruísmo, da fidelidade. Os animais são capazes de sensibilidades "formativas" e são por isso particularmente úteis na educação das crianças.

Em particular a *Pet Therapy* ("terapia animal", ou "terapia facilitada pelos animais") é uma nova prática terapêutica do vasto repertório médico ao serviço da saúde do Homem. A literatura especializada documenta a eficácia curativa, com a intervenção formativa dos animais sobre alguns parâmetros como a tensão arterial, os batimentos cardíacos, os níveis de colesterol no sangue, produzindo efeitos benéficos sobre o estado de saúde de muitas pessoas.

A eficácia verificada dos animais nos programas de terapia assistida tem tanta relevância clínica que requer uma avaliação para melhor se compreender o seu emprego e os seus limites. Por um lado, vários factores justificam a consideração de que goza a *Pet Therapy*: muitos pacientes adquirem vivacidade, alegria de viver, comunicabilidade; os presos descobrem sentimentos positivos e melhoram as relações sociais; as crianças afectadas por paralisia cerebral e por perturbações musculares espásticas tiram benefícios da hipoterapia. Assim também a presença, nas escolas para crianças deficientes, de animais como mascote; os efeitos positivos que derivam da simples presença de animais numa casa de repouso para idosos, cuja alegria evidente está documentada com gravações de vídeo; a relativa facilidade com a qual pessoas não especificamente

formadas podem realizar programas de visitas com animais. Por outro lado, não são referidos com a mesma atenção os insucessos, os problemas, a falta de eficácia ou de resposta.

Portanto, a delicadeza do âmbito da aplicação da *Pet Therapy* (deficientes, marginalizados, paráliticos, doentes crónicos) deve induzir a uma atenção particular e a um elevado sentido de responsabilidade os operadores do sector, que devem garantir maiores níveis de segurança e de tutela, quer em relação aos pacientes, quer em relação aos animais utilizados nos programas terapêuticos.



O ENCANTADOR DE CAVALOS (*The horse whisperer*)

Género: Dramático. Realização: Robert Redford.

Ano: 1998. Duração: 160 minutos.

ARGUMENTO: Um terrível acidente de que Grace Maclean, de 14 anos, foi vítima enquanto cavalgava *Pilgrim*, deixa na rapariga feridas profundas a nível físico e psíquico. Também o cavalo fica gravemente ferido e a veterinária aconselha que o abatem. Annie, a mãe de Grace, directora em Nova Iorque de uma revista importante, compreende que existe um forte relacionamento entre a rapariga e o cavalo, e, vencendo as resistências do marido Robert, decide que esse relacionamento se deve preservar e ser recuperado. Tendo vindo a conhecer o lugar onde se encontra Tom Booker, considerado o maior perito em cavalos, parte para Montana, levando consigo a filha e o próprio cavalo. Tom aceita o encargo e começa um paciente trabalho, destinado a recuperar tudo o que o acidente destruiu. É uma operação que se demonstra mais difícil do que fora previsto, e assim a estada prolonga-se: Annie é substituída na direcção da revista. Assim entre Tom e Annie acaba por surgir uma admiração e atracção recíprocas. Quando chega o momento da prova final, chega ao lugar também Robert. Os sacrifícios feitos obtêm o prémio esperado: Grace monta de novo *Pilgrim*, que a conduz docilmente. Robert, que intuiu a ligação que se estabelecera entre Annie e Tom, volta a partir, deixando a mulher sozinha consigo própria. Annie compreende que o seu lugar é junto do marido e da filha e deixa Montana para regressar a Nova Iorque.

AVALIAÇÃO PASTORAL: O filme, extraído do romance homónimo de Nicholas Evans, apresenta-se como uma espécie de percurso entre as dificuldades que insidiam a harmonia quotidiana e as fadigas a enfrentar para não quebrar essa harmonia, mas antes quer recuperá-la e torná-la mais forte que antes. Annie, a protagonista, vê a pouco e pouco esbaterem-se os seus pontos de referência: a filha, o trabalho, o marido, todos os elementos que preenchem e enriquecem a vida. A transferência para os espaços puros do campo e o conhecimento de um homem diferente dos da grande cidade irão provocar-lhe dispersão e dilemas, no fundo dos quais, porém, o seu desejo de recuperação do equilíbrio inicial será mais forte e convicto. Filme muito espectacular, cuja duração encontra justificação na necessidade de dar tempo para chegar à solução das várias crises. A mensagem positiva que dele sai é clara e nítida, bem narrada por uma realização convicta e confiada a diálogos e interpretações adequados. Do ponto de vista pastoral, o filme é recomendável e apropriado para debates.

27

Como deveria ser o nosso médico? Identidade do médico na sociedade de hoje



- A profissão do médico não é apenas uma profissão, mas é também uma vocação e uma missão.
- O médico tem um "chamamento" do qual não pode separar a sua vida pessoal.
- Um bom médico é um apaixonado pelo Homem, é *para o Homem*, age ao serviço do Homem.
- O processo terapêutico é por sua natureza essencialmente "interpessoal", ligado à relação médico-paciente.
- Um bom médico estima a vida que está nele e nos seus pacientes, conserva-a e promove-a.

O verdadeiro médico é um ser humano distinto

Como deveria ser um *verdadeiro* médico? Quais deveriam ser os valores imprescindíveis do seu profissionalismo, da sua personalidade e do seu carácter? É difícil dizê-lo. Os pacientes hoje esperam muito, poucos estão contentes com o seu médico. As pessoas hoje não se contentam, não lhes basta um médico tecnicamente bem preparado. O desejo do paciente é encontrar um verdadeiro médico, alguém que não só compreenda a sua doença, mas que sobretudo "o" compreenda, compreenda os seus medos, a sua angústia interior, o seu drama, as perguntas humanas que emergem da doença.

O médico, já a partir da escola grega de Cós (460 a. C.), é um homem *distinto*, cuidadoso na pessoa, nobre no trato e no comportamento. Não se trata de mero cuidado exterior, nem muito menos de orgulho. O médico não deve ser afectado, mas deve criar um "estilo pessoal", modalidades com as quais exprime o ser que vive na sua pessoa, os valores a

SEGREDO PROFISSIONAL

É a obrigação de guardar segredo de tudo o que foi confiado a um profissional ou lhe foi dado conhecer por razões ligadas à sua profissão. Diz o juramento de Hipócrates: «Tudo aquilo que durante a cura e mesmo fora dela eu terei visto e terei escutado acerca da vida comum das pessoas e que não deverá ser divulgado, disso guardarei segredo como coisa sagrada.»

SITUAÇÃO INFAUSTA

É a situação geral de saúde de um paciente que deixa perceber a impossibilidade de cura; uma condição clínica que deixa adivinhar a proximidade da morte.

que está ligado, o que quer comunicar e doar ao próximo. O médico é distinto porque distintos são os seus caminhos, os seus pensamentos, a sua paixão pela vida. Não é distinto porque pertence a uma classe ou a um clube de senhores (o que até seria algo a desejar), mas porque precisamente na sua pessoa distinguem-se os traços de nobreza humana e profissional. É distinto no seu comportamento, no seu falar, nos seus olhares, no seu aspecto pessoal.

Pessoa condigna, Homem de palavra

Um verdadeiro médico é uma pessoa *decorosa*, digna e discreta nas suas aparências. Veste com decoro e limpeza, não tanto porque gosta da elegância, mas porque é uma pessoa de relacionamentos particulares, que gosta de agradar aos seus pacientes, a quem representa com a sua pessoa distinta. Não dá mostras de vaidade, mas compraz-se da beleza que sabe reproduzir com os dons particulares da sua arte médica. O decoro da sua pessoa provém de como se apresenta, do que transparece da sua interioridade. Nisto é chamado a ser um hábil moderador da austeridade que se pode pedir a uma pessoa séria e regulada. Um decoro que provém igualmente do cuidado com a higiene pessoal e do perfume que emana a sua pessoa, o perfume de fragrâncias não só de produtos de higiene, mas das fragrâncias naturais e morais.

O médico é o Homem de *palavra*, com a qual contacta com as pessoas. A sua palavra tem uma forte eficácia curativa, porque sabe aproveitar-se dos recursos do paciente. É uma palavra que motiva e infunde coragem no processo terapêutico, que alivia na dor, que liberta do temor. A palavra do médico, quando unida à sua pessoa e às suas competências, é uma palavra que “liberta”. Por conseguinte, não é um tagarela, mas é moderado e digno na linguagem, jamais é lascivo, mas sim simpático, divertido e pronto para a piada. Com os pacientes não é re-

Foi dito

«O médico é parte integrante das vicissitudes humanas na História universal, e é precisamente por isso que o médico será sempre um desconhecido, no sentido de que jamais aparecerá na sua autêntica posição na sociedade. A pesquisa e o estudo mais sério do Homem médico dificilmente poderão levar ao pleno conhecimento da sua dignidade, do seu prestígio, do seu poder sobre a vida alheia, da sacralidade da sua profissão, da sua inadiável necessidade: o Homem médico é ainda um desconhecido, porque entre as maiores e mais belas realidades criadas por Deus, traz consigo o sinal misterioso da colaboração com o próprio Criador na conservação da vida no mundo.»

CARDEAL F. ANGELINO, *Il medico: un uomo per tutti*, 1972, p. 10.

buscado na linguagem, e sabe explicar-se, mesmo quando tem de comunicar notícias menos agradáveis. Ao dar esperança, a sua palavra ilumina. Sabe manter a sua palavra, porque ele é a sua palavra. Sabe também calar, sobretudo quando o silêncio fala com eloquência; sabe calar enquanto guarda o segredo profissional.

Virtuoso, honesto e justo

O médico ideal é *virtuoso* na ética. Não é um indivíduo amorfo, mas tem valores que animam a sua vida. Sabe exprimi-los nas suas virtudes, isto é, na sua personalidade ética amável e generosa, respeitosa e delicada. É serviçal, mas sabe exprimi-lo na peculiaridade do seu modo de ser aristocrático. É aristocrático sobretudo na ética: conhece os valores não só intelectualmente, para ele não existem só conceitos e princípios, conhece-os por dentro porque todos os dias se coloca na sua escola, experimentando que é sempre discípulo e nunca mestre desses valores. Sabe ser generoso, conhece o sacrifício, luta pela salvação de uma vida. Sem se render, sabe transformar o insucesso de uma **situação infausta** em cura da qualidade da vida.

Um médico autêntico é uma pessoa *honesta*. A honestidade não está somente nas coisas que pesquisa, mas naquilo que vive. É um atributo da sua personalidade, antes ainda que um modo de se relacionar com os pacientes e com as outras pessoas. É uma pessoa de bem e recta. É recto particularmente nas intenções e nas acções, não instrumentaliza porque é íntegro e incorruptível. Não tem segundos fins, mas age exclusivamente no interesse do bem do paciente. Pela sua honestidade, respeita as leis e fá-las respeitar aos seus dependentes, sabe interpretá-las inteligentemente ao serviço das pessoas e do cuidado da sua saúde.

Para debater em grupo

- ◆ Que tipo de pessoa deveria ser hoje o médico para ser um “bom médico”?
- ◆ Parece-te verdade que o médico hoje está demasiado condicionado pela privatização da saúde?
- ◆ Um verdadeiro médico não é nem laico nem religioso. O que pensas disto?
- ◆ Porque é que cresce nos dias de hoje o cepticismo acerca dos médicos?

O médico ideal é uma pessoa *justa*. Não somente porque respeita as normas deontológicas e profissionais, mas porque sabe dar com generosidade o que recebeu. Um bom médico procurará o bem e o que é justo mesmo quando acontece à sua custa e à custa de sacrifícios pessoais ou de interesses pessoais legítimos. Não se deixa enganar pela ambição desmesurada de dinheiro, porque a doença dos outros não é condição de um proveito discutível. O exercício profissional não é para ele um negócio. Um bom médico não se deixa envolver por uma mentalidade “proprietária”, como consequência de um exercício médico concebido como “venda de serviços”.

Uma pessoa socialmente comprometida

O médico ideal é uma pessoa *socialmente comprometida*. Um verdadeiro médico não se fecha no seu gabinete, mas é um Homem “público”, de elevado interesse social e político. A sua vocação de médico condu-lo a uma aliança que, pela sua natureza, não se pode encerrar somente na relação com o paciente; é uma aliança que abrange os familiares, a sociedade, a vida política. É um membro notável da sociedade pela sua cultura, pela sua ciência e pelo serviço que cumpre na vida pública. De facto, o médico não é só um clínico e um técnico, mas é um Homem que representa com particular dignidade a cidade (*polis*), é um indivíduo politicamente relevante, que se sabe comprometer pela causa pública.

No respeito desta sua dimensão pública, sabe também participar na política e empenhar-se pela transformação dos valores, pela tutela da saúde e da vida. Conhece o dinamismo do tecido humano e trabalha no tecido social para o tornar mais são e robusto. Se se deixa embrenhar na actividade política, fá-lo-á para “curar” o corpo social. Por isso, também no compromisso político, um verdadeiro médico levará consigo o paradigma da cura, com as dinâmicas e os valores que o caracterizam.

TEODRAMA

É o drama da vida do Homem, em que Deus é envolvido na primeira pessoa. As personagens do drama do sofrimento humano são chamadas a representar o drama do sofrimento do Filho de Deus.

Dá atenção à preparação e à actualização

Um bom médico dá atenção à sua *preparação e actualização*. Não nasce “preparado” e sabe que só a experiência clínica não é suficiente para a sua profissão. A sua mente está sempre “aberta”. Deseja conhecer, porque traz nos seus pensamentos e no seu coração os desejos dos pacientes; não um mero desejo de erudição, mas um desejo que traz consigo o pedido e a esperança dos pacientes. Sente a “necessidade” de conhecer, não só para estar a par dos tempos, mas porque o sente como uma exigência fundamental da sua vida; quer conhecer pela “sua” necessidade de conhecer, pela sua relação pessoal com a natureza e com a vida.

Por vezes esta necessidade de conhecer torna-se necessidade de verdade, necessidade de se confrontar com os valores fundamentais que emergem no drama do seu quadro clínico; uma necessidade de conhecer que tem dinâmicas transcendentais, que brotam do profundo da sua sede de verdade e do seu **teodrama** pessoal. Por isso, sabe “viajar”, não a viagem dos congressos (sempre necessários e imprescindíveis), mas a viagem que acontece “dentro” dele e que o impele a estar sempre a caminho, sempre em atitude de procura. Um verdadeiro médico é sempre estudante, sempre em “formação”, não para ganhar os pontos requeridos pelas leis que exigem a sua actualização profissional, mas por essa necessidade interior de conhecer. Assim, participa nos congressos para alcançar sobretudo esse objectivo primário e, em segundo lugar, para encontrar novos colegas que possam ser amigos úteis para o seu progresso na carreira. Um verdadeiro médico, sempre aberto à actualização, sabe reconhecer as competências dos colegas e valoriza-as.

Nem laico nem religioso

Um bom médico não é *laico* (secular), nem *religioso*. Muitos, hoje, sustentam que por princípio o médico deve ser substancialmente “laico”. Mas um bom médico não é, por sua natureza, nem laico nem confessional-religioso: é a pessoa que é, com as suas crenças e as suas dúvidas, com a sua fé – se a tem – ou com a sua indiferença. Pode ser um crente devoto ou um ateu. Certamente, o médico, no exercício da sua profissão, traz consigo a sua vida e não a deixa em casa. Pelo contrário, não se pode negar que a actividade clínica está fortemente marcada – a nível da motivação pessoal – pelas suas convicções pessoais, ideológicas e religiosas. Mas, a nível da acção clínica, a profissão médica exige honestidade e liberdade interior, para exercer o ministério no respeito das convicções religiosas próprias, dos seus pacientes e dos próprios colegas. Um bom médico não faz proselitismo nem é teofóbico. Aceita a religião como realidade de facto e tolera-lhe a liberdade de expressão. Um médico intolerante perante a religião demonstra que não é um médico democrático. Na sociedade existe a religião, no sentido de que existem pessoas que acreditam, e por isso aceitam a presença dela, mesmo quando o seu exercício profissional exigir dos pacientes o respeito pelas suas ideias, e não se prestará para colaborar em práticas que são contrárias às suas crenças. Um bom médico não é chamado a renunciar às suas convicções éticas ou religiosas, mas procura dia após dia ser um Homem inteiramente livre.

Um bom médico, porém, faz da sua profissão uma vocação quase religiosa e missionária. Um médico aberto a todos, que se sacrifica pelos outros e pela saúde pública, que entra na casa e na vida de todos, um médico que cura cada Homem e em todas as situações, um médico disponível vinte e quatro horas por dia, porque a sua missão não é uma sim-

ples profissão, mas uma vida. O médico possui uma *religio*, prescindindo do facto de ser crente ou não crente: um compromisso “sagrado” para realizar, na sua profissionalidade, fraternidade e justiça, porque o médico é o que cura todo o Homem, seja rico seja pobre, seja qual for a sua classe social ou sexo. Vê os seres humanos como pessoas, marcadas pela qualidade preciosa da dignidade, e isso constitui a base de uma empatia médica permanente. Sente-se sempre impelido para as urgências do exercício clínico. As urgências dos pacientes impelem-no, melhor, conduzem-no pelos caminhos que poderiam pôr em risco a sua própria vida.

O médico, quase como um sacerdote, é o Homem de todos, pronto a receber e guardar as confidências dos pacientes. É o Homem do conhecimento do íntimo, dos segredos, da história mais pessoal. É o aliado sempre fiel, que não pode atraiçoar, que não tem interesses pessoais que se possam antepor aos dos pacientes. É o Homem do auxílio, sempre disponível, mesmo de noite, para assistir os pacientes. É o Homem da compaixão, que sofre com o sofrimento alheio e põe ao serviço dos outros todas as suas competências para curar, ou pelo menos para aliviar a dor. É um Homem que merece todo o respeito, porque é modelo, na sua pessoa, daquilo que o sagrado é verdadeiramente.



PATCH ADAMS

Gênero: Comédia. Realização: Tom Shadyac.
Ano: 1999. Duração: 115 minutos.

ARGUMENTO: Em 1969, Hunter Patch Adams está internado no Fairfax Psychiatric Hospital por causa do seu temperamento instável e imprevisível. Quando julga que já não pode mais ficar ali, sai assumindo as suas responsabilidades. Dois anos depois, como estudante, frequenta a Faculdade de Medicina na Universidade da Virgínia. Rapidamente dá nas vistas pelo seu comportamento extrovertido e directo: participa num congresso de cirurgiões inábeis e é tido como um deles. Organiza um acolhimento de gosto duvidoso a um grupo de ginecologistas de visita à faculdade, insiste em visitar os doentes antes do terceiro ano previsto pelo plano de estudos. Expulso pelo reitor da faculdade e readmitido pelo presidente, lança a ideia de fundar um "hospital da alegria" completamente gratuito: envolve na tarefa alguns companheiros de curso, Truman e, sobretudo, Carin, de quem se enamora. Num velho edifício isolado nasce o hospital, que imediatamente recebe muitos pacientes. Um dia chega Larry, que se dá a conhecer, mas que depois se afasta e, entretanto, pede auxílio através do telefone. Carin vai a casa de Larry. No dia seguinte, o presidente manda chamar Patch: Carin fora morta por Larry. Esmagado pela dor, Patch está para deixar tudo, mas volta a ganhar confiança. Volta para faculdade e é de novo expulso pelo seu comportamento. Desta vez, deve enfrentar o juízo da Comissão Médica: pronuncia uma defesa apaixonada do seu modo de entender a profissão médica e a Comissão absolve-o. Finalmente chega o dia da entrega dos diplomas de licenciatura. Patch recebe o dele com o traje tradicional dos que se vão doutorar. Mas por debaixo dele está todo nu.

AVALIAÇÃO PASTORAL: O protagonista é uma personagem autêntica: Patch Adams é um médico que vive na realidade os acontecimentos referidos pela narração. A cenografia simplifica e concentra nos anos da universidade acontecimentos que na realidade se passaram no espaço de pouco mais de um decénio. Mas a substância da história não muda: Patch fundou de facto o Gesundheit Institute e escreveu um livro, que representou o ponto de partida irrenunciável para a sua realização. *Patch Adams* é um daqueles filmes com os quais, no plano ideal e de princípio, é preciso estar de acordo. O doente é, antes de mais, ainda e sempre, uma pessoa, e a relação com ele não se pode limitar a uma árida lista de diagnósticos, cuidados, medicamentos; o médico deve também levar alegria, confiança, transmitir humanidade. A batalha de Patch, portanto, é para ser partilhada, e foi confiada à costurada candura e força de convicção de Robin Williams. O filme apaixona, mas a narração ressent-se de um andamento habitual e previsível; os problemas iniciais, os obstáculos colocados pela medicina oficial, as dúvidas, o confronto (também aqui) entre acusação e defesa, o triunfo final com grande aplauso. Nada de verdadeiramente novo, e, para acrescentar algum desequilíbrio, aquele final que tem o sabor de filme de loucos, quase esquecendo a morte violenta da rapariga. Tudo enquadrado no espectáculo à americana. Do ponto de vista pastoral, o filme coloca em primeiro plano os valores de algum modo positivos, que o tornam aceitável, no contexto de um desenvolvimento substancialmente simples.

28

A gestão empresarial da saúde. A saúde humana num clima de “mercado”

DIREITO HUMANO

Direito inviolável que promana da dignidade da pessoa humana e que exige o reconhecimento da comunidade, sobretudo nas situações infelizes ou de precariedade.

O Homem tem direito aos cuidados de saúde

O direito aos cuidados de saúde é um direito “fontal”, na base de outros direitos sucessivos, porque coincide com o direito da pessoa a tutelar e preservar a sua vida. É um direito “fontal” porque nasce da própria fonte da pessoa humana, da sua dignidade, do valor intangível da sua vida. Não se trata de um simples “conceito”, de uma ideia que se refere a uma doutrina ou a um *corpus* de ideias. O direito à saúde é um “**direito humano**”, porque coincide com a pessoa enquanto tal e com o valor da sua vida. A saúde apresenta-se como um dom ligado à vida, antes, manifesta-se como uma propriedade natural e espontânea da vida. A saúde é, por isso, património da pessoa, da sua identidade, da sua natureza. O “direito à saúde” tem, portanto, um núcleo ético fundamental: é um direito ligado ao valor intrínseco da vida humana, valor que contemporaneamente se apresenta como dom recebido e como tarefa a realizar com o nosso planeamento.



- O direito à saúde é um direito “fontal”, na base de outros direitos sucessivos, porque nasce da própria fonte da pessoa humana, da sua dignidade, do valor intangível da sua vida.
- Enquanto “direito humano”, o direito à saúde vem *antes* de qualquer outro valor económico.
- As pessoas deficientes, os pobres, as pessoas com doenças crónicas têm

direito a que não lhes sejam negadas as terapias de que precisam.

- A gestão empresarial da saúde não está em contraste com a medicina que respeita o Homem: tudo depende de uma atitude "solidária".

Foi dito

«Não existe injustiça ao não assegurar os níveis essenciais de prestação sanitária nem sequer àqueles que nascem com patologias congénitas (e, portanto, sem culpa própria), porque no caso de alguém nascer são ou doente depende somente de uma espécie de "lotaria natural", mas não há injustiça da parte do Estado. Estes indivíduos são somente infelizes, em desvantagem pela natureza, mas por si mesmos não merecem nenhuma tutela de base da parte da comunidade social. Não existem, portanto, obrigações de solidariedade moral para com estes indivíduos da parte do Estado (as condições de partida dos indivíduos deficientes seriam eticamente "neutras"), mas só da parte de organizações caritativas.»

H. T. ENGERHARDT JR., *Manuale di bioetica*, 2000.

Indica que a saúde é essencialmente um valor ético e só depois se pode considerar também como estado de bem-estar físico, mental e social.

A saúde do Homem não é uma "mercadoria"

Porquanto os recursos sanitários são custosos e limitados, é inevitável a racionalização das despesas com os cuidados de saúde. Está muito espalhada a ideia entre os administradores da saúde de que os cuidados com a saúde deveriam ser considerados como qualquer outro "produto comercial", cujos custos, preços, disponibilidade e distribuição deveriam reger-se pelo sistema do livre mercado, com ligeiras intervenções por parte do Estado. Através do mecanismo comum da competição dever-se-ia obter um "produto de qualidade", já que as empresas competiriam pela qualidade, preço e satisfação dos consumidores. Do ponto de vista deles, consumidores e clientes seriam livres de escolher entre empresas, seleccionando a "melhor compra", com base nas suas necessidades pessoais. Deste modo, os custos deveriam diminuir, a qualidade manter-se num bom nível ou mesmo melhorar. As leis da competição reduziriam os erros, prejuízos e maus cuidados de saúde, para vantagem de todos.

Sendo o direito à saúde um direito "fontal", não pode ser reduzido a mercadoria, mas tem precisas conotações humanas que em todo o caso não aceitam a colocação desses direitos entre os direitos de um mercado totalmente livre (sem limites). Enquanto "direito humano", o direito à saúde está *primeiro* do que qualquer outro direito económico, e exige a intervenção de tutela da parte do Estado. É um pouco como sucede com outros direitos humanos (pelo contrário, está primeiro que os outros): o direito à indisponibilidade do valor da própria vida, o direito à liberdade de pensamento, a não se ser discriminado pela raça, o direito à liberdade religiosa... As modalidades de gestão e de

Foi dito

«É difícil encontrar situações em que os mercados tenham em geral melhorado os cuidados de saúde [...]. Não há uma evidência internacional decisiva de que por um caminho ou por outro o mercado seja um meio efectivo de controlo dos custos.»

D. CALLAHAN, *Medicine and the market*, 1999, p. 231.

Para debater em grupo

- ◆ A saúde é um valor ético colectivo para o qual todos contribuímos com os nossos impostos, ou um bem pessoal que cada qual organiza no mercado livre?
- ◆ Quem está doente ou é deficiente e não pode trabalhar, tem direito aos cuidados de saúde?
- ◆ A saúde humana é uma "mercadoria" entre outras, ou é um bem de que nos sentimos colectivamente responsáveis?
- ◆ Acreditas que a gestão comercial da saúde comporta relações despersonalizadas com os médicos, ou acaso são os médicos que estão a perder as dimensões "humanas"?

economia sanitária podem discutir-se, mas não a nível "essencial". Que seria das pessoas deficientes, daquelas que nascem com patologias congénitas, dos doentes crónicos e de outras pessoas que não se podem inserir – precisamente pelas condições físicas de deficiência em que se encontram – no sistema que se financia com o dinheiro e o trabalho? O bem comum é mais do que um bem económico, e é por isso que o Estado é chamado a promover a justiça em bens como o cuidado da saúde; não com a simples justiça distributiva, mas comunitária, essa justiça que brota da solidariedade ontológica que irmana todos os membros da comunidade política. Por essa mesma razão, o Estado intervém noutros campos como a segurança, a educação e o ambiente.

O lado positivo da privatização da saúde

A industrialização e o mercado da saúde não são necessariamente antagonistas da boa prática da medicina, daquela medicina centrada nas necessidades reais do paciente, atenta às relações com o doente e com os familiares. O modelo de mercado no campo da saúde pode ajudar a melhorar significativamente não só a gestão dos recursos sanitários, mas também as próprias relações humanas, se estas estão inseridas no modelo como centrais e não tangenciais, como fundamentais no tipo de medicina que se quer dispensar e não relativas a um proveito a todo o custo. O modelo de mercado não é por si mesmo um modelo antitético à "boa" medicina, é necessário somente que seja projectado como "bom" mercado, mercado solidário, compassivo, atento às pessoas.

Muito – ou tudo – depende depois do médico, que não pode aceitar uma economia de mercado na saúde onde os pacientes se encontram na infelicidade, quer pela doença que os aflige quer pelo custo exorbitante dos cuidados de saúde. Não se pode falar de medicina boa ou de boa prática clínica quando o

médico se torna praticamente um explorador que, sob a máscara do prestígio da profissão médica, estabelece uma tarifa pelas suas prestações, que simplesmente pode ser definida como uma sangria para o paciente. Não é aceitável uma gestão de mercado da medicina em que o médico se torna o cúmplice maior dos empresários da saúde, quando existe uma situação de exploração dos pacientes.

O médico é um Homem entre homens, Homem de coração, e portanto capaz de experimentar a compaixão humana pelas aflições dos outros homens, e por isso coloca em primeiro lugar o paciente e em segundo lugar a economia.



JOHN Q.

Género: Dramático. **Realização:** Nick Cassavetes.

Ano: 2002. **Duração:** 118 minutos.

ARGUMENTO: Tendo-lhe a firma reduzido o horário e o vencimento, John Quincy anda à procura de um novo emprego. A situação económica da família (a esposa Denise, o filho pequeno Mike) começa a tornar-se precária. Durante um jogo de basebol, Mike sente-se mal. Levado ao hospital, descobrem-lhe uma grave malformação do coração. A única solução possível é um transplante, uma operação muito cara que o seguro de saúde cobre apenas uma pequena parte. John e a esposa vendem alguns objectos, fazem peditórios, recuperam algum dinheiro, mas ainda é insuficiente. De nada valem as explicações, e a direcção do hospital decide dar alta ao pequeno Mike. Perante a situação desesperada, John Quincy pega numa pistola, ameaça um médico e fecha-se nas urgências, obrigando à mesma situação também os pacientes e outros médicos presentes. John dá a saber ao tenente Frank, chegado com a polícia, que só acabará com o protesto quando o filho Mike for incluído na lista de espera dos transplantes de órgãos. Enquanto o chefe da polícia procura fazê-lo sair para que seja ferido por um atirador, John Quincy compreende o plano, fere o polícia, sai do hospital e ordena ao doutor Turner que transplante o seu coração para o peito do filho. Sendo-lhe negado, John Quincy ameaça suicidar-se. O doutor então prepara-se e, enquanto John Quincy está para se suicidar chega a notícia de que Mike foi inserido na lista por Rebecca, a directora do hospital. John Quincy então rende-se. Preso e processado, é reconhecido como culpado e condenado a três anos de prisão.

AVALIAÇÃO PASTORAL: O argumento é, naturalmente, importante e actual. A narrativa coloca em campo todos os aspectos do problema entendido como central: desde os primários e mais evidentes (o sistema de saúde condicionado pelo sistema administrativo; a medida da vida confiada ao dinheiro; o sacrifício pelo filho) até aos secundários (os modos de proceder da polícia; a presença da televisão e dos meios de comunicação, que ampliam a acção no bem e no mal). Um amplo leque de temas, todos sérios, que a narração faz avançar com equilíbrio e interesse crescente, falando também das difíceis condições de uma família operária: a pobreza, a amargura, as pequenas alegrias quotidianas. Um produto impecável sob o ponto de vista comercial e, todavia, em condições de lançar sinais precisos de denúncia e de abrangência. Do ponto de vista pastoral, o filme pode classificar-se como aceitável, e substancialmente simples no seu desenvolvimento.

29

A ética do desporto e do doping



- O desporto é uma realidade valorativa muito positiva do Homem: fonte de saúde, de amizades, de confrontos leais e sinceros.
- Recentemente assumiu conotações comerciais e mediáticas negativas.
- Pelo seu valor social, o desporto educa para o confronto com o outro.
- O desporto deve ser promoção de uma sã educação e cultura da corporeidade, no justo respeito da pessoa.
- A exasperação do espírito de competição e a abdicação da dimensão lúdica levam o desporto a ser imagem não já da vida mas da guerra.

O desporto hoje

Dimensão transversal que não olha a diferenças de idade e de classe social, o desporto polariza o interesse e faz surgir a paixão dos jovens e dos adultos, dos letrados e dos ignorantes, de quem tem uma boa educação e de quem não a tem. O desporto é uma esplêndida realidade dos valores do Homem, que nos últimos tempos assumiu conotações comerciais e mediáticas sem precedentes. Hoje apresenta-se como um fenómeno complexo, contraditório em muitos dos seus aspectos e diversificado nas suas manifestações. Com a chegada de uma cultura da imagem cada vez mais exacerbada pelos meios de comunicação social e pelos interesses económicos, o desporto é sobrecarregado por interesses e expectativas notáveis.

O desporto pode e deve, pelo contrário, tornar-se real promotor de uma sã educação e cultura do corpo, quando no justo respeito pela pessoa e na procura da sua saúde, desenvolve, potencia, fortalece o corpo; quando pela sua forte importância social

Foi dito

«Nos últimos anos, no nosso país, o recurso a certas substâncias no desporto registou um verdadeiro boom. O desporto é vítima de uma atitude errada que junta desportistas, adultos e jovens, mas também a nós médicos.»

F. TANCREDI, Entrevista ao *L'Eco di Bergamo*, 1 de Dezembro de 2002.

o educa no confronto com o próximo, à procura dos seus limites, ao correcto uso dos instrumentos colocados à sua disposição; quando de factor discriminatório se torna lugar de relação no respeito de regras e tempos.

A actividade física

Toda a prática desportiva, embora com intensidade diversa, comporta uma certa actividade física. Este exercício tende a reforçar e potenciar o corpo em vista do resultado desportivo que se quer alcançar. Esta dimensão, embora dizendo respeito sobretudo ao corpo humano, tem repercussões em todas as dimensões do Homem. Já os romanos tinham intuito isto sintetizando-o na famosa frase *mens sana in corpore sano*. Praticar desporto, movimentar-se para estar em forma, está a tornar-se um dos imperativos da nova cultura. Meios de comunicação social, economia, medicina e novas filosofias incentivam, embora com motivações diversas, as actividades físicas. Hoje, mais do que no passado, muitos médicos, educadores e psicólogos aconselham o movimento e uma certa actividade desportiva em todas as idades. O movimento ajuda, para além de determinada meta desportiva, a tonificar o corpo, a relaxar e a descarregar o stresse, a prevenir o aparecimento de problemas físicos como os cardiocirculatórios, a obesidade, a esclerose, para fortificar a vontade, para manter uma certa flexibilidade e domínio dos membros, para fazer crescer uma personalidade harmoniosa.

Além destes aspectos, não se pode esquecer também a dimensão *ecológica* ligada à actividade física que muitos desportos comportam; de facto, uma actividade física sã e correcta ajuda a entrar em “relação” com o ambiente em que o desporto se pratica; ajuda a dominar o corpo e o espaço em tempos em que, tanto no trabalho como na vida, tudo isso

COMPETIÇÃO

Concorrer, como numa competição, com a finalidade de alcançar um resultado leal de vantagem. A competição nasce da hipótese do sucesso e da vontade de atingir resultados melhores do que os outros num determinado campo.

se torna cada vez mais relativo em prejuízo de uma vida sedentária e marcada por “relações virtuais”, fechadas entre paredes e aposentos cada vez mais estreitos e fornecidos de tudo.

O desporto de competição

A competição, precisamente porque *agone* (luta), alargada a qualquer nível desportivo, é entendida como empenho, esforço empregado para alcançar metas precisas e, frequentemente, conseguidas com um treino sistemático. O desejo de vencer, de conseguir certos resultados é uma parte irrenunciável da prática desportiva. A exasperação da competição e a abdicação da dimensão lúdica levam o desporto a ser imagem não já da vida mas da guerra. Quando alguém joga, fá-lo com outrem, não contra ele, numa **competição** leal e serena.

O problema surge quando a ânsia do resultado e da vitória se torna a principal e obsessiva preocupação de quem pratica desporto. Quando enormes interesses mediáticos e económicos surgem no desporto, instrumentalizando-o e fazendo-o ceder a tais lógicas, a procura do resultado torna-se o alvo a alcançar para serem considerados por eles. À ânsia do resultado vem juntar-se a dimensão do risco que a competição comporta por si mesma. Quanto mais sobe o nível competitivo de uma prova, tanto mais os riscos aumentam. São recentes as discussões e polémicas que se seguiram a alguns episódios tristes em alguns desportos, como a Fórmula 1, o boxe e os chamados desportos radicais. Lembremo-nos, porém, de que quanto mais um desporto é “radical” e mediaticamente visível, mais são calculados e controlados os riscos; pelo contrário, quanto menos popular e patrocinado pelos meios de comunicação, menos dinheiro e precauções são procurados e investidos na prevenção desses riscos.

Para debater em grupo

- ◆ O que pensas do actual envolvimento comercial e mediático do desporto?
- ◆ Médicos, educadores e psicólogos aconselham movimento e desporto. Costumas fazê-lo? Se não, porque não o fazes?
- ◆ Desportos como o boxe e os chamados desportos radicais são arriscados. Parecem-te eticamente aceitáveis?
- ◆ O doping é considerado uma traição à natureza do desporto. Estás de acordo?

A ética do doping

Com o termo doping, que vem do inglês *to dope*, e que significa tomar estupefacientes, costuma-se indicar o uso de substâncias especiais com a finalidade de melhorar a prestação atlética ou aumentar a resistência à fadiga numa competição desportiva.

Os aspectos éticos do fenómeno podem ser subdivididos em quatro pontos: a) porque *é arriscado para a saúde*: o risco aparece notavelmente desproporcional em relação a eventuais benefícios físicos, enquanto aquilo que se deseja alcançar não é a saúde mas sim um sucesso desleal; b) porque *cria homologação*: os outros atletas seriam constrangidos também ao doping para obterem os mesmos resultados na competição; c) porque *é inatural*: o uso dessas substâncias para conseguir o sucesso iria contra a natureza do desporto, o qual visa obter um bom resultado através de uma preparação constante e o desenvolvimento de capacidades pessoais; d) porque *é injusto*: a injustiça é feita a quem não faz uso de estupefacientes. A utilização oculta de tais produtos para alcançar resultados coloca o atleta numa condição de vantagem desonesta e oculta sobre os outros atletas.


VITÓRIA A QUALQUER PREÇO (*Blue Chips*)

Género: Dramático. **Realização:** William Friedkin.

Ano: 1994. **Duração:** 105 minutos.

ARGUMENTO: Os Dolphins, prestigiada equipa de basquetebol da Western University, estão em crise. Não tendo jogadores fora de série, saem nas eliminatórias, e a direcção técnica decide contratar três atletas-estudantes de talento: Butch McRae, um negro de Chicago; Richy Roe, de raça branca, filho de um agricultor do Indiana; o gigante de cor Neon Bodeaux, de New Orleans. Butch quer que a família o siga e uma casa para a mãe; Ricky exige trinta mil dólares, e o seu pai um tractor novo. Por seu lado, Neon parece ter escassas probabilidades de passar nos testes para a admissão à universidade, mas na verdade o gigante, que o treinador confia aos cuidados da ex-mulher Jenny, professora, tem boas qualidades: está somente em polémica com a classe branca dominante e a sua cultura. Dividido entre a honestidade natural e a vontade de vencer e resgatar dois períodos desastrosos, Pete finge não saber quando Henry, presidente da associação dos ex-alunos, atende aos pedidos dos jogadores, e oferece um automóvel de luxo a Neon, o qual não tinha pedido nada. Pete mente a Jenny, com a qual tem um relacionamento de amizade e estima particulares, acerca da transacção, enquanto Ed, cronista especializado em descobrir escândalos, espera escrever um artigo exclusivo, também por uma acção vergonhosa de um desafio viciado dos Dolphins. A primeira saída, contra os campeões de Indiana, traduz-se numa vitória, embora sofrida. Mas Pete fica desgostoso: Jenny descobriu a vigarice e não lhe perdoa por lhe haver mentido; além disso Tony, um jogador que ele tirou do nada, confessou-lhe que viciara a partida em questão. Na conferência de imprensa, Pete, no meio da admiração geral e perante a ira de Happy, denuncia o escândalo e pede a demissão.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Desporto e transparência: duas qualidades que deveriam ser intrínsecas; e, pelo contrário, o complicado e convulsivo sistema do desporto enquanto espectáculo-negócio acabou por manchar todas as actividades desportivas. O basquetebol é, para os americanos, o desporto nacional entre os mais queridos, e Bell, interpretado com genica por Nick Nolte, gosta do seu desporto e dos seus jogadores de forma incondicional e honesta. Mas também gosta de ganhar; ver a sua equipa humilhada pelos atletas fora de série que as outras equipas podem contratar mediante sistemas ilícitos, agora comuns, leva-o a um momento de cedência logo resgatado por um impulso de orgulho com o qual o filme termina. É evidente que a história pessoal de Bell serve para justificar um acto de acusação contra o mecanismo que leva, nos Estados Unidos, atletas jovens mas ignorantes, a ganhar milhões jogando nas equipas universitárias, enquanto outros merecedores mas pobres, são relegados para estratos socioeconómicos inferiores às suas capacidades. Bell, além do mais, sempre exigiu dos seus jogadores empenho nos estudos, como o demonstra o caso de Tony, ao qual Jenny, quando ainda vivia com o marido, deu explicações para o manter preparado para os exames. E a propósito de Pete e Jenny, parece original e também realista este relacionamento de amizade afectuosa entre duas pessoas que evidentemente se amam e estimam ainda, mas que sabem, a não ser que um dos dois mude de ritmo de vida, que uma reaproximação, embora possível, não iria dar certo.

30

O bioterrorismo. Reflexões éticas sobre as armas biológicas e químicas

VARÍOLA

É uma grave doença aguda, de tipo altamente infeccioso, provocada pelo vírus Variola. As vacinações, iniciadas pela Organização Mundial da Saúde em 1967, erradicaram completamente em cerca de dez anos a doença, com a consequente suspensão da vacinação.



- Por detrás do bioterrorismo existem situações de injustiça a que se reage com acções terroristas desesperadas.
- A utilização de armas biológicas de destruição em massa viola quer os princípios humanos basilares quer os da própria guerra.

O bioterrorismo e as armas biológicas

O bioterrorismo é um atentado terrorista utilizando armas biológicas. As armas biológicas são meios que atacam o inimigo através da utilização de microorganismos, produtos biológicos tóxicos, vírus e bactérias capazes de produzir doença e morte. As armas biológicas utilizam germes ou microorganismos que podem causar doenças graves nos seres humanos, nos animais e nas plantas.

Desde a Antiguidade eram utilizados materiais biológicos tóxicos para atacar os inimigos, tais como infestar as águas de um poço com as carcaças de animais mortos e em estado de decomposição, como também lançar sobre as muralhas do inimigo corpos infectados e capazes de causar doença e morte. Por exemplo, durante as guerras francesas e índias, no século XVIII, as tropas britânicas provocaram a morte oferecendo cobertores infectados de vítimas de varíola aos indígenas americanos. Em 1984 foi utilizada a bactéria da salmonela em alguns restaurantes de uma cidade do Oregon. Em

- A dignidade da pessoa deve salvaguardar-se mesmo nas situações de emergência das epidemias bioterroristas.
- A privacidade das pessoas está sujeita a "limites" no caso de epidemias bioterroristas.
- Na vacinação anti-epidemia, o pessoal de saúde e as autoridades públicas têm um tratamento prioritário.

Foi dito

«O bioterrorismo é a manifestação dramaticamente evidente – e precisamente por isso deve ser por nós temida e condenada com todas as forças – do destino da nossa civilização na idade pós-moderna da globalização. Um aspecto disto é a perda das regras – mais a montante da racionalidade, do logos – a que também a guerra e a guerrilha se sujeitavam. A única regra do terrorista é a de não ter nenhuma, excepto a que o obriga a atacar. No caso do bioterrorismo, este desprezo das regras é ainda mais evidente. É particularmente inquietante que nele a vida – *bios* – seja utilizada para produzir a morte, e a que a ciência médica esteja disposta a servir-se dos seus conhecimentos para matar, em vez de curar. Igualmente é inquietante quando se atingem indiscriminadamente inocentes através do ar que respiram, dos alimentos e da água de que se nutrem, afastando-se, depois, sem correr riscos, para se esconderem na sombra.»

G. SAVAGNONE, *Relazione al Convegno sul Bioterrorismo della Scuola Superiore di Bioetica di Messina*, 7 de Maio de 2005.

1994 os militares do culto japonês Aum Shinrikyo utilizaram armas biológicas, como o antraz e o botulismo, e sucessivamente foi descoberto que tinham tentado adquirir o vírus mortal Ébola, através de caminhos escusos de um sítio Web africano onde a doença estava espalhada.

Armas químicas

São exactamente o que o seu nome indica: meios que utilizam substâncias químicas para infligir doenças e morte ao inimigo. Podem ser utilizadas em bombas, aviões capazes de espalhar as substâncias tóxicas, mísseis, etc. Os antigos gregos e romanos utilizavam o fumo e substâncias tóxicas químicas incendiárias contra as cidades inimigas, mas a primeira utilização considerável de substâncias químicas como arma efectuou-se durante a Primeira Guerra Mundial, quando em 1915 o exército alemão utilizou gás cloro contra as tropas francesas nos arredores da cidade de Ypres. Consta que durante a Primeira Guerra Mundial morreram cerca de 100 000 pessoas devido às substâncias químicas. O Egipto, nos anos 60 do século passado, utilizou armas químicas contra o Iémen, e o Iraque nos anos 80 contra os grupos dissidentes curdos. Muitos governos hoje estão atentos para que se reduzam as possibilidades de ataques terroristas, pelo que se redigiram convenções em 1925, em 1972 e a última em 1993 que ordenam que se destruam as reservas dessas armas.

Terrorismo agrícola

Não se podem esquecer os possíveis ataques contra as reservas agrícolas. O prejuízo das cultivações ou a doença das manadas não suscita tanto medo como o ataque a um centro comercial repleto de pessoas. Mas o sector agrícola das economias avançadas é bastante vulnerável. Ataques neste sector poderiam

PRIVACIDADE

Indica um âmbito reconhecido como próprio, e portanto privado ou íntimo, da pessoa e da sua espontânea sociabilidade, da qual estão excluídos terceiros ou a sociedade em geral.

colocar em sérias dificuldades a economia de uma nação e causar grave escassez de alimentos e carestias. Os terroristas poderiam encontrar a possibilidade de desenvolver agentes biológicos capazes de atacar os gados e as culturas em grande escala. Agentes biológicos contra os animais podem ser vírus altamente contagiosos e formas de pestes capazes de atacar velozmente enormes quantidades de gado. Além disso, é bom não esquecer outros agentes patogénicos capazes de infestar as plantas, que podem ser *fungos*, toxinas várias, *stem rust*, provocando a destruição das culturas de arroz, trigo e outros cereais importantes.

Ataques com antraz

O antraz é uma bactéria que, se não é tratada imediatamente, leva a uma infecção mortal. É uma arma que já foi utilizada com cariz terrorista, e atrai muitos terroristas pela facilidade com que se pode cultivar, a mortalidade mediante a inalação e a robustez dos seus esporos. Não é contagiosa e manifesta-se no Homem comumente como doença cutânea pelo contacto com a pele (90% dos casos). O período de incubação vai de um par de dias a seis semanas. Depois da contaminação, a lesão manifesta-se sob a forma de crosta negra (daqui a expressão "antraz" que em grego significa carvão). O Japão, os Estados Unidos, a ex-União Soviética e o Iraque são bem conhecidos por terem desenvolvido armas biológicas através da utilização do antraz. No Outono de 2001, nos Estados Unidos foram identificados 22 casos de antraz, dos quais 11 eram casos de inalação, os quais provocaram 5 mortes. O ataque terrorista foi realizado através do sistema de correspondência postal.

Para debater em grupo

- ◆ Porque é que se formam na sociedade situações que levam aos ataques bioterroristas?
- ◆ O ataque bioterrorista é um ataque proporcionado às situações de gravidade ligadas a injustiças sociais?
- ◆ É aceitável que o pessoal de saúde e as autoridades públicas tenham prioridade na vacinação anti-epidemia?
- ◆ Estarias disposto a colocar em discussão a tua privacidade para tutelar a saúde dos outros cidadãos que estão em perigo?

Saúde pública e respeito pelas pessoas

Em caso de ataque terrorista, existe o risco de colocar em discussão o respeito pelo paciente devido ao seu estado de necessidade para a saúde pública. O bem comum, no entanto, não pode ser alcançado fazendo violência directa à integridade e dignidade dos cidadãos, como por exemplo, matando-os para evitar que a doença infecciosa se difunda ainda mais. Ao mesmo tempo, os cidadãos devem estar prontos para o sacrifício de certas liberdades pessoais, rendendo-se às exigências do bem comum, que, em última análise, servirá para o próprio bem.

Há também o problema ético da obrigação de responder às autoridades de saúde, por exemplo no caso de doenças como a variola, a peste, etc., acerca das pessoas com as quais se está continuamente em contacto. E isto pode ser visto como uma invasão da **privacidade** das pessoas ou violação da confidencialidade, mesmo que diante do espectro da difusão de uma doença infecciosa gravíssima, a pessoa tenha o dever moral de revelar os nomes daqueles com os quais esteve recentemente em contacto, embora consciente de que isso poderá prejudicar essas pessoas com o seu isolamento da vida pública.

Os médicos e o pessoal de saúde têm o dever de proteger antes de mais a si mesmos com vacinas e outras formas de prevenção, com a finalidade de estarem disponíveis e poderem cuidar de toda a população infectada. O mesmo tratamento prioritário deve ser reservado à polícia e aos bombeiros, às altas autoridades responsáveis pela vida pública e outros funcionários públicos chamados a desempenhar um papel primário no auxílio dos cidadãos, incluindo aqueles que coordenam o fornecimento da água e da electricidade. Isto não significa discriminação ou violação dos direitos civis, mas é apenas ditado por uma situação de força maior. Se a população precisa de auxílio, é necessário que

aqueles que são directamente chamados a esse serviço público estejam em condições de o poder oferecer. A situação de emergência exige auxílio da parte do pessoal de saúde, que é precisamente a situação a exigir essa paridade, que no fim está ao serviço de um maior número.

O bioterrorismo é uma arma invisível, não barulhenta e pouco dispendiosa – definida a “bomba atômica dos pobres” – e infelizmente fácil de conseguir. É necessária uma forte coesão não apenas internacional, mas também social, porque é a nível da ética pública (tensões sociais, injustiças) que este terrível espectro se forma.



G8 – RISCO GLOBAL (*The Summit*)

Género: Acção / Ficção Científica. **Realização:** Nick Copus.
Ano: 2008. **Duração:** 171 minutos.

ARGUMENTO: Numa zona rural da Colômbia, o filho de Maria Puerta morre devido a uma doença contraída pela acção danosa de uma grande empresa farmacêutica. A mãe, destinada a fazer justiça pela morte do filho, decide recolher um tubo com sangue infectado para usar como arma biológica na Cimeira G8 que terá início em breve. Recorrendo à ajuda da sua amiga Leonie, curiosamente filha do primeiro-ministro canadiano, Maria Puerta aproxima-se dos preparativos da Cimeira e planeia fazer algo. Thom Lighthstone, da Unidade de Investigação Epidemiológica intercepta-a e juntos tentam combater a corrupção da farmacêutica junto dos líderes das grandes potências mundiais. Entretanto, a farmacêutica riposta e Leonie é assaltada e agredida, mas na luta, enquanto se defende, casualmente parte o tubo de ensaio com o sangue contaminado no pescoço do agressor. A doença é libertada e está em risco uma epidemia de escala mundial. Todos são alertados por este acontecimento, e em breve se saberá a origem da doença.

AVALIAÇÃO PASTORAL: Acima de tudo, trata-se de uma ficção de acção, à maneira de Hollywood, com violência, intriga e muito suspense. Existem, além disso, diversas problemáticas de discussão sobre bioética e moral social, seja pela farmacêutica multinacional que realiza testes ilegais com seres humanos nas recônditas regiões da Colômbia, seja pela ameaça de epidemia mundial que um simples tubo infectado com uma doença mortal pode causar. Apesar da violência que sobressai em algumas partes do filme, assim como a linguagem que algumas vezes é utilizada, do ponto de vista pastoral este filme contribui para uma boa discussão para o tópico das armas químicas e biológicas.

Bibliografia para aprofundamento dos temas

- HABERMAS, J. (2006). *O Futuro da Natureza Humana: A Caminho de Eugenia Liberal?*. Coimbra: Almedina.
- JONAS, H. (1994). *Ética, Medicina e Técnica*. Lisboa: Vega.
- LEONE, S. e PRIVITERA, S. (2001). *Dicionário de Bioética*. Vila Nova de Gaia: Perpétuo Socorro.
- PONTIFÍCIA ACADEMIA PRO VITA (1997). *Reflexões Sobre a Clonagem*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/acdlife/documents/rc_pa_acdlife_doc_30091997_clon_po.html.
- SAVATER, F. (2008). *Ética para um Jovem*. Lisboa: Dom Quixote.
- SCHOONYANS, M. (1998). *A Escolha da Vida: Bioética e População*. Lisboa: Grifo.
- SGRECCIA, E. (2006). *Aborto – O Ponto de Vista da Bioética*. Lisboa: Principia.
- SGRECCIA, E. (2009). *Manual de Bioética*. Lisboa: Principia.
- SINGER, P. (2000). *Ética Prática*. Lisboa: Gradiva.
-

Índice

Apresentação	5
1 O mundo da bioética	7
2 Dignidade e valor da vida humana	13
3 Amor e sexualidade hoje. Ainda podem ser estáveis e imutáveis?	18
4 Sexualidade e olhares humanos. Reflexões sobre as nossas atitudes afectivas	23
5 Sexualidade e castidade	27
6 Auto-erotismo e masturbação. Da procura do bem-estar ao narcisismo?	31
7 A homossexualidade hoje. Falemos dela serenamente	37
8 Relações pré-matrimoniais. Uma expressão livre do amor?	43
9 Pedofilia. Como falar dela responsabilmente? O pedófilo é uma pessoa?	47
10 Planeamento familiar e contraceção. Queremos ter um filho, ... melhor, dois	53
11 A pílula do dia seguinte	58

12	O embrião humano e a sua dignidade. Reflexões a partir da ciência	62
13	Interrupção da gravidez e aborto	67
14	A procriação assistida. Reflexões para o casal cristão	73
15	A clonagem humana. É necessário ser-se “original”?	77
16	“Melhorar” o Homem. Engenharia genética e genoma humano	81
17	A pesquisa sobre as células estaminais	85
18	Doação e transplante de órgãos. Temos deveres enquanto crentes?	90
19	O idoso. Uma reserva para a sociedade e os jovens	95
20	A eutanásia. Porque é que não beneficia a sociedade?	101
21	Droga e toxicodependência	106
22	O alcoolismo. Vício ou doença?	111
23	Perante o suicídio. Interrogações éticas	115
24	Os alimentos geneticamente modificados. São todos prejudiciais à saúde humana?	119
25	O problema ambiental. Um holocausto ecológico?	124
26	Os animais. Uma revolução ética em curso	128
27	Como deveria ser o nosso médico? Identidade do médico na sociedade de hoje	134
28	A gestão empresarial da saúde. A saúde humana num clima de “mercado”	142
29	A ética do desporto e do doping	146
30	O bioterrorismo. Reflexões éticas sobre as armas biológicas e químicas	151
	Bibliografia para aprofundamento	156

Curso dialógico sobre as novas fronteiras da vida,
da ciência e do ambiente.

Uma perspectiva dialogal entre laicidade,
catolicismo e culturas.



Este livro é uma proposta para estudantes e para aqueles que participam na formação de jovens, de casais e de famílias, mas sobretudo para o aprofundamento da problemática da bioética a nível didático. Pretende ser um instrumento útil e essencial, com linguagem simples e incisiva, para estimular o confronto e a interiorização dos valores essenciais da vida.



9 789723 015164